



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**OS GÊNEROS LITERÁRIOS NOS JORNAIS *ALMOCREVE DE PETAS* E NO
*NOVO ALMOCREVE DAS PETAS***

MARIA DO CARMO DOS SANTOS

JOÃO PESSOA
JULHO DE 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARIA DO CARMO DOS SANTOS

**OS GÊNEROS LITERÁRIOS NOS JORNAIS *ALMOCREVE DE PETAS* E NO
*NOVO ALMOCREVE DAS PETAS***

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito institucional para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura, Cultura e Tradução

Linha de Pesquisa: Estudos Literários da Idade Média ao Século XIX

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

JOÃO PESSOA
JULHO DE 2017

Catálogo na Publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237g Santos, Maria do Carmo dos.
Os gêneros literários nos jornais *Almocreve de Petas* e no
Novo Almocreve das Petas / Maria do Carmo dos Santos. - João
Pessoa, 2017.
108 f. : il. -

Orientadora: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA/PPGL

1. Literatura periódica - Portugal. 2. José Daniel Rodrigues
da Costa. 3. Almocreve de Petas. 4. Novo Almocreve de Petas.
I. Título.

UFPB/BC

CDU - 82-92(469)(043)

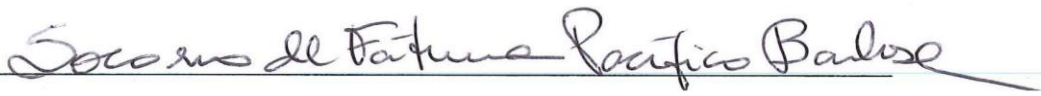
MARIA DO CARMO DOS SANTOS

**OS GÊNEROS LITERÁRIOS NOS JORNAIS *O ALMOCREVE DE PETAS* E NO
*NOVO ALMOCREVE DAS PETAS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB como requisito necessário para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Data da aprovação:

Banca examinadora



Prof.^a Dr.^a Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

Orientadora



Prof.^a Dr.^a. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)

Examinador

Prof.^a Dr. Maria Luísa Malato Borralho (Universidade do Porto)

Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem ele não teria forças para finalizar este trabalho.

À minha orientadora, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, por todo o conhecimento que compartilhou comigo, suas orientações e advertências que sempre me estimulam a melhorar enquanto pesquisadora, a minha eterna gratidão e admiração, tanto pela forma responsável com que trata o estudo dos periódicos dos séculos XVIII e XIX, quanto pela pessoa maravilhosa que é.

Aos meus pais que, mesmo distantes geograficamente, me educaram rigidamente e sempre apoiaram minhas escolhas. Aos meus irmãos, pela torcida fervorosa e por entender minha ausência em muitas reuniões familiares.

Ao meu esposo que compartilhou comigo de todas as dificuldades, alegrias, ansiedades e conquistas.

Aos meus amigos, Alexandra Dias, Michel Bernardo, Ana Elizabeth, Cristina e Solange, pelo companheirismo, torcida e orações.

Aos meus colegas de pesquisa, Valnikson Viana, Josy Kelly, Camila Burgardt, Suelen Oliveira, Pedro Isaac, Emily e Naíla e os demais, por todo o conhecimento compartilhado, discussões e inquietações. A todos os colegas do curso de Letras 2009.2.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa durante os 24 meses de pesquisa.

À Biblioteca Nacional de Portugal, à Biblioteca do Rio de Janeiro que por meio digital disponibilizaram os Periódicos consultados neste trabalho.

Às professoras, Prof. Dr^a. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB) e Prof. Dr^a Maria Luísa Malato da Rosa Borralho Ferreira da Cunha (Universidade do Porto), que participaram da minha banca de qualificação (e também da defesa). Agradeço imensamente as contribuições e sugestões acerca da pesquisa.

Aos demais professores, que de alguma forma contribuíram com a minha formação acadêmica.

RESUMO

No trabalho proposto visamos analisar a circulação dos gêneros literários: epigrama, máxima e peça teatral presentes nos periódicos: *O Almocreve de Petas* (1798-1799) e no *Novo Almocreve das Petas* (1871). Além disso, pretendemos demonstrar de que maneira o redator do *Novo Almocreve das Petas* (1871), Luiz de Araújo se “apropriou” da escrita e do nome de José Daniel Rodrigues da Costa para conquistar a atenção do público leitor da época, que não eram os letrados e sim, os das classes menos favorecidas da cidade de Lisboa. No que se refere a apropriação, entendemos com Chartier (1991, p.180) que “visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem”. Para alcançarmos o objetivo proposto, lançamos mão dos pressupostos teóricos de autores que versaram sobre a imprensa periódica dos séculos que serão aqui estudados, do conceito de literatura da época, do contexto histórico de Portugal e das demais questões concernentes a esta pesquisa. Dentre outros, citamos principalmente as contribuições de: Chartier (1991,1999), Pécora (2001), Barbosa (2007; 2010; 2012, 2015), Luca (2010) Eagleton (2006), Lajolo (2001), Martins (1987), Silva (1789) e Tinhorão (2004). Tais estudos servirão para sustentar nossas análises que serão feitas ao corpus da pesquisa.

Palavras- chave: Público leitor, José Daniel Rodrigues da Costa, Almocreve de Petas, Novo Almocreve de Petas, Gêneros Literários.

ABSTRACT

In the proposed work we aim to analyze the circulation of literary genres: epigram, maxim and play in the periodicals: *O Almocreve de Petas* (1798-1799) and *Novo Almocreve das Petas* (1871). In addition, we intend to demonstrate how the writer of *Novo Almocreve das Petas* (1871), Luiz de Araújo "appropriated" the writing and name of José Daniel Rodrigues da Costa to win the public reader's attention of that time, who were not the literate ones, but from the lower classes of the Lisbon city. Regarding appropriation, we understand with Chartier (1991, p.180) that "it aims at a social history of uses and interpretations, referred to their fundamental determinations and inscribed in the specific practices that produce them." In order to reach the proposed objective, we resort the theoretical assumptions of authors that have dealt with the periodical press of the centuries that will be studied here, the concept of literature of the epoch, the historical context of Portugal and other questions concerning this research. Among others, we mention mainly the contributions of: Chartier (1991,1999), Pécora (2001), Barbosa (2007, 2010, 2012, 2015), Luca (2010) Eagleton (2006), Lajolo (2001), Martins (1987), Silva (1789) and Tinhorão (2004). Such studies will serve to support our analyzes that will be made to the corpus' research.

Keywords: public reader, José Daniel Rodrigues da Costa, Almocreve de Petas, Novo Almocreve de Petas, Gêneros Literários.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ALMOCREVE DE PETAS E O NOVO ALMOCREVE DAS PETAS.....	20
1.1 José Daniel Rodrigues da Costa: os poetas e as condições de escrita de seu tempo	31
1.2 Literatura nos séculos XVIII e XIX	41
1.3 A literatura e a imprensa periódica	44
1.4 Os folhetos jocosos.....	45
2. A APROPRIAÇÃO DO NOME DE JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA	51
2.1 O Almocreve de Petas e O Novo Almocreve das Petas: aproximações e distanciamentos	51
2.2 Dois periódicos, três redatores, as mesmas mulheres	56
3. OS GÊNEROS LITERÁRIOS E SUAS TRANSFORMAÇÕES NOS PERIÓDICOS ALMOCREVE DE PETAS E NO NOVO ALMOCREVE DAS PETAS	62
3.1 O que não tem no <i>Almocreve de Petas</i> , ou <i>moral disfarçada para correção das miudezas da vida</i> : o caso do teatro.....	63
3.2 O Epigrama: de inscrição a poesia	72
3.2.1 O epigrama no periódico <i>O Novo Almocreve das Petas</i>	77
3.3 A interferência dos leitores para a circulação e a modificação de textos que circularam no <i>Almocreve de Petas</i> e no <i>Novo Almocreve das Petas</i>	80
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
TÍTULOS DE OBRAS ATRIBUÍDAS A JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA ENCONTRADOS NO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA	99

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa de cada parte do periódico <i>Almocreve de Petas</i> (1798-1799).....	20
Figura 2 - Citação do periódico <i>Almocreve de Petas</i>	22
Figura 3 - Citação do Tomo I do periódico <i>Almocreve de Petas</i>	24
Figura 4 - Citação do Tomo I do periódico <i>Almocreve de Petas</i>	25
Figura 5 - Prólogo do Tomo II do periódico <i>Almocreve de Petas</i>	26
Figura 6 - Frontispício do periódico <i>O Novo Almocreve das Petas</i>	28
Figura 7 - Citação do prólogo de José Daniel Rodrigues da Costa copiado no <i>Novo Almocreve das Petas</i>	29
Figura 8 - Folheto <i>O bom dia para os homens de bem</i> , de José Daniel Rodrigues da Costa.....	39
Figura 9 - Citação do Tomo I do <i>Almocreve de Petas</i>	47
Figura 10 - Fragmento do tomo I do <i>Almocreve de Petas</i>	48
Figura 11 - Trecho do tomo I do <i>Almocreve de Petas</i>	49
Figura 12 - Fragmento do tomo I do <i>Almocreve de Petas</i>	50
Figura 13 - Fragmento do tomo I do <i>Almocreve de Petas</i>	51
Figura 14 - Prólogo do <i>Novo Almocreve das Petas</i>	52
Figura 15 - Fragmento do tomo II do <i>Almocreve de Petas</i>	54
Figura 16 - Fragmento do <i>Novo Almocreve das Petas</i>	56
Figura 17 - Fragmento do <i>Novo Almocreve das Petas</i>	56
Figura 18 - Trecho do periódico <i>Almocreve de Petas</i>	57
Figura 19 - Resposta à carta de Victorino Aniceto Zagal de Souza no tomo II do <i>Almocreve de Petas</i>	58
Figura 20 - Trecho do periódico <i>Almocreve de Petas</i>	59
Figura 21 - Trecho do periódico <i>O Novo Almocreve das Petas</i>	60
Figura 22 - Fragmento do Tomo II do <i>Almocreve de Petas</i>	63
Figura 23 - Peça que circulou no periódico <i>O Novo Almocreve das Petas</i> (1871).....	64
Figura 24 - Anúncios de peças teatrais presente no <i>Novo Almocreve das Petas</i>	66
Figura 25 - Peça teatral que circulou no <i>Novo Almocreve das Petas</i>	67
Figura 26 - Peça de José Daniel Rodrigues da Costa.....	68
Figura 27 - Fragmento da peça <i>A casa de pasto</i> , de José Daniel Rodrigues da Costa.....	69
Figura 28 - Peça de José Daniel Rodrigues da Costa.....	70
Figura 29 - Epigrama que circulou no <i>O Novo Almocreve das Petas</i> (1871).....	79

Figura 30-	Fragmento da <i>Carta que o cavalheiro de Bragas costumado a pesadelos escreveu ao seu amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta variedade e gosto</i>	81
Figura 31-	Fragmento do periódico <i>O Novo Almocreve das Petas</i>	82
Figura 32-	Escrito que circulou no periódico <i>O Novo Almocreve das Petas</i>	83
Figura 33-	Trecho do periódico <i>O Novo Almocreve das Petas</i>	85
Figura 34-	Fragmento do <i>Novo Almocreve das Petas</i>	85
Figura 35-	Fragmento do <i>Novo Almocreve das Petas</i>	86
Figura 36-	Fragmento do <i>Novo Almocreve das Petas</i>	86
Figura 37-	Trecho do <i>Novo Almocreve das Petas</i>	87
Figura 38-	Fragmento do <i>Novo Almocreve das Petas</i>	87
Figura 39-	Trecho do <i>Novo Almocreve das Petas</i>	88
Figura 40-	Trecho do <i>Novo Almocreve das Petas</i>	90
Figura 41-	Excerto do <i>Novo Almocreve das Petas</i>	89
Figura 42-	Escrito que circulou no <i>Novo Almocreve</i> acerca do caráter da mulher.....	91

INTRODUÇÃO

Em 2012, ano em que iniciei no universo da pesquisa, pude ter meu primeiro contato com os jornais e periódicos dos séculos XVIII e XIX. Nesse primeiro momento, integrei o projeto *A Educação dos Sentidos: O Amor e Suas Encenações na Literatura Brasileira do Século XIX (1830-1860)*, da professora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, que teve como plano de pesquisa: *O amor e suas encenações em Alva, jornal literário e O Recriador Mineiro: periódico literário (1845)*. Essa pesquisa teve por objetivo mostrar as várias formas de amor contidas nos escritos oitocentistas, não apenas aquele concebido e consagrado pelos autores canônicos do romantismo, mas também outros tipos, como o sensual e o patológico (conceito de GAY 1990), conforme foi demonstrado após a análise do corpus: os jornais oitocentistas: *Alva (1850, jornal paraibano)*, e *O Recriador Mineiro (1845, periódico mineiro)*. Foi a partir da leitura deste último periódico que começamos a nos interessar pela forma como a mulher era representada, isto é, como fútil, fofoqueira e namoradeira. Ao analisarmos outros jornais e periódicos tanto do século XVIII quanto do XIX, percebemos que essa representação era a mesma, já que, de acordo com Chartier (1991, p. 173), a forma como se representam os objetos está estritamente ligada ou as estratégias de escrita e das intenções do autor, ou às decisões do editor ou de uma exigência da oficina de impressão. Isto é, o fato da representação da mulher ser daquela maneira, no periódico de José Daniel, era para cumprir os propósitos de uma dessas instâncias.

Já do segundo plano de trabalho: *As cartas em O Almocreve de Petas*¹, de José Daniel Rodrigues da Costa, (1798-1799), integrante do projeto, *Ler e escrever nos folhetos jocosos lusos dos séculos XVIII E XIX*, pudemos compreender que, para escrever cartas no século XVIII, era preciso ter o conhecimento das técnicas retóricas responsáveis pelo desenvolvimento desse gênero. Para isso, fazia-se uso dos secretários (manuais de escrever cartas). Cito o *Secretário Português* (1801), de Francisco José Freire como um dos mais conhecidos do período. O objetivo dessa pesquisa consistiu em analisar como o editor do folheto periódico *O Almocreve de Petas*, José Daniel Rodrigues da Costa se utilizou dessas técnicas para lançar sátiras à sociedade portuguesa de sua época. Constatamos também a presença da hibridização dos gêneros (PÉCORA, 2001) isto é,

¹ Atualmente em desuso, (no Brasil) as palavras almocreve e petas significam respectivamente: almocreve, homem que leva encomendas e cargas. E petas são graças chulas, mentiras enganosas, isto é enganar com graças, segundo SILVA (1789).

cartas que possuíam características de outros escritos, como o romance folhetim, que conforme MEYER (1996), só surgiria posteriormente, no século XIX.

O livro *História de Portugal* (1987), do historiador Oliveira Martins, foi de fundamental importância para que pudéssemos compreender a alegoria feita em uma das cartas do periódico *O Almocreve de Petas* (1798-1799), à cidade de Lisboa. Também foi o responsável por compreendermos a sátira que José Daniel fazia, constantemente no periódico em análise, a alguns lugares comuns, como ao taul, (atualmente: festeiro, vagabundo, almofadinha) a mulher e aos costumes da sociedade lisboeta.

Dentre os vários escritos teóricos que lemos no decorrer da pesquisa PIBIC, o artigo *Imprensa Periódica em Folhetos de Cordel* (2012), de Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, foi o responsável pela elaboração do pré-projeto de mestrado que resultou na escrita desta dissertação. Nele, pudemos compreender um pouco mais acerca de José Daniel Rodrigues da Costa, redator do *Almocreve de Petas: ou moral disfarçada para a correção das miudezas da vida* (1798-1799), bem como, descobrimos, através do artigo da autora, o folheto periódico *O Novo Almocreve das Petas: livro alegre e folgazão no gosto do antigo Almocreve de Petas do célebre José Daniel Rodrigues da Costa* (1871), do redator Luís de Araújo, que teve Joaquim José Bordalo como coeditor².

A partir da descoberta desse *Novo Almocreve* e feita a sua leitura, veio-nos os seguintes questionamentos: O que levou os editores desse *Novo Almocreve* a se apropriarem, no século XIX, do folheto periódico jocoso de José Daniel? Por que eles não se aproveitaram de algumas cartas do *Almocreve de Petas*, que pareciam ter feito tanto sucesso no periódico Setecentista de José Daniel, a exemplo da carta onírica escrita por um suposto D. Sonho Sonhé, que por perpassar os dois tomos do periódico do século XVIII, aparentam ter sido sucesso de público dado à regularidade dessa missiva em praticamente todas as edições do periódico? As máximas do Velho de Romulares, também recorrentes no periódico de José Daniel, estão ausentes no do século XIX. Essas máximas, que são conselhos que o “Velho de Romulares”, deixa ao seu neto, antes de falecer, alertando-o e ensinando-o a se desvencilhar dos perigos do mundo, iniciam-se na parte 3 do tomo I do primeiro *Almocreve de Petas* e continuam até a parte 90 do tomo II.

² Nas citações deste trabalho nos referiremos a Joaquim José Bordalo como também como redator do periódico, já que, mesmo que, oficialmente seja apenas o coeditor, ao longo do periódico podemos perceber que ele também participava do processo de organização dos escritos que eram publicados nesse suporte.

Sendo assim, pretendemos neste trabalho, dar visibilidade a alguns gêneros antigos que eram bastante lidos nos séculos XVIII e XIX e foram se modificando ao longo do tempo, já que, de acordo com Pécora (2001, p. 12), “o gênero não tem de ser puro ou inalterável em suas disposições” que, na época de sua circulação, já eram consagrados, mas que atualmente ficaram esquecidos pela historiografia literária, a exemplo do epigrama e da máxima, gêneros que serão explicados e analisados mais adiante neste trabalho. Em relação ao gênero teatral, pretendemos resgatar a importância dele no seu contexto de enunciação e para a história da literatura. Esta pesquisa objetiva, ainda, demonstrar, a forma como Joaquim José Bordalo e Luiz de Araújo, copiaram o periódico *O Almocreve de Petas: ou moral disfarçada para a correção das miudezas da vida* (1798-1799). Esse periódico é um agrupamento de folhetos jocosos, ou seja, de escritos que “fazem rir” (SILVA, 1789, p. 778) escritos por José Daniel Rodrigues da Costa (1757-1832). Circulou na cidade de Lisboa, Portugal e abrigava diversos tipos de escritos, como: notícias, gêneros poéticos, charadas, cartas entre outros. Isto é, Luís de Araújo se apropriou do modelo de escrita, do estilo literário e do nome de José Daniel para compor *O Novo Almocreve das Petas* (1871), que possuía praticamente a mesma estrutura e o mesmo objetivo e que também circulou na mesma cidade e país do *Almocreve*, contudo, em séculos diferentes. O redator visava assim conquistar o público leitor da cidade de Lisboa, do século XIX, com o intento de que comprassem e lessem os números de seu periódico. Em relação à apropriação, entendemos com Chartier (1991), que:

Visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as ideias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1991, p. 180).

Isto é, a apropriação de um bem cultural nasce da demanda de um público que possa atribuir sentido a uma determinada obra apropriada, pois como afirma Chartier, as obras não são invariantes e, além disso, seus usos e apropriações dependem das práticas sociais. Sendo assim, o fato dos redatores do *Novo Almocreve das Petas* (1871), apossarem-se do estilo de escrita e também de um dos periódicos mais lidos de José

Daniel, *Almocreve de Petas*, deve-se ao fato de que, a época de circulação dos folhetos de José Daniel, coincidiu com o começo do surgimento de um novo público leitor representado por pessoas das classes populares que até então não tinha acesso à leitura livresca e sendo assim, viram na imprensa periódica a oportunidade de ter acesso a esse bem cultural. Nesse sentido, pelo fato do *Almocreve* ter feito tanto sucesso no século XVIII, despertou nos redatores Bordalo e Araújo o interesse em continuar se utilizando desta estratégia para conseguir assinantes para o *Novo Almocreve*.

Podemos inferir então, que o sucesso dos escritos de José Daniel se deva justamente pelo fato do autor conseguir moldar seus folhetos ao gosto desse novo público, que por não ter ainda contato com textos eruditos, pôde compreender os conteúdos que neles eram transmitidos. Vale salientar que nossa intenção não é, de forma alguma, diminuir esses leitores “inexperientes” no hábito da leitura, e sim, demonstrar como aponta Chartier (1999) que “há uma grande diferença entre os letrados talentosos e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que leem para poder compreender” (p.13). Nesse sentido, Bordalo e Araújo almejando conseguirem o mesmo sucesso, copiaram, no final do século XIX, o periódico e o estilo do redator e poeta setecentista. Ressaltamos ainda que esse aproveitamento de um novo público (aquele que ainda não estava acostumado com o hábito da leitura), a nosso ver, não se restringiu apenas aos redatores dos dois periódicos estudados neste trabalho, pois é de se imaginar que esse seja o motivo dos escritos que circulavam na imprensa periódica alcançarem um público tão considerável.

O corpus de nossa pesquisa é composto dos escritos jocosos que circularam nos periódicos: *Almocreve de Petas* (1798-1799) e no *Novo Almocreve de Petas*, com ênfase nos gêneros: máxima, peça teatral e epigrama. Uma das missivas que faziam parte das que integravam o *Almocreve de Petas* intitulada *Carta, que o Cavalheiro de Bragas costumado a pesadelos escreveu ao seu Amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta Variedade e gosto* foi objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso de Santos (2014). O resultado da pesquisa demonstrou que essa missiva já seria um possível início da forma do que viria a ser o romance em folhetim, que era, Segundo Marlyse Meyer (1996), uma espécie de romance escrito para ser publicado no suporte jornal, em pequenas partes. Ou seja, buscaremos demonstrar como os redatores se

apropriaram desses gêneros e também do folhetim³ (enquanto suporte presente nos jornais) que era destinado à publicação de textos que tinham a finalidade de entreter o público leitor, como estratégia para conseguir novos leitores para seu periódico e manter os que já possuíam.

Quando dissertamos sobre a literatura, dos séculos XVIII e XIX, precisamos abandonar o conceito que atualmente temos do termo em questão. Nesse sentido, nos apoiaremos nos pressupostos teóricos de: Eagleton (2006), Figueiredo (1862) e Abreu (2003), para explanarmos o que significava o termo literatura na época em que o corpus de nosso trabalho circulou.

Podemos perceber um número significativo de autores da literatura portuguesa que ficaram esquecidos pela historiografia literária, mesmo seus escritos tendo sido bastante lidos na época de sua circulação. José Daniel Rodrigues da Costa é um claro exemplo disso, o “Josino Leiriense” foi sem dúvida um dos escritores portugueses do século XVIII mais lidos em seu tempo (BARBOSA, 2012). Seus escritos de cunho popular e satírico ganharam tanta visibilidade e aceitação por parte dos leitores, que despertou a ira de um dos autores mais reconhecidos do período: Du Bocage. (BARBOSA, 2012). O poeta setecentista não aceitou muito bem disputar a leitura de seus versos com outro que não possuía a mesma erudição que ele. Mesmo assim, José Daniel conseguiu uma notoriedade significativa. Tal afirmação é feita baseada na leitura de vários periódicos do autor, o que foi possível constatar que, o fato de insistir em temas corriqueiros como a sátira à mulher, ao taul (janota, peralta, indivíduo dado aos prazeres), e à própria cidade de Lisboa agradava ao seu público leitor, pois isso justifica o fato do escritor insistir nessas temáticas.

Nesse sentido, almejamos contribuir com a historiografia literária, restaurando as práticas culturais e discursivas dos séculos XVIII e XIX. Assim, esse trabalho será importante porque entendemos que a pesquisa na imprensa periódica dos séculos que serão analisados (XVIII e XIX) mostra-se interessante por demonstrar a dívida que a literatura mantém com o jornal, pois foi através dele que ela popularizou-se. Ou seja, muitos romances antes de serem publicados em livros, como hoje os conhecemos, foram, anteriormente, publicados em forma de romance folhetim em vários jornais, de países diversos. (MEYER, 1996).

³ É importante ressaltar a diferença entre romance em folhetim e folhetim, pois enquanto o primeiro é uma espécie de romance publicado em “fatias”, o segundo era um espaço do jornal destinado a publicação de diversos gêneros. (MEYER, 1996).

Além disso, já foram escritos diversos trabalhos tendo os jornais e periódicos como fonte de pesquisa a exemplo de Barbosa (2007), Luca (2005), Meyer (1996), Sodré (1977), Zilberman (2003), entre outros. Entretanto, ainda não se pesquisou, profundamente, nem os periódicos nem tampouco o tema que está sendo proposto nesse pré-projeto, isto é: analisar como e porque Joaquim José Bordalo e Luís de Araújo se apropriaram do periódico *O Almocreve de Petas* (1798-1799), de José Daniel Rodrigues da Costa.

Interessa-nos também, demonstrar a importância de alguns gêneros literários (a peça o epigrama e a máxima) que circularam nos periódicos: *Almocreve de Petas* (1798-1799) e no *Novo Almocreve das Petas* (1871).

Mesmo que não existam muitos trabalhos acadêmicos sobre a produção de José Daniel Rodrigues da Costa, o autor foi bastante reconhecido em seu tempo. Sendo ele mesmo o divulgador e vendedor de seus escritos (BARBOSA, 2012) o escritor ganhou notoriedade com sua coleção de folhetos jocosos, que foram compilados posteriormente e transformados no periódico *Almocreve de Petas, ou moral disfarçada para correção das miudezas da vida*. Essa coleção foi publicada pela primeira vez de 1798 a 1799 e ganhou uma nova edição em 1819 (a que será utilizada em nosso trabalho). Praticamente esquecido nas academias, o autor português foi denominado por Machado de Assis como um fanqueiro⁴ literário. Em uma crônica publicada no jornal *O Espelho* (1859), cujo título é *Os fanqueiros literários*, Machado de Assis cita José Daniel como exemplo:

Desde José Daniel, o apóstolo da classe- esse modo de vida tem alargado a sua espera- e, por mal de pecados, não promete ficar. O fanqueiro literário é um tipo curioso. Falei em José Daniel. Conheceis esse vulto histórico? Era uma excelente organização que se prestava perfeitamente à autopsia. Adélo ambulante da inteligência, ia farto como um ovo, de feira, em feira, trocar pela azinhavrada moeda, o frutinho enfezado de suas lucubrações literárias [...] o folheto esperava sempre os incautos, como a *Pharsalia* hebdomadária das bolsas mal avisadas. A audácia ia mais longe. Não contente de suas especulações

⁴ O sentido literal da palavra desse termo no Dicionário da Língua Portuguesa (letras A-K), de Antônio de Moraes Silva, significa: FANQUEIRO: £ m. mercador que vende lençaria de linho, ou algodão.

Já o fanqueiro literário, para Machado de Assis, significava “um prosador novato”, isto é, aquele que ainda não tem a habilidade com a escrita literária e, assim, mesmo, atreve-se a escrever. “O fanqueiro literário é uma individualidade social e marca uma das aberrações dos tempos modernos [...] fazer do talento uma machina, e uma machina de obra grossa movida pelas probabilidades financeiras do resultado, é perder a dignidade do talento, e o pudor da consciência” (Machado de Assis, em *O Espelho*, (1859). Disponível na Biblioteca Nacional:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700037&PagFis=15&Pesq=machado>>. Acesso em 02 Jun. 2016.

pouco airosas, levava o atrevimento ao ponto de satirizar os próprios fregueses – como em uma obra em que embarcava, diz ele, os tolos de Lisboa para uma certa ilha. (O ESPELHO, 1859, nº II, p. 1).

Apesar das palavras de Machado, é importante salientar que José Daniel Rodrigues da Costa escrevia para um novo público leitor que emergia no final do século XVIII, e que não era o mesmo que o machadiano, isto é, composto essencialmente pela elite branca feminina. Ao contrário deste, o de José Daniel era o de um público leitor popular, que começava a ser escolarizado (TINHORÃO, 2004) e consequentemente iniciado na prática da leitura. Denominado por Machado de Assis, como um adelo, espécie de vendedor ambulante (SILVA, 1789), José Daniel tem seus escritos satirizados pelo autor brasileiro. No entanto, mesmo sendo mencionado por Machado, de forma negativa, o fato de essa crítica ser feita, no Brasil, 27 anos após a morte do “Josino Leiriense” e 60 anos da primeira edição do *Almocreve de Petas* (1798-1799), atesta a importância desse autor na história da literatura. Em outra passagem de sua crônica, Machado de Assis, ainda em relação aos fanqueiros literários, afirma que José Daniel é o apóstolo da classe. O autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* declara que, o fanqueiro literário:

Justifica plenamente o verso do poeta; não ama ao louvor, ama ao dinheiro. O entusiasmo da ode mede-o ele pelas probabilidades econômicas do elogiado. Os banqueiros são então os arquétipos da virtude sobre a terra; tese difícil de provar. [...] chovem-se assim, as assinaturas. O livrinho se prontifica e sai a lume [...] mas tudo isso é causado pela falta de inquisição literária! Que espetáculo não seria ver evaporar-se em uma fogueira inquisitorial tanto opio encadernado que por aí anda enchendo as livrarias. (O ESPELHO, 1859, nº II, p. 2).

É evidente o incômodo que os escritores de cunho popular causavam em Machado de Assis, e o fato de representar sua insatisfação a essa nova geração de literatos por meio de José Daniel Rodrigues da Costa, atesta novamente a importância desse autor para a historiografia literária. De acordo com Machado, os fanqueiros, grupo do qual José Daniel fazia parte, é uma aberração moderna e finaliza sua crônica alertando os “caracteres sérios”, a abafar a leitura deste tipo de escritor. Esses mesmos “Caracteres sérios” são mencionados nos escritos de José Daniel seis décadas antes em seu periódico *O Almocreve de Petas*, mas com outras denominações, como “homem aplicado de negócios”, “leitor aplicado” (ALMOCREVE DE PETAS, 1819, Tomo I.

p.1). Ou seja, parece-nos um jogo persuasivo de conseguir a aprovação do público leitor para a aceitação das ideias por eles defendidas.

Além de Machado, há ainda outros autores que se incomodaram com o estilo de José Daniel, a exemplo de Manuel Maria du Bocage (1765-1805), como é possível observar em algumas das poesias desse autor e que serão analisadas no decorrer dessa pesquisa. A diferença é que ele não apenas se importava com os escritos do rival, mas também, de certa forma, pelo teor de suas críticas em relação aos escritos de José Daniel, podemos perceber certa inveja de seu sucesso literário. Nos capítulos que se seguem, neste trabalho, analisaremos algumas poesias de Bocage nas quais podemos perceber essa crítica aos escritos do Josino Leiriense.

Dessa forma, no primeiro capítulo, apresentaremos a história dos periódicos, *Almocreve de Petas: ou moral disfarçada para a correção das miudezas da vida* (1798-1799) e *O Novo Almocreve das Petas* (1871). Também apresentaremos alguns traços biográficos do escritor e redator José Daniel Rodrigues da Costa. Ressaltamos que a lacuna no que se refere à biografia dos redatores do *O Novo Almocreve das Petas* (Joaquim José Bordalo e Luiz de Araújo) se deve ao fato de não termos encontrado registros de fato da vida deles. Sabemos que esses redatores existiram, ou pelo menos, alguém fazendo uso de pseudônimos, pela existência do *O Novo Almocreve das Petas*, como também pela menção deles no Dicionário Bibliográfico Português, de Inocêncio Francisco da Silva. Afora o conhecimento de que Bordalo e Araújo eram donos da Livraria Bordalo⁵, e que aquele foi vereador, não conseguimos encontrar mais nada de substancial sobre esses autores.

⁵ No site Google Books, encontramos uma lista de livrarias e de seus respectivos proprietários, dentre os quais, aparece o nome de Joaquim José Bordalo. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=b1NvolrQ7ocC&pg=PA297&lpg=PA297&dq=Livraria+Editora+d e+Joaquim+Jos%C3%A9+Bordalo&source=bl&ots=8lKaIBcOxu&sig=yirfXRek4fBAxeONlyKQOaGuqk&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwiIvqydyanOA hVGhpAKHePODK0Q6AEIKjAA#v=onepage&q=Livrar ia%20Editora%20de%20Joaquim%20Jos%C3%A9%20Bordalo&f=false>>. Acesso em 02 jun. 2017. Já em outro site, verificamos a existência de outras obras que saíram pela “Livraria Editora”, de Joaquim José Bordalo: <https://www.esec.pt/pagina/cdi/ficheiros/docs/CATALOGO_CORDEL.pdf>. Acesso em 02 jun. 2017. Luis de Araújo e José Joaquim Bordalo também escreveram outras obras além do *O Novo Almocreve de Petas*, a exemplo de “A carreira do Sr. Carreira : chuveiro de Calembourgs : scena cômica para theatro e sala”, como é possível observar no seguinte link: <<http://www.worldcat.org/title/carreira-do-sr-carreira-chuveiro-de-calembourgs-scena-comica-para-theatro-e-sala/oclc/7868832>>. Acesso em 02 jun. 2017. E por fim, no site a seguir, encontramos outros títulos atribuídos a Luis de Araújo e publicadas pela Livraria Bordalo: <http://catalogolx.cmlisboa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=147037QM449R0.109801&profile=rbml&uri=link=3100018~!476352~!3100024~!3100022&aspect=basic_search&menu=search&ri=7&source=~!rbml&term=Ara%C3%BAjo%2C+Lu%C3%ADs+de%2C+1833-1908&index=AUTHOR>. Acesso em: 02 jun. 2017.

Ainda no primeiro capítulo, dissertaremos sobre o contexto histórico e as formas de produção em que José Daniel e os escritores contemporâneos a ele publicavam seus escritos. Também faremos uma contextualização acerca dos folhetos jocosos, principalmente no que se referem aos escritos jocosos portugueses.

No segundo capítulo, mostraremos algumas comparações existentes entre os dois periódicos analisados e demonstraremos a forma como Bordalo e Araújo se apropriaram do formato e dos conteúdos do jornal periódico de José Daniel Rodrigues da Costa.

Já no terceiro e último capítulo, faremos um estudo sobre os gêneros: peça teatral e epigrama, com o intuito de demonstrar que não havia uma uniformidade dos gêneros literários que circulavam nos jornais e periódicos dos séculos XVIII e XIX. Também ressaltaremos a interferência dos leitores dos dois periódicos analisados para a circulação desses gêneros que circularam nos periódicos, *Almocreve de Petas: ou moral disfarçada para a correção das miudezas da vida* e no *Novo Almocreve das Petas: livro alegre e folgazão no gosto do antigo Almocreve de Petas do célebre José Daniel Rodrigues da Costa*. Nosso objetivo, neste tópico do capítulo, é mostrar a representação que os redatores dos dois periódicos citados faziam de seus leitores, levando em consideração o marco temporal de cada um deles.

1 ALMOCREVE DE PETAS E O NOVO ALMOCREVE DAS PETAS

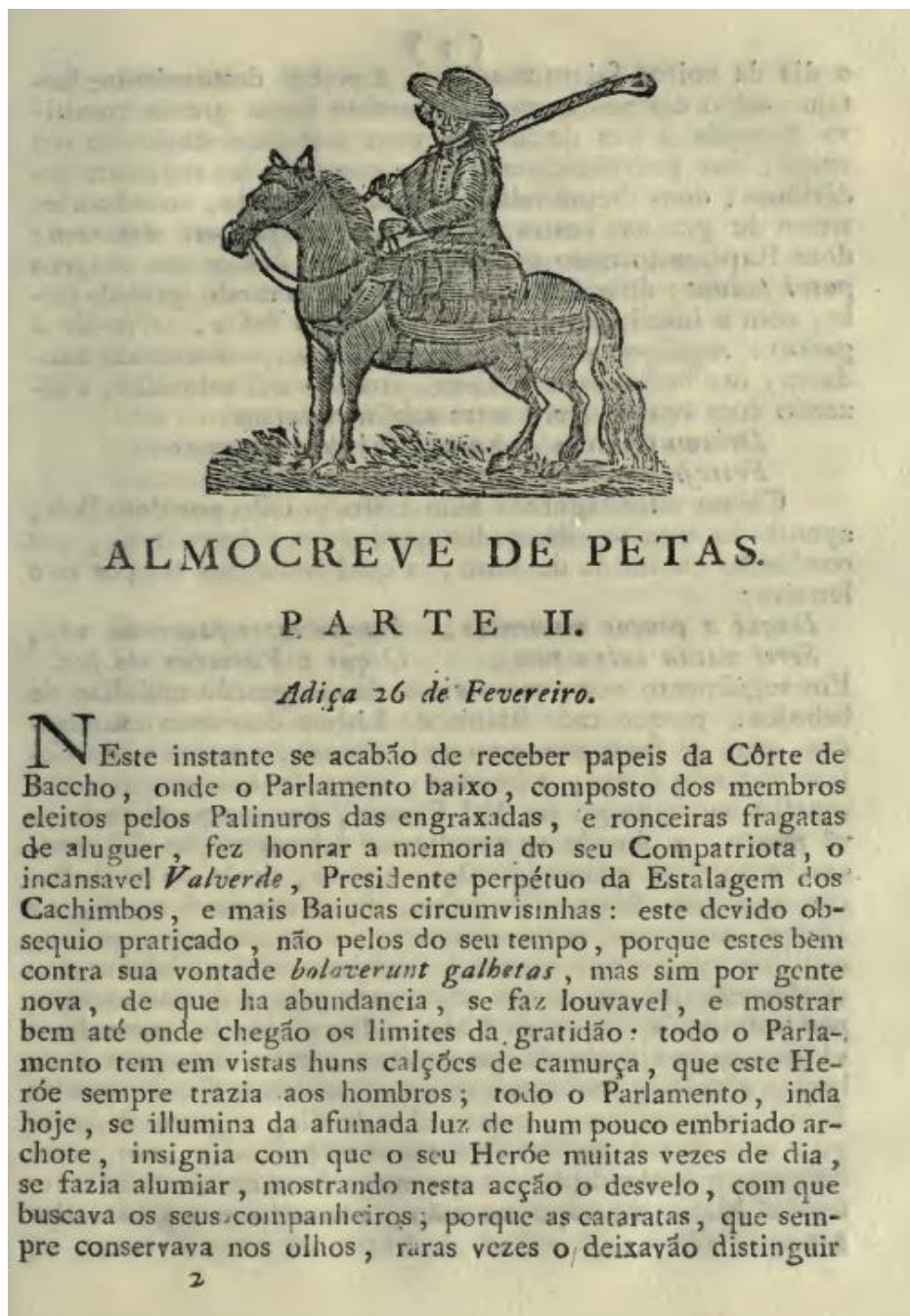
A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2006, p. 84).

O folheto periódico *Almocreve de Petas*⁶ ou *moral disfarçada, para correção das miudezas da vida*, de José Daniel Rodrigues da Costa, alcunhado também pelo pseudônimo de “Josino Leiriense”, circulou em Portugal, mais precisamente na cidade de Lisboa de 1798 a 1799 (para este trabalho utilizaremos a segunda edição 1819, de J. M. F. de Campos, pois não conseguimos ter acesso à primeira edição) e era impresso na Oficina de Simão Thadeu Ferreira. O periódico de José Daniel era enumerado por partes, compostas por oito páginas em cada publicação. Tinha como principal objetivo “satirizar alguns costumes da sociedade portuguesa do século XVIII. O editor causou estranhamento, pelo fato de suas publicações possuírem conteúdos exacerbadamente jocosos, o que se desviava das regras aceitas como normais para sua época”. (BARBOSA, 2012). O folheto periódico *Almocreve de Petas: ou moral disfarçada para a correção das miudezas da vida*, é pouco conhecido na atualidade, dividido em dois tomos que abrigava os mais variados gêneros textuais, dentre os quais destacamos: cartas, gêneros poéticos, máximas e notícias. Dentre esses, a carta é predominante e através dela o editor aborda temas banalizados e que faziam parte do cotidiano da época, satirizando alegoricamente, a sociedade lusitana do século XVIII. Cada parte do periódico de José Daniel continha a imagem abaixo:

Figura 1 – Capa de cada parte do periódico *Almocreve de Petas* ⁷(1798-1799)

⁶ Uma das cartas do *Almocreve de Petas* foi objeto de estudo do meu Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau de licenciatura em Letras habilitação em Língua Portuguesa cujo título foi: A sátira e as técnicas retóricas nas cartas jocosas do *Almocreve de Petas* (1798- 1799).

⁷ Ressaltamos que a indicação das páginas é referente a cada parte do periódico, que eram compostas por 8 páginas. Isto é, não diz respeito à contagem da forma como aparece no arquivo digital completo, por isso a repetição de alguns números de páginas.



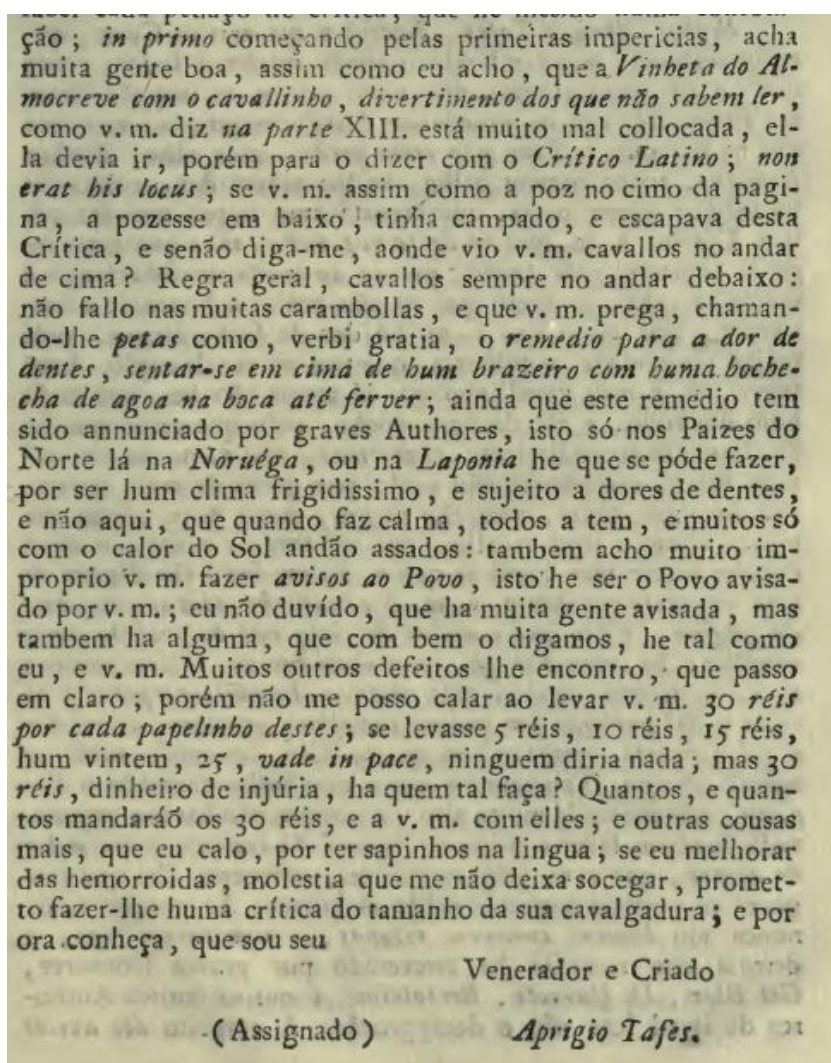
Fonte: ALMOCREVE DE PETAS (1819, tomo I, parte II, p. 2).

A imagem certamente faz jus ao nome do *Almocreve de Petas*, basta relembrarmos que o significado de “almocreve” é designado para pessoas que levam cargas. No caso do periódico de José Daniel, refere-se a “cargas de mentiras”, pois o autor Português se utilizava de artifícios retóricos para dizer a verdade por meio de “mentiras”. Isto é, o redator ressalta em várias partes de seu periódico que não tem a obrigação para com a verdade e que é apenas um mero contador de petas. No entanto, podemos perceber que seus escritos eram recheados de sátiras a sociedade da época.

Sendo assim, o artifício de “contar mentiras dizendo a verdade” era certamente um dos modos de escapar à censura da época, pois, embora em diversos textos o autor se mostre defensor dos bons costumes, em diversos escritos do *Almocreve de Petas*, ele se apresenta contrário a essa moral e aos bons costumes pregados a época.

A imagem acima foi alvo se críticas de supostos leitores, que escreviam ao redator, José Daniel para reclamar da posição em que ela era geralmente posta, ou seja, no frontispício de cada folheto. No fragmento que iremos observar, abaixo, podemos perceber um suposto leitor, denominado de Aprígio Tafes, que escreve ao redator para reclamar da imagem em análise:

Figura 2 – Citação do periódico *O Almocreve de Petas*



Fonte: ALMOCREVE DE PETAS (1819, Tomo I, p. XXXIX, p. 3).

Podemos supor que a missiva acima não tenha sido redigida por um leitor real e sim, talvez pelo próprio redator (BARBOSA, 2012), pois o modo como as palavras são harmonizadas para configurar a crítica, avessa ao periódico é tão absurda que nos faz depreender que seja uma invenção José Daniel justamente para ridicularizar possíveis sátiras reais, isto é, o autor da correspondência censura uma coisa irrelevante, já que, o fato da vinheta com o cavalo vir abaixo ou acima da página, não tem nenhuma importância e não afeta de forma alguma o conteúdo do periódico. Em outro escrito atribuído a Sá Vedra, cujo título é *Carta que de Coimbra escreveram ao Editor*, podemos perceber um outro “leitor” que escreve ao editor do *Almocreve de Petas* não para criticar e sim elogiar o periódico⁸:

Com a maior admiração tenho comprado, e lido a Collecção do seu Almocreve de Petas, e louvando-lhe muito a dificuldade, a que se propoz, visto que vai desempenhando o prometido: he certo, que té quinto, ou sexto folheto eu disse comigo, que tão impossivel era a sua continação, como sua venda, pois que o povo tanto se chocava inda para as cousas da primeira necessidade em tempos tão críticos [...] Tudo Lisboa come, e de tudo Lisboa se veste: ninguem falta a estas cerimoniaes; os theatros tem enchentes, [...] ao Domingo he preciso empenho para huma sege, nada se faz de graça, a moda corre a pezar da choradeira do não tenho, não entendo, dizia certo doido vide santarem. Ora combinando o que assim fica dito, com o diminuto preço de 40 réis, que custa o seu folheto, devo affoitamente rogar-lhe que não pare com as petas, porque está sabido, que todos tem para tudo [...] Sou obrigado a confessar, que o tal Editor tem talentos, e propensão para as gracinhas [...] Deos lhe prolongue a vida para desterro da nossa melancolia, e lhe dê a.v.m, e a elle tantos 40 réis, como de petas nos encaixão, sirva-se da minha amizade, que sempre experimentará no seu Muito Amigo.

Sa Vedra (ALMOCREVE DE PETAS, 1819,Tomo II, pp. 141-143)

Podemos verificar, na citação acima, mais uma participação de supostos falsos leitores em periódicos, pois de acordo com Barbosa (2015):

A primeira das estratégias utilizadas pelos editores dos periódicos dos séculos XVIII, com penetração até o fim do XIX, diz respeito ao uso do encobrimento, ou da *dissimulation* (LAUSBERG,1967), técnica retórica que consiste em encobrir e dissimular os procedimentos de escrita [...]. Partilhada e compreendida pelos leitores, estas astúcias vão além de

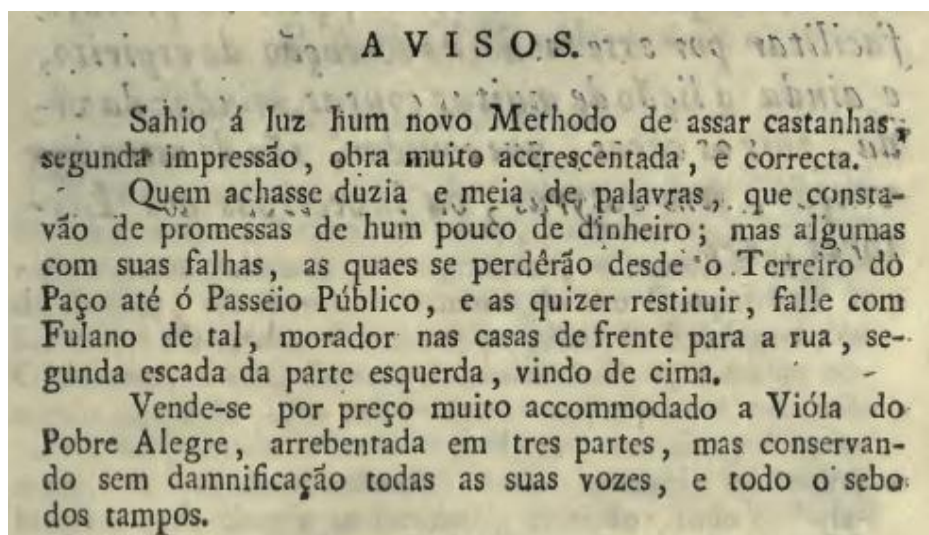
⁸ Ressaltamos que o fato desta citação está transcrita, e não em forma de figura como as demais, se deve ao fato de termos feito vários recortes no escrito. Sendo assim, se fossemos colocar a imagem, a citação ficaria muito extensa, tornando-se enfadonha.

pseudônimo, do anonimato, das letras invertidas. Eles incluem [...] ilustrações ou gravuras. (BARBOSA, 2015, p.61).

Nesse sentido, subtemos que o propósito da missiva em análise é conseguir a aceitação dos leitores para os escritos jocosos de José Daniel, visto que, o redator satirizava constantemente os fatos políticos e sociais que estavam ocorrendo na cidade de Lisboa da época. Portanto, podemos constatar que tal estratégia (do editor), tenha o objetivo de, através de uma carta que elogia seu jornal e ao mesmo tempo critica os costumes locais portugueses, conseguir a anuência de seu público leitor.

Constatamos também que a sátira à mulher e à cidade de Lisboa era algo recorrente no periódico de José Daniel, principalmente através das missivas. Entretanto, a jocosidade ⁹ não era algo restrito a esse gênero, ou seja, isso também era exposto em outros como: nos gêneros poéticos, nas notícias, nas máximas e nos anúncios. Observemos a citação abaixo em relação aos avisos e anúncios do jornal, mecanismo que segundo, Barbosa (2007, p 76), diz respeito aos reclames e venda de livros e se davam de formas diversas. No entanto, no *Almocreve de Petas*, José Daniel satiriza esse método tão comum nos jornais do século XVIII:

Figura 3 – Citação do Tomo I do periódico *Almocreve de Petas*

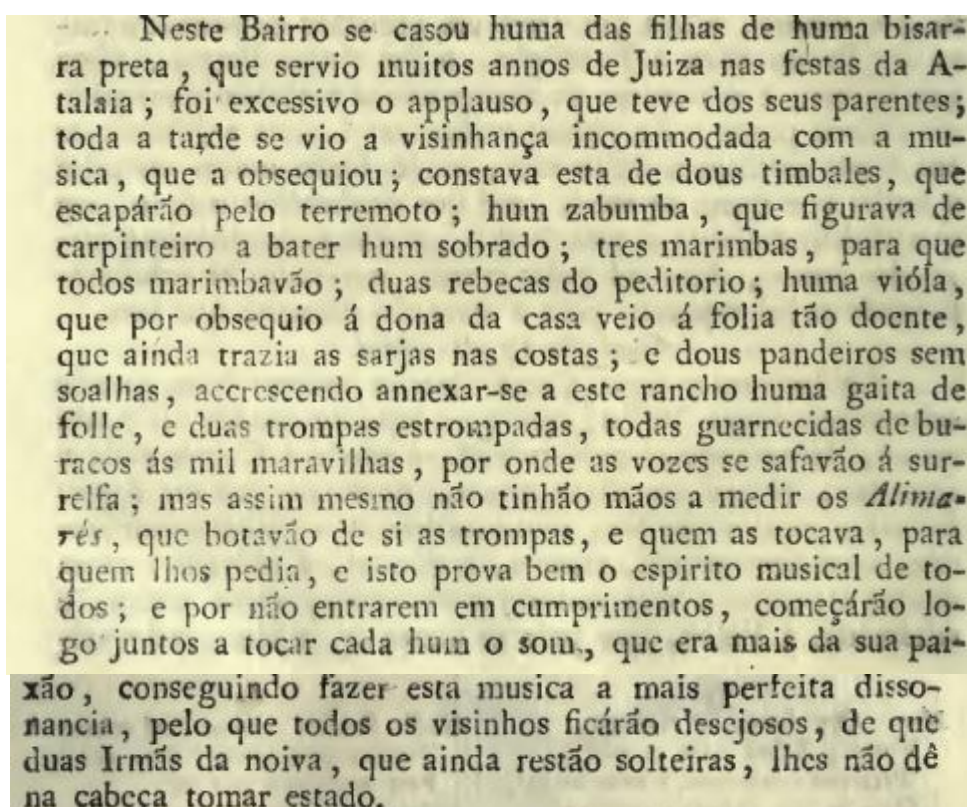


Fonte: ALMOCREVE DE PETAS (1819, TOMO I, parte I, p. 7).

⁹ Entenda-se por jocoso aquilo é faceto, que faz rir. (SILVA, 1789. p. 744). Ver também, no mesmo dicionário, JOCOSERIO: poema cujo assunto é cômico, ridículo e cantado, porém ao modo das composições sérias.

Ou seja, o redator se utiliza desse recurso, comum em outros jornais, para justamente ridicularizar seus “colegas” de profissão. Sendo assim, podemos constatar, como afirmado anteriormente que a jocosidade do *Almocreve de Petas* não é algo exclusivo do gênero epistolar, pois observamos que ela se faz presente em outros gêneros do folheto periódico. As notícias publicadas a exemplo dos trechos citados acima, são ridículas, nelas são apresentadas informações de cunho altamente jocoso, isto é, José Daniel, a todo o momento, parece seguir as regras de escrita dos jornais de sua época, no entanto faz isso impregnando os gêneros circulados no jornal, de “petas”, jocosas. Vejamos mais um fragmento de notícia com caráter jocoso que circulou no *Almocreve*:

Figura 4 – Citação do Tomo I do periódico *Almocreve de Petas*



Neste Bairro se casou huma das filhas de huma bisar-
ra preta, que servio inuitos annos de Juiza nas festas da A-
talaia; foi excessivo o applauso, que teve dos seus parentes;
toda a tarde se vio a visinhança incommodada com a mu-
sica, que a obsequiou; constava esta de dous timbales, que
escapárão pelo terremoto; hum zabumba, que figurava de
carpinteiro a bater hum sobrado; tres marimbas, para que
todos marimbavão; duas rebecas do peditorio; huma viola,
que por obsequio á dona da casa veio á folia tão doente,
que ainda trazia as sarjas nas costas; e dous pandeiros sem
soalhas, accrescendo annexar-se a este rancho huma gaita de
folle, e duas trompas estrompadas, todas guarnecidas de bu-
racos ás mil maravilhas, por onde as vozes se safavão á sur-
relfa; mas assim mesmo não tinhamão mãos a medir os *Alima-
rés*, que botavão de si as trompas, e quem as tocava, para
quem lhos pedia, e isto prova bem o espirito musical de to-
dos; e por não entrarem em cumprimentos, começárão lo-
go juntos a tocar cada hum o som, que era mais da sua pai-
xão, conseguindo fazer esta musica a mais perfeita disso-
nancia, pelo que todos os visinhos ficárão desejosos, de que
duas Irmãs da noiva, que ainda restão solteiras, lhes não dê
na cabeça tomar estado.

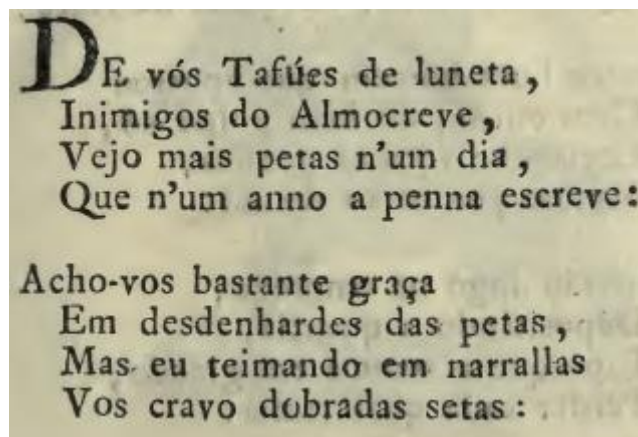
Fonte: ALMOCREVE DE PETAS (1819, Tomo I, pp. 24-25).

Isto é, as notícias publicadas, no periódico *O Almocreve de Petas* não tinham a função de informar a sociedade portuguesa sobre fatos importantes que ocorriam na cidade de Lisboa, como notícias acerca da monarquia e da igreja, por exemplo e sim, noticiar de forma satírica, os acontecimentos do cotidiano das pessoas simples da época. No exemplo acima, vemos uma crítica às camadas populares, isto é, o redator satiriza a

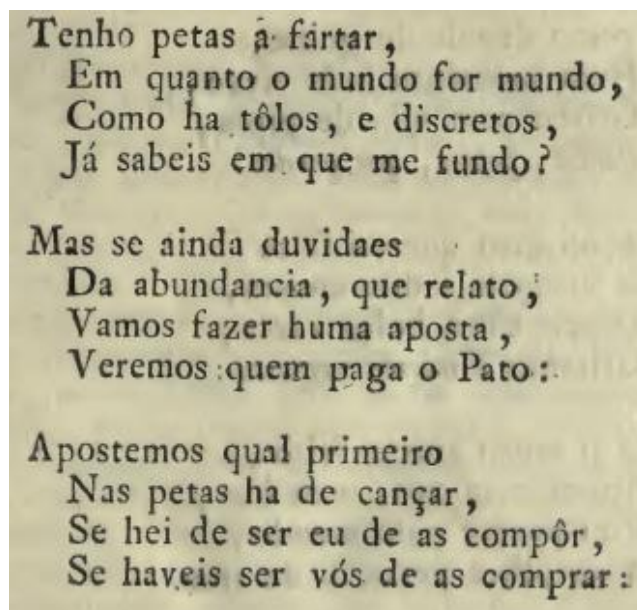
forma como essas pessoas festejam uma festa de casamento, representando-as como desorganizadas, barulhentas e mal educadas. O autor do escrito chega ao ponto de afirmar que os vizinhos preferem que as irmãs da noiva, citada no trecho em análise, não venham a casar-se para que não tenham que ouvir tal algazarra novamente. Esse tom zombador acerca do matrimônio nos folhetos se afigura como uma tentativa de corrigir hábitos da sociedade portuguesa do século XVIII, pois como afirma Maria José Moutinho Santos (1989, p 212), “uma vez subvertidos esses modelos, se zurzem atitudes e comportamentos num afã de chamar à ordem as consequências tresmalhadas, de repor no bom caminho as condutas que, imprudentemente, se haviam desviado”. Nas palavras de Hansen (1987), “a sátira é um discurso que fere para corrigir” e é um discurso que fala a partir do momento de enunciação, ou seja, do presente. Além disso, de acordo com o autor, a sátira sempre está aliada à moral. É justamente isso que José Daniel faz em seus folhetos jocosos, pois satiriza os fatos presentes ocorridos em Portugal, na época, para corrigir hábitos que estão em desacordo com o decoro.

Nos gêneros poéticos, a jocosidade se dava na forma de respostas do redator do *Almocreve* a supostos protestos, por parte de leitores do periódico. Na citação abaixo, veremos uma advertência do editor do periódico, José Daniel Rodrigues da Costa, aos seus “leitores tafuis”:

Figura 5 – Prólogo do Tomo II do periódico *Almocreve de Petas*



[...]



Tenho petas à fártar,
Em quanto o mundo for mundo,
Como ha tôlos, e discretos,
Já sabeis em que me fundo?

Mas se ainda duvidaes
Da abundancia, que relato;
Vamos fazer huma aposta,
Veremos quem paga o Pato:

Apostemos qual primeiro
Nas petas ha de cançar,
Se hei de ser eu de as compôr,
Se haveis ser vós de as comprar:

Fonte: ALMOCREVE DE PETAS (1819, Tomo II, p. 9-10).

Ficam explícitas as críticas a que o editor supostamente foi alvo, percebemos que isso acontecia em vários escritos do periódico *Almocreve de Petas*. José Daniel utiliza o espaço do periódico para se defender das supostas críticas e ao mesmo tempo satirizar seus adversários de forma jocosa. Constatamos que o redator reagiu a várias críticas quer desses “leitores anônimos”, populares, quer de escritores, atualmente considerados clássicos, a exemplo do romancista brasileiro Machado de Assis e do poeta português, Bocage, este último será analisado mais adiante neste trabalho.

Já o *Novo Almocreve das Petas*, livro alegre e folgazão no gosto do antigo *Almocreve das Petas*, dos redatores Joaquim José Bordalo e Luiz de Araújo, circulou também, na cidade de Lisboa, Portugal na Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, impressora na Casa Real, no ano de 1871, a um preço avulso de 1\$000 réis. Tais informações podem ser encontradas no frontispício do próprio periódico, como é possível conferir abaixo:

Figura 6 – Frontispício do periódico *O Novo Almocreve das Petas*

ALMOCREVE DAS PETAS

LIVRO ALEGRE E FOLGASÃO

NO GOSTO DO ANTIGO ALMOCREVE DAS PETAS

DO CELEBRE JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA

Proprietários editores

JOAQUIM JOSÉ BORDALO & LUIZ DE ARAUJO, REDACTOR

PREÇO AVULSO, 1\$000 réis

LISBOA

VENDE-SE NA LIVRARIA DO PROPRIETARIO EDITOR JOAQUIM JOSÉ BORDALO
24, Rua Augusta, 26

1871



Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS (1871).

Conforme podemos observar, na capa do periódico, diferentemente do que ocorria no de José Daniel, o de Bordalo e Araújo não apresenta nenhuma ilustração, no entanto, os redatores prometem trazê-la no próximo tomo do periódico.

Segundo os editores, o jornal, que eles denominam de livro e será publicado em folhetos, visa conseguir dois objetivos: o de “fazer renascer o gênero típico e português do *Almocreve de Petas* do célebre Josino Leiriense, José Daniel Rodrigues da Costa” e “apontar ridículos gerais, satirizá-los, talhar carapuças para o vulgo, fazer graça sem ofender, e proporcionar uma leitura jovial a todos que nos lerem” (NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, 1871. p. 9). Isto é, percebe-se que Bordalo e Araújo pretendem se apropriar do nome de José Daniel Rodrigues da Costa, que era lido demasiadamente no século XVIII e também no XIX. Sendo assim, supõe-se que os redatores almejavam conquistar o público leitor da cidade de Lisboa, com o intento de que comprassem e lessem os números de seu periódico, já que era intensa a leitura em jornais nessa época, pois gerava lucro aos editores de jornais desse momento histórico.

Os redatores do *Novo Almocreve das Petas* (1871) não se importavam em explicitar o caráter imitativo de seu jornal, posto que até a segunda metade do século XIX o plágio não era considerado crime como o é na atualidade, isto é, não havia, ainda, leis de proteção aos direitos autorais. De acordo com Hansen, acerca da figura do autor até o século XVIII:

Esses textos que hoje chamaríamos “literários” (narrativas, contos, epopeias, tragédias, comédias) eram recebidos, postos em circulação, avaliados, sem que fosse colocada a questão do seu autor; seu anonimato não causava dificuldade, sua antiguidade, verdadeira ou suposta, era, antes, uma garantia suficiente. (HANSEN *Apud*. CHARTIER, 1999, pp 37-38)

Isto é, a prática de Bordalo e Araújo em pôr em circulação um periódico de outro autor (José Daniel Rodrigues da Costa), no final do século XIX ainda era uma prática corriqueira. Até mesmo o prólogo do *Novo Almocreve* é a cópia do *Almocreve de Petas* (1798-1799), de José Daniel Rodrigues da Costa:

Figura 7 – Citação do prólogo de José Daniel Rodrigues da Costa copiado no *Novo Almocreve das Petas*

« Baldo estando de dinheiro,
« Um officio aprender quiz,
« Metti-me a carapuceiro ;
« Tinha um anno de aprendiz,
« E em talhar fui tão arteiro,
« Que as carapuças que fiz,
« Vão servindo ao mundo inteiro,
« E ficam... que é um beliz.

Fonte: *NOVO ALMOCREVE DAS PETAS*, (1871, p. 3).

Da mesma forma que Daniel Rodrigues tem o objetivo de conquistar o público leitor do século XVIII através de seus escritos jocosos, Bordalo e Araújo têm o mesmo propósito. Ou seja, apesar do *Josino Leiriense* declarar que copiava os folhetos de autores de seu tempo (BARBOSA, 2012), conseguia fazer com que seus escritos fossem vendidos abundantemente, escrevendo sobre temas comuns à época. Da mesma forma, Bordalo e Araújo, no final do século XIX, se apropriaram de um estilo de um escritor já consagrado, naquele período, por seus folhetos populares. Obviamente que a prática de imitação aos clássicos era recorrente no século XIX, o que estamos discutindo, neste trabalho, é exatamente o fato de os redatores do *Novo Almocreve*, imitar um autor esquecido atualmente, o que de certa forma contribuiu para a visibilidade de José Daniel, pois, mesmo esquecido atualmente era aclamado por seu público popular por ser um autor que escrevia e entendia a linguagem das gentes simplórias. Isso demonstra como os escritos do autor foram bem lidos e apreciados tanto em seu tempo, como posteriormente como é perceptível pela existência do *Novo Almocreve das Petas* (1871), que foi um periódico copiado por Bordalo e Araújo, pois segundo eles, esse novo periódico iria “fazer renascer o gênero típico e português do *Almocreve de Petas* do célebre Josino Leiriense, José Daniel Rodrigues da Costa” (p.3). Ou seja, os redatores explicitam que José Daniel possuía um gênero próprio de escrita, demonstrando mais uma vez a importância que ele teve na história da leitura literária portuguesa. Isso atesta que esse autor ficou esquecido na história da literatura não pelo fato de não ter sido apreciado e bem recebido, quando do contexto de produção de seus folhetos, e sim por outros motivos, como aconteceu com outros autores do período. Essas questões são importantes para que possamos compreender como se fazia literatura naquele momento histórico.

1.1 José Daniel Rodrigues da Costa: os poetas e as condições de escrita de seu tempo

José Daniel Rodrigues da Costa (1757-1832), mais conhecido como o “Josino Leiriense”, fica órfão na tenra idade de dois anos, passa a morar em Lisboa, cidade que é um lugar comum constantemente satirizado nos escritos do autor. Casa-se com Maria Madalena Bárbara, em data incerta, segundo os teóricos, provavelmente entre os anos 1785 a 1788, e de acordo com Carolina Henriques Pereira (2015), mesmo com a afirmação do bibliófilo Inocêncio da Silva de que José Daniel teria contraído matrimônio aos 31 anos, e sendo assim, o enlace ter-se-ia sucedido entre os anos de 1787/1788:

No entanto, o registo de casamento, disponível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e que se expõe em anexo, encontra-se inserido abaixo da data de 1785. Os restantes registos de casamento continuam a ser assentados e a data só é novamente especificada pelo escrivão, no ano de 1789, o que não nos permite afirmar com exatidão a data em que este terá contraído matrimónio. (HENRIQUES PEREIRA, 2015.p. 6).

Por não ter tido a oportunidade de instruir-se formalmente nas academias lisboenses, (não passou das primeiras letras, de acordo com Tinhorão, 2004.p.91), José Daniel Rodrigues da Costa foi alvo constante de críticas e motivo de riso entre seus contemporâneos que não viam com bons olhos um autor autodidata como era o “Josino Leiriense”. Por esse motivo foi excluído das rodas literárias e da Nova Arcádia (Academia que sucedeu a Arcádia Lusitana)¹¹, pois, mesmo possuindo um pseudônimo arcádico, (o uso de pseudônimo arcádico talvez fosse para zombar dos pastores sócios dessa academia), pois de acordo com Francisco Inocêncio da Silva (1858. p.250) José Daniel não foi sócio da Arcádia, já que, segundo o autor, o nome poético nada prova o vínculo deste escritor com a academia, assim como outros, que também não eram

¹⁰ O pseudônimo “Josino Leiriense” se deve ao fato do autor ter nascido na cidade de Leiria, segundo Inocêncio Francisco da Silva na página 304 do tomo IV do Dicionário Bibliográfico Português.

¹¹ 1-Academia Fundada em 1790 em substituição à Arcádia Ulyssiponense (1756) composta por seus “ilustres membros estudam mais que tudo os autores do nosso século de ouro, e procuram difundir o gosto de seus escritos, ressuscitando a linguagem pura e genuína, e afastando os galicismos que 'nela se haviam’ . (FIGUEIREDO, p. 216)

2-Fundada pelos poetas Cruz e Silva, Esteves Negrão e Teotónio Gomes de Carvalho. Outros autores se juntaram a esse trio, posteriormente. “Destinada a debater problemas de teoria literária e a orientar a poesia para uma estética neoclássica, fundada na razão e no culto do natural e do verosímil, combatendo o espírito do barroco e os malabarismos do conceptismo e do cultismo”. A Nova Arcádia (1790) foi fundada pela iniciativa de Domingos Caldas Barbosa e fizeram parte: Bocage, José Agostinho de Macedo e Francisco Joaquim Bingre. Disponível em: <<https://conteudosemportugues.wordpress.com/2013/02/15/arcadia-lusitana/>>. Acesso em 02 jun. 2016.

vinculados a esta instituição a exemplo de Francisco Manuel do Nascimento cujo o nome de pastor era “Filinto Elísio” e João Xavier de matos, o “Albano Erythréo”. O oposto disso se deu com o mais notável rival de José Daniel, Du Bocage, que participou como sócio ilustre dessa academia literária.

Apesar da parca instrução literária, ao ter como protetor, Antônio Joaquim de Pina Manique, que era irmão de um intendente de polícia, (Diogo Inácio de Pina Manique), José Daniel Rodrigues da Costa conseguiu ingressar na administração civil e militar, ascendendo a outros cargos do funcionalismo português e obtendo seu maior posto como major da Legião Nacional do Paço da Rainha. (JOÃO PEDRO ROSA FERREIRA, 2013. p.2). Em consonância com a carreira militar, o autor passou a escrever seus escritos literários, sendo ele próprio o vendedor de uma produção que abarca:

[...] dezenas de textos, sobretudo jocosos, repartida por folhetos, periódicos, peças de teatro, poesia, polémica, textos patrióticos, apologias e cartas. O seu público era constituído pelas camadas populares pouco exigentes do ponto de vista estético. Não se coibia de abordar potenciais leitores nas ruas, nos cafés e nos teatros para vender as suas produções⁴ que, além de contribuírem para o seu desafogo económico, ajudaram à sobrevivência dos vendedores de literatura de cordel e tiveram um papel no êxito comercial de impressores como Simão Tadeu Ferreira, JFM de Campos ou João Nunes Esteves. (ROSA FERREIRA, 2013. p.2)

Isto é, apesar de desenvolver seu potencial como escritor à margem dos grandes salões literários, José Daniel Rodrigues da Costa conseguiu conquistar o público leitor da época que era o das camadas populares que começava a despontar (TINHORÃO, 2004), Dentre sua produção na imprensa portuguesa dos séculos XVIII a XIX, podemos destacar além do *Almocreve de Petas, ou moral disfarçada para a correção das miudezas da vida* (1798-1799), objeto de estudo do nosso trabalho, outros de igual relevância como: *O Espreitador do Mundo Novo*¹² (1808); *Os enjeitados da fortuna expostos na roda do tempo: obra moral e muito divertida* (1818); *Portugal enfermo por vícios e Abusos de Ambos os Sexos* (1819); *O prazer dos Lusitanos na regeneração da sua pátria* (1820); *O Avô dos Periódicos* (1826); *Sonetos sérios e joviais que na noite do dia 26 de Outubro*

¹² Todos os periódicos citados do autor encontram-se disponíveis no site da Biblioteca Nacional Digital de Portugal. Disponível em: <<http://purl.pt/index/geral/aut/PT/92078.html>>. Acesso em 02/07 2016. Exceto *O Balão aos Habitantes da Lua*, que encontra-se disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo10621.pdf>>. Acesso em 02/ 07. 2016.

dia aniversário de Sua Real Majestade o Senhor D. Miguel I... / repetiu José Daniel Rodrigues da Costa leiriense (1830).

Além de periódicos, o escritor também escreveu poesias avulsas que vendia de porta em porta (BARBOSA, 2012). Uma de suas mais notáveis obras líricas é o *Balão aos Habitantes da Lua: poema herói- cômico em um só canto* (1819). Segundo a professora e pesquisadora Portuguesa, Maria Luísa Malato Borralho (2006):

A primeira edição é logo de 1819, aproveitando-se o impacto feito. Logo se fazem, pelo menos, mais duas edições, uma delas a reimpressão em 1821, no Rio de Janeiro, da edição de 1819, e outra novamente em 1822 (Lisboa, Tipografia de João Nunes Esteves). O silêncio de século e meio só será quebrado por uma edição de Alberto Pimenta, em 1978. (BORRALHO, 2006, p.10).

Ou seja, constatamos que o fato desta obra obter pelo menos quatro edições, como afirma a autora, atesta novamente a boa receptividade dos escritos de José Daniel por parte dos leitores.

Na maioria dos periódicos citados acima e em seu poema *O Balão aos Habitantes da Lua*, José Daniel mantém o propósito que o segue na maioria de sua vasta produção poética e narrativa, isto é, uma sátira aos costumes e a moral lusitana do período histórico em que viveu. *O Josino Leiriense* preocupava-se em representar o panorama sociológico de sua época.

Os homens de letras contemporâneos a José Daniel Rodrigues da Costa costumavam frequentar as Casas de Cafés¹³, o que veio a ser denominado a posteriori apenas de “cafés”. Esses estabelecimentos surgiram na Europa e de acordo com Tinhorão (2004, p. 79), configuravam um espaço destinado à sociabilidade das novas camadas de cidadãos citadinos que emergiram com a grande concentração da população dos centros que abrigam uma maior diversificação social. Os cafés europeus seguiam uma tradição árabe advinda do século IX de ser um ponto de encontro exclusivo do sexo masculino, onde se debatiam sobre política, literatura, jogava-se xadrez, e exibiam-se nas artes da esgrima, da dança e da poesia. (TINHORÃO, 2004, p.79).

¹³ “Nas capitais de forte tradição mundana e literária, como Paris, as *maisons* de café, além de ponto de encontro de intelectuais, expandiam eventualmente seu âmbito para áreas de diversão sob o nome músicos (depois cafés- cantantes), incluindo cantos e danças em clima de promiscuidade vizinha da prostituição. Assim, ainda em Paris, enquanto o Café Procope (Fundado antes de 1700 pelo italiano Pocópio Cetelli, em frente ao teatro Francês da rua da antiga comédia) pôde conservar até 1875 a tradição de ponto de encontro de intelectuais como Voltaire, Rousseau, Condorcet, Beaumarchais e Crebillon”. (TINHORÃO, 2004, p. 80).

Segundo Tinhorão, em Portugal, o primeiro lote de grãos de café só chegaria (do Brasil), em 1731, dando surgimento as casas ou lojas de cafés como foram alcunhadas e substituindo, de certa forma, aos antigos botequins portugueses, que de acordo com o autor em 1781 abria as portas do primeiro estabelecimento desse tipo, que era reservado a pessoas das camadas médias da cidade de Lisboa, “distante por condição social do mundanismo aristocrático dos salões”, tendo por proprietário, João Gomes Varela. Além disso, no ano seguinte, seria inaugurado nas proximidades desse ambiente comercial, o Teatro do salitre. Para Tinhorão:

Essa vizinhança, pois, de um público ilustrado de autores, interessados em teatro e música, e a massa heterogênea de frequentadores de cafés e botequins das proximidades (que não deixava de incluir candidatos às letras, improvisadores de versos ou simples leitores de jornais e folhetos de cordel), é que ia gerar o fenômeno da transformação desses locais em contraponto popular das assembleias, outeiros, saraus e salões literários das elites. (TINHORÃO, 2004, p. 81).

Podemos perceber que a relação entre o erudito e o popular não vivia em extremidades tão opostas. Como atesta Tinhorão (2004), havia em Portugal uma tradição em seguir um modelo urbanístico moderno de reunir (assim como nas outras grandes cidades da Europa), “numa mesma área, os centros de diversão de caráter cultural- como eram as óperas e o nascente teatro popular dos entremeses e de espetáculos de café [...] e os locais de vida boêmia, até então representados por tavernas e barracões de feira de modelo francês” (p, 81). Fica evidente que essas lojas de cafés ou botequins eram o lugar destinado aos poetas e aspirantes que não tinham acesso aos grandes salões e altas rodas literárias para que treinassem e divulgassem seus escritos.

Os poetas de cafés, como eram denominados, já que não possuíam uma vasta erudição por não ter frequentado as escolas por muito tempo, se influenciavam, imitavam e treinavam sua escrita baseando-se nos poetas oficiais da época. Como não tinham como fazer a publicação impressa de seus escritos por não receber apoio de mecenas “só restava a esses poetas procurarem diretamente um local de presença pública garantida, como os cafés e botequins para ler seus versos”. (TINHORÃO, p. 82). Acreditamos que a falta de mecenas para o patrocínio de suas obras literárias tenha contribuído para o interesse desses autores, em publicar seus escritos na imprensa periódica, e por consequência, propiciado um aumento significativo no número de leitores, já que o

suporte jornal era de valor monetário bem inferior ao livro, que era privilégio das classes economicamente superiores à época.

O objetivo desses poetas, que não recebiam proteção do mecenato, era ascender literariamente, o que veio a desencadear várias disputas e desavenças dos grupos literários no interior das arcádias, o que de acordo com Tinhorão foram denominadas de “guerras dos poetas” e segundo ele, os poetas não conseguiram escapar às contradições provocadas pelo novo quadro social que surgiu em Lisboa após a revolução, não apenas ideológica, do terremoto de 1755¹⁴. De acordo com o autor:

Na primeira dessas guerras “guerras dos poetas”, ocorrida em 1767 na Arcádia Lusitana (criada por três bacharéis em leis, apenas quatro meses após o terremoto), a luta ainda pôde ser travada apenas no campo literário da própria instituição. Na segunda, porém, desencadeada quinze anos depois na Nova Arcádia (surgida já agora quase como simples local de tertúlias, “com características mundanas, recitativos, chás e torradas”), a discussão estava destinada a ganhar um público mais amplo. Era o resultado da nova realidade, que vinha alargar o âmbito do interesse literário para o público das recentes camadas de moradores da cidade frequentadores de cafés e botequins. (TINHORÃO, 2004, p. 85).

Nesse sentido, dar para imaginar a querela que Bocage (1765-1805) e José Daniel Rodrigues da Costa (1757-1832), autor objeto de análise desse trabalho, travaram. O primeiro era membro da Nova Arcádia e é reconhecido como um dos mais prestigiados poetas do século XVIII, conseguindo assim, entrar no cânone posteriormente, ao contrário de José Daniel.

Pesquisando as obras de Bocage, conseguimos encontrar três sonetos presentes no livro “Sonetos completos de Bocage” (1995) nos quais o poeta se refere a José Daniel de forma a satirizar seus escritos. Citemos o primeiro deles denominado “*Ao machucho poetarão José Daniel Rodrigues da Costa*”:

Trescala aos Seiscentistas o Paulino;
Pois Bocage! Isso é peste, isso é veneno! -
Roncava charlatão rolho e pequeno,
Pequeno em corpo, em alma pequenino.

¹⁴ O terremoto a que Tinhorão se refere ocorreu em 1 de novembro de 1755 que foi seguido de um maremoto e de um incêndio que durou vários dias, destruindo uma grande parte da cidade de Lisboa e com vários feridos e mortos. André Belo (s/d). Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Andre/andre.htm>>. Acesso em: 28/07/2016.

- Quem acha Voss'mecê (lhe sai dum lado
Taful do sério rancho das lunetas)
Quem acha para versos estremado? -
- Quem?! (diz o tal) não façam lá caretas:
Um que dos seus papéis anda pejado,
O aguazil Daniel, cantor de petas.
(BOCAGE, 1995, p.63).

Bocage alude a José Daniel em tom chocarreiro, “cantor de petas” que é nomeado como aguazil, isto é, um funcionário nomeado pelo rei para o cargo de major da Legião Nacional do Paço da Rainha, e não, como poeta, nos versos de outro soneto abaixo, ele ataca novamente seu oponente:

Das Petas o Almocreve é obra tua,
Bem se vê, Daniel, na frase e gosto;
Adiça três de Abril ou seis de Agosto,
É de quem vende as rimas pela rua.

Cheira a teu nome o roubo da perua,
E entre o tostado arroz o gato posto;
Eis a obra melhor que tens composto,
Inda que de artifício e graça nua.

A gente por Lisboa anda pasmada,
Vendo-te farto e cheio como um ovo
Dos alvos pintos, que te deu por nada.

E frio de terror murmura o povo
Que a tua estupidez anda pejada,
E que cedo se espera um parto novo.
(BOCAGE, 1995, p.63).

Irritado com o sucesso do *Josino Leiriense*, Bocage lhe tece severas críticas, afirma que *o Almocreve de Petas* é a melhor obra, mesmo que nua de artifício e graça. Entretanto, no soneto abaixo, mesmo que em tom debochado, ele termina por reconhecer o triunfo literário do escritor, que para ele era um autor apenas de futilidades:

Tomo segundo à luz saiu das *Rimas*,
De José Daniel Rodrigues Costa,
Obra mui de vagar, mui bem composta,
E sujeita depois a doudas limas.

Fala em ópios, em manas, fala em primas,
Diz coisas de que a plebe não desgosta,
Morde em peraltas, na rale disposta

A saltos, macaquices, pantominas.

Por estas e por outras que tem feito,
Verá qualquer leitor nas obras suas
Que ele para versar nasceu com jeito.

Acham-se em tendas, acham-se em comuas;
E para lhes aumentar honra e proveito,
As vende o próprio autor por essas ruas (BOCAGE, 1995, p.63).

O fato de receber essas críticas de autores, hoje consagrados literariamente, a nosso ver, proporcionou a José Daniel Rodrigues da Costa não ficar esquecido completamente pela história cultural, pois ele alcançou um público considerável (BARBOSA, 2012), haja vista o sucesso que seus folhetos alcançaram no momento de produção de seus escritos, no entanto, posteriormente foi esquecido. Sendo assim, por ter sido alvo de Bocage, o Josino Leiriense acaba sendo, de certa forma, resgatado academicamente.

Vale ressaltar que o fato de um autor ingressar ou não no cânone literário nem sempre tem a ver com o gosto literário dos leitores, nem pelo fato de ter passado pelo crivo dos críticos, pois como afirma Roberto Reis (1992):

Todo texto parece está intimamente sobredeterminado (sic) por uma instância de autoridade. O critério para se questionar um texto literário não pode se descurar do fato de que, numa dada circunstância histórica, indivíduos dotados de poder, atribuíram o estatuto de literário àquele texto (e não a outros) canonizando-o.
(REIS, 1992, p.69).

Não estamos querendo defender a ideia de que devemos desconsiderar as obras que já foram canonizadas e sim, atentarmos para o fato de que iguais a essas, houve outras com os mesmos (ou até melhores) critérios no que tange a literalidade dos textos, que também mereciam estar no cânone, mas que por motivos outros, ficaram à margem. Salientamos que até o século XIX não havia, ainda, o que hoje costumamos denominar de valor estético da obra. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais determinadas obras conseguiram adentrar e outras não, pois o ingresso estava atrelado a outros fatores, como o poder, o público leitor e o contexto da época em que a obra foi publicada. (BARBOSA, 2007).

Mesmo sendo um dos poetas que atualmente é reconhecido como um dos maiores do período setecentista, Bocage, quando do momento de produção de seus escritos, não

recebeu apenas críticas favoráveis, o historiador crítico, Figueiredo (1862), o denominou de “poeta quase popular”:

Na mesma época brilhou entre nós um poeta cuja reputação se tornou quase popular: falo de Manuel Maria Barbosa du Bocage, um d'esses poetas guerreiros a quem as viagens e as desgraças inspiraram grandes conceitos. Tendo visitado as índias, e sofrido vários revezes da fortuna, morreu em Lisboa, da idade de trinta e nove anos, no principio d'este século. Como todos os poetas dotados d'uma alma sensível, Bocage experimentou muitas vezes a necessidade de pintar em suas poesias os sofrimentos d'uma vida tormentosa. Lendo suas obras, vê-se que sua existência devia ser mui rápida, porque seus males não eram imaginários. Sua feliz musa se ensaiou em quase todos os gêneros de poesia: escreveu élogos, elegias, tragédias, epístolas etc.; mas a composição a que ele se dedicou com uma admirável facilidade é a dos sonetos, onde desenvolve uma sensibilidade ardente e profunda, e um talento poético que o faz olhar como inimitável 'naquele gênero. (FIGUEIREDO, 1862, p. 223).

Isto é, Manuel Maria du Bocage alfinetou incansavelmente José Daniel Rodrigues da Costa por ser um poeta popular, que escrevia ao gosto do povo português do século XVIII, também foi denominado, na época, como um “poeta quase popular”, significando assim, que suas ofensas ao rival não tinham tanto respaldo. Também frequentador de botequins e outros ambientes populares, Bocage, antes de ser reconhecido pelas academias literárias, vivia de forma desregrada e escreveu, durante muito tempo, poesia de caráter satírico.

A admissão de Bocage na Nova Arcádia talvez tenha se dado graças a amigos influentes como o padre José Agostinho de Macedo (1761-1831) e fazendo com que o poeta adquirisse a alcunha de *Elmano Sadino*. Como afirma Carlos Jaca (2005.p.23), a mudança dos botequins para um ambiente mais requintado como o era a Nova Arcádia foi um fator preponderante para que a carreira de poeta de Bocage começasse a ser reconhecida¹⁵. Acreditamos que o fato de José Daniel Rodrigues da Costa não ter tido o privilégio de ingressar na Nova Arcádia, sendo seus escritos lidos por leitores leigos, não proporcionou a ele obter o reconhecimento por parte do cânone posteriormente.

¹⁵ Em Maio de 1791, publicou “Idílio Marítimo recitado na Academia de Belas Letras”. De 1791, é também a écloga «Queixumes do pastor Elmano contra a falsidade da pastora Urselina». Em 19 de Novembro do referido ano, a “Gazeta de Lisboa” noticiava a publicação do primeiro volume de «Rimas». O volume saiu com uma colecção de 108 sonetos, sete odes, quatro canções, duas epístolas e cinco idílios, encontrando boa recepção entre as pessoas cultas. Três anos depois, em 1794, saíria a 2ª edição por si revista e expurgada de alguns textos. (Carlos Jaca. 2005 p. 23). Disponível em: <<http://www.esas.pt/jaca/docs/Bocage.pdf>>. Acesso em 06/08. 2016.

A partir da segunda metade do setecentos, com o surgimento de novas camadas sociais, abre-se espaço para novas formas de comportamentos sociais. Isso contribuiu, de certa forma, para o surgimento de um novo gosto literário, e sendo assim, uma ruptura das regras literárias vigentes por parte dos autores. De acordo com Tinhorão (2004):

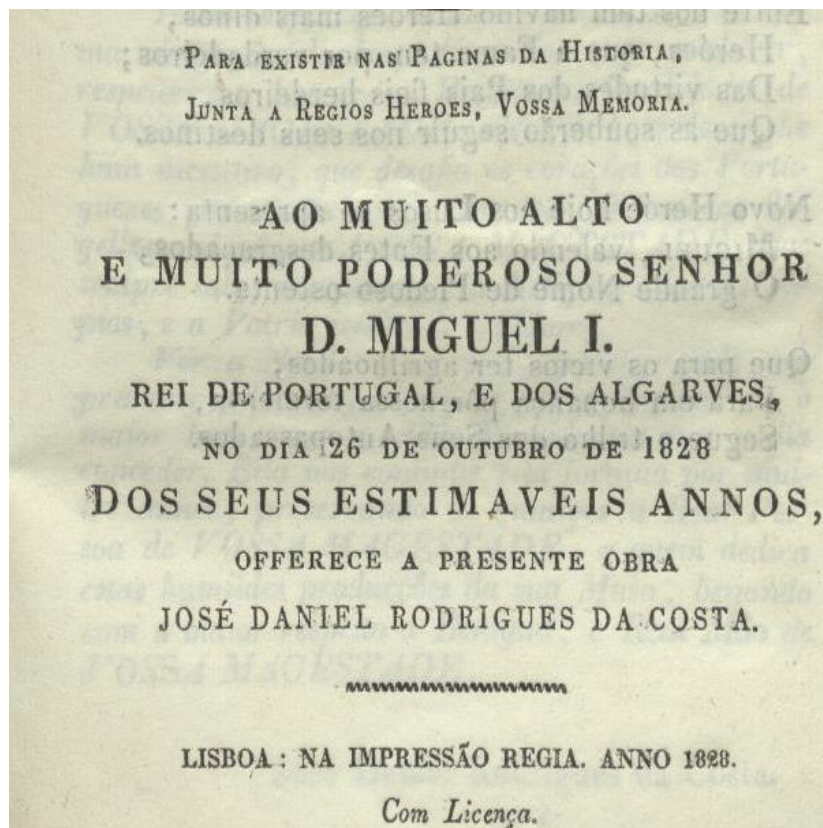
É dessa disposição de um público aberto às novidades, agora oferecidas a grupos cada vez mais amplos da sociedade com o crescimento da produção de bens materiais pela revolução industrial, o que iria estabelecer, no plano literário, a mais inesperada ponte entre a linguagem popular dos versos de salão do brasileiro Caldas Barbosa¹⁶, e o novo gosto democratizado pela produção de poesia descompromissada, dirigida ao público heterogêneo dos cafés e botequins (TINHORÃO, 2004).

José Daniel Rodrigues da Costa fez bom uso desse novo público leitor, escrevendo sobre trivialidades do cotidiano de Lisboa que visavam agradar os leitores populares lisboetas de seu tempo. Outra estratégia do “Josino Leiriense” para manter-se no jogo das letras, isto é, com seus escritos sempre em evidência, é o fato de estar sempre afagando o ego dos monarcas da época. É visível, em grande parte de sua produção, a lisonja do autor em relação a quem estava no poder. Ele dedicou inúmeras composições

¹⁶ Domingos Calda Barbosa foi um afrodescendente nascido no Rio de Janeiro em 1740. É filho de uma escrava angolana e de um funcionário público português. Estudou na Universidade de Coimbra e por lá permanece após a morte do pai que o fez perder sua boa condição econômica. Foi poeta e compositor considerado o símbolo da miscigenada cultura do Brasil. “destacando-se entre seus pares portugueses graças a seu estilo inovador que, transitando da boemia das ruas ao Arcadismo das cortes, foi pioneiro em incorporar as influências rítmicas trazidas do Brasil” (TINHORÃO, 2004).

a D. Miguel I¹⁷, rei de Portugal e dos Algarves, como é possível observar no frontispício do folheto *O bom dia para os homens de bem*¹⁸, de 26 de outubro de 1828:

Figura 8 – Folheto *O bom dia para os homens de bem*, de José Daniel Rodrigues da Costa.



Fonte: COSTA (1828).

Além de ser dedicado ao monarca, o tema da obra é justamente homenageá-lo pela data de seu aniversário. (vale ressaltar que isso era uma prática recorrente nos

¹⁷ Também conhecido como “O Usurpador”, “D. Miguel Maria do Patrocínio João Carlos Francisco de Assis Xavier de Paula Pedro de Alcântara António Gabriel Rafael Gonzaga Evaristo de Bragança e Bourbon (1802-1866) foi rei da Quarta *Dinastia* e o trigésimo Rei de Portugal, e filho de João VI, rei de Portugal e de Carlota Joaquina, rainha de Portugal que nasceu em Queluz a 26 de Outubro de 1802 e morreu em a 14 Novembro de 1866. Nesta época os portugueses dividiam-se em dois partidos: os “liberais”, que queriam um rei a governar de acordo com as leis feitas por deputados; e os “absolutistas”, que queriam um rei a governar com todo o Poder nas mãos, ou seja, um rei absoluto. Dom Miguel foi sempre absolutista e tentou impedir que o liberalismo se implantasse em Portugal. No tempo do seu pai, o rei *Dom João VI*, chefiou as revoltas a que se dá o nome de Vila-Francada e Abrilada. Como foi derrotado, teve que ir para o estrangeiro. Em 1826 aceitou a proposta que lhe fez o irmão, Dom Pedro. Prometeu casar com a sobrinha e governar o País de acordo com as leis liberais. Mas assim que desembarcou em Lisboa viu-se envolvido em manifestações populares que o aclamavam como rei absoluto. A mãe, Dona Carlota Joaquina, que também era absolutista, incentivou-o a esquecer as promessas e a tomar nas mãos o destino do País sem dar contas a ninguém. A ideia sorriu-lhe e assim foi. Governou oito anos, e que reinado agitado: perseguiram-se os liberais, muitos foram executados, outros fugiram para o estrangeiro. Dom Pedro regressou com tropas e estalou a Guerra Civil”. Disponível em: <<http://www.hirondino.com/historia-de-portugal/dom-miguel-o-usurpador/>>. Acesso em 02 jun. 2017.

¹⁸ Folheto disponível na Biblioteca Nacional de Lisboa, através do site: <<http://purl.pt/6590>>. Acesso em 22/08/ 2016.

periódicos da época e não algo exclusivo de José Daniel Rodrigues da Costa). O gênero poético genetiáco (poesia ou canto que louva o nascimento ou aniversário de alguém), do autor conta os feitos de D. Miguel I, ressaltando a forma como ele chegou ao poder. No folheto é narrado como o monarca assumiu o trono português e a forma como os portugueses o idolatravam, é nítido, pela escrita de José Daniel, que os elogios exacerbados e de caráter bajulador, visavam unicamente agradar àquele que provavelmente financiava os custos de suas obras.

José Daniel Rodrigues da Costa, assim como outros autores da época se valiam dessa tática para fazer com que seus escritos circulassem, vale lembrar que na segunda metade do século XVIII a censura através da Real Mesa Censória (1768) estava a todo vapor. Isso justifica a dedicatória de certos periódicos aos monarcas por parte da maioria dos redatores da época. A Real Mesa Censória em Portugal:

[...] foi criada por Alvará de 5 Abril de 1768, com o objetivo de transferir, na totalidade, para o Estado a fiscalização das obras que se pretendessem publicar ou divulgar no Reino, o que até então estava a cargo do Tribunal do Santo Ofício, do Desembargo do Paço e do Ordinário. O primeiro presidente, nomeado em 22 de Abril de 1768, foi D. João Cosme da Cunha (ou de Nossa Senhora da Porta, o conhecido Cardeal da Cunha), arcebispo de Évora, do Conselho de Estado, regedor das Justiças, e que seria nomeado inquisidor-geral em 1770. (ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO).¹⁹

Sendo assim, no momento de publicação e circulação dos folhetos de José Daniel Rodrigues da Costa, os redatores ainda precisavam tomar um certo cuidado em relação aos conteúdos que publicavam nos periódicos da época. Dessa forma, mesmo que o autor não necessitasse da ajuda financeira do monarca citado acima (Dom Miguel I), ainda precisava agradá-lo, pois necessitava de sua proteção para a livre circulação de suas obras.

A pesquisadora Graça Almeida Rodrigues (1980), no livro *Breve História da Censura Literária em Portugal*, afirma que, em virtude da lei de 17 de dezembro do ano 1774, juntamente com um alvará de 30 de julho de 1795, a censura dos livros passou a pertencer:

Aos bispos, quanto a doutrinas contrárias aos dogmas, à moral e à disciplina eclesiástica; ao Santo Ofício da Inquisição, quanto aos erros

¹⁹ Arquivo disponível em:< <http://digitalq.arquivos.pt/details?id=4311313>>. Acesso em 02/ 08. 2016.

contra cujos autores ou sectários tivesse direito de proceder; à Mesa do Desembargo do Paço, quanto às doutrinas danosas e prejudiciais aos costumes públicos, às leis e direito da Coroa e à tranquilidade da nação. (RODRIGUES, 1980, p. 37)

O Periódico o *Almocreve de Petas* (1798-1799) foi liberado para poder ser circulado pela Mesa do desembargo do Paço, como é possível observar em seu frontispício, tendo em vista que seus escritos tratavam de atacar satiricamente alguns costumes do povo lusitano.

1.2 Literatura nos séculos XVIII e XIX

O professor Oitocentista, Antônio Cardoso Borges de Figueiredo, em seu “Bosquejo Histórico da Literatura Clássica, Grega e Portuguesa para uso das Escolas” (1862), conceitua a literatura como o campo das ciências e das letras que abrange toda a extensão do pensamento humano:

A Literatura exprime pela linguagem, debaixo de formas diversas, os conceitos, sentimentos e paixões do espirito humano. Assim que, na sua acepção mais ampla, compreende ela todo o vasto campo das ciências e das letras, cujo domínio abraça toda a extensão do pensamento. A literatura porém, propriamente dita, é distinta das ciências e da erudição, designando o corpo das humanidades ou boas letras, e as produções do gênio em cada uma d'elas. E toma finalmente o nome de clássica, se se limita aos monumentos dos escritores d'uma nação culta; entre os quais se dizem clássicos os que, sobrepujando aos demais em cabedal de conhecimentos, por um consenso unanime gozam de legitima autoridade. É, por excelência, clássica a antiga literatura grega e romana. Um estreito parentesco liga as humanas e boas letras; diferenciam-se porém, já pelo objeto e fim particular, já pela forma : sendo que umas, como a lógica e a gramática, dirigem as faculdades de pensar e de falar, que nos separam dos outros animais; outras servem assim á nossa utilidade como ao nosso prazer e por isso se denominam bons ou belas; tais são especialmente a poesia, a eloquência e a história. (FIGUEIREDO, 1862. pp. 17-18).

Como podemos perceber, até o século XIX, não havia ainda uma distinção objetiva entre a literatura e as outras áreas do conhecimento, pois a definição de literatura que presenciamos hoje se constituiu com o surgimento de novos leitores, novos gêneros, novos escritores e novas formas de ler como bem ressalta ABREU (2003). De acordo com a autora, os eruditos, procurando se diferenciar dos escritores e leitores “comuns” como forma de assegurar seu prestígio intelectual abalado pela disseminação da leitura,

passaram a eleger determinados autores, gêneros e algumas maneiras de ler como “melhores” ou “superiores”, o que veio a se convencionar a atribuição do termo literatura.

A escritora afirma que o processo em definir o conceito de literatura é produzido em termos semelhantes em toda Europa, incluindo Portugal, entretanto, ressalta que se dá em termos distintos e tomando a definição elaborada nos países centrais como referência. A pesquisadora informa que, em Portugal, o termo é dicionarizado pela primeira vez em 1727, no *Suplemento ao Vocabulário Portuguez de Bluteau* e que era definido como “erudição, ciência, notícia das boas letras”, sentido designado por Bluteau (1727). Igualmente como se fazia na França, a literatura em Portugal, no início do século XVIII, era entendida como conhecimento e não como um conjunto de obras. Outro dado importante que ela menciona é o fato de Antônio de Moraes Silva (1789) (reformador e acrescentador da obra do P. Bluteau), ter excluído esse termo de seu *Dicionário da Língua Portuguesa*, publicado em 1789. Entretanto, esse autor inclui o verbete “Letra” com a mesma definição que Bluteau deu à literatura.

De acordo com Abreu, as “bellas letras”, embora circunscrevam algumas obras, não designam poesias ou sermões e sim trabalhos de reflexão sobre essa poesia ou sobre esses sermões. A literatura passa de uma ideia mais ampla, isto é, capaz de englobar todo o conhecimento humano, a um campo mais reduzido, que é o de belas-letras/ letras humanas. Mesmo assim, mantém o caráter de um conjunto de matérias e não de uma prática. Na quarta edição do dicionário apenas, em 1831, é que a palavra literatura voltou a ser incluída e com a mesma definição que havia sido proposta no *Suplemento*. A autora afirma que embora a palavra só seja incorporada ao dicionário de Moraes Silva no século XIX, ele a utilizava desde 1789, no “Prólogo ao leitor” em que o autor menciona claramente o termo literatura.

Ainda sobre isso, Abreu salienta que mesmo não dicionarizada, a palavra fazia parte da língua e com o sentido de conhecimento e que somente no final do século XIX, ainda mantendo a mesma acepção, o termo aproximou-se sutilmente do sentido moderno, qual seja: *o conjunto das produções literárias d’uma nação d’um país, d’uma época*. O dicionário acrescenta ainda que *Os Lusíadas* são a obra capital da literatura portuguesa. Assim, são acrescentadas a noção de saber e de produção, além, disso, vincula a palavra literatura a um conjunto de obras definidas por terem sido produzidas em determinado tempo ou território.

A escritora também ressalta a importância dos bibliógrafos para a autonomização dos campos do saber, e que a primeira bibliografia impressa a contemplar autores portugueses parece ser a do espanhol Nicolau António (1696), entretanto, segundo ela, a grande referência para o mundo português será a *Biblioteca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado, publicada entre 1741 e 1759 que só foi ultrapassada pelo *Dicionário Bibliográfico Português*, de Inocêncio Francisco da Silva, em 1858. No quarto volume, os textos apresentados, na *Biblioteca Lusitana*, já trazem novidade no que se refere à classificação e compartimentação do saber, já que antes, segundo Márcia Abreu, não havia distinção entre o trabalho do poeta e o do médico no que se refere à produção intelectual. Ela também afirma que, em relação às obras, a religião era o campo de estudos sobre o qual havia maior volume de produção e também uma maior reflexão. A historiadora salienta que a forma poética atuava como traço distintivo, mesclado a outros critérios.

Com relação à prosa ficcional, a autora afirma que obteve uma categoria própria, denominada, na *Biblioteca Lusitana*, como “Histórias fabulosas”, na qual se congregavam obras diversas. Ressalta também que essa biblioteca pode ser entendida como parte do esforço de apresentação e de valorização da produção intelectual em língua portuguesa e que tinha a finalidade de conseguir, para seus autores, remuneração merecida. A valorização dos intelectuais estava atrelada ao desejo de vincular-se aos poderosos. Assim, o objetivo de enobrecer a pátria era mais acentuado nos portugueses porque apenas eles ainda não tinham confeccionado um inventário de sua produção escrita. Sendo assim, dedicavam obras a D. João V, justificando que elas seriam o espelho e a sustentação da nacionalidade de seu país.

1.3 A literatura e a imprensa periódica

A imprensa periódica afigura-se como um lugar não apenas de publicação de notícias, como também um meio de propagação do literário, nos períodos Setecentista e Oitocentista. Os periódicos dessa época abrigavam os mais diversos gêneros literários, como a poesia, a carta e o romance folhetim. Em relação ao romance folhetim, Marlyse Meyer observa que:

Seu início data da pós- revolução burguesa de julho de 1830, a qual coincide com o estouro do romantismo, já então na fase chamada romantismo social; vai desembocar no não menos romântico estouro da Revolução de 1848, suas glórias republicanas em fevereiro e massacre em junho. Esvazia-se o sonho com o “raio em céu azul” do golpe de 18 Brumário de Luís Napoleão Bonaparte, e o romance folhetim, proibido por uns tempos, vai ressurgir em loucos enredos, ganhando a etiqueta pejorativa de “romance popular”. (MEYER, 1996, p.64).

Observamos que da mesma forma que a crônica é um gênero nascido dos jornais (BARBOSA, 2007), tornando-se importante pelo fato de demonstrar as práticas culturais e um estilo de vida da sociedade Oitocentista, o romance folhetim também surgiu no mesmo suporte. Sendo assim, podemos constatar que a imprensa periódica deu margem e apoio para a criação, circulação, e consequentemente popularização da literatura.

Em relação a Portugal, os romances folhetins, de acordo com Gina Guedes Rafael (2012, p.33), o gênero folhetinesco garantiu aos periódicos tanto brasileiros como portugueses o mesmo sucesso apresentado nos jornais franceses, aos quais Marlyse Mayer se refere. Além disso, a estrutura e o espaço a ele destinado pelo periódico eram praticamente iguais ao dos franceses. De acordo com Rafael (2012), a imprensa através do artifício de fazer circular esse gênero vai, no século XIX:

Permitir estabelecer laços entre as classes sociais e, fundamentalmente, entre os dois sexos e nos finais do século, o folhetim torna-se um contributo fundamental para que as camadas mais baixas da população usufruam de bens culturais, podendo criar hábitos de leitura que estimulavam o desejo de ler e desencadeavam a fidelização do leitor. Esta nova atitude perante a sociedade, parece ser justificada pelo aumento do número de leitores / leitoras, pela progressiva alfabetização e escolarização e pela transformação dos meios de comunicação. O fenómeno de leitura alcançou proporções extraordinárias na vivência diária e no imaginário dos leitores, desenvolvendo um estímulo de grande importância sociocultural, em que as diferentes formas de ler e a nova relação estabelecida com o livro ou jornal permitiram definir novas práticas interligadas de sociabilidade. Por outro lado, a publicação em jornais de informações relativas a livros, a anúncios ou notas que continham simples referências a romances, a traduções feitas ou a novidades literárias em espaços próprios, não só promove a circulação de romances como também fomenta o interesse da leitora feminina. (RAFAEL, 2012, p. 33).

Sendo assim, é necessário considerar o fato de que, por mais que muitos dos textos literários que circularam, nos diversos jornais, não só portugueses, mas em nível universal, sejam taxados como literatura menor, há de se reconhecer que esse suporte

oportunizou o treinamento de vários autores no ofício da escrita e a tornarem suas obras conhecidas àquele público leitor da época.

1.4 Os folhetos jocosos

Além do sucesso do gênero folhetinesco, os periódicos dos séculos XVIII e XIX também eram o palco dos folhetos jocosos que circulavam nesse suporte, no espaço a que se denomina folhetim (MEYER, 1996).

O termo literatura de cordel é designado por Carlos Nogueira (2012, p.195), como “um conjunto vasto e instável de obras que eram penduradas, para exposição e venda, em cordéis distendidos entre dois suportes, presos por pregos ou alfinetes, em paredes de madeira ou na rua”. O cordel, de acordo com o autor, parece ter sido importado da Espanha para Portugal, na segunda metade do século XIX e não tem local e data precisas de surgimento. Segundo CÂMARA (2004), nos folhetos de cordel do século XVIII:

A sátira atravessa todas estas obras de fácil acesso e preço acessível. É sobretudo conseguida por um peso excessivo na identificação de práticas vestimentares ridículas, gestos afectados das personagens e ostentação de uma riqueza virtual. Encontramo-nos diante de textos onde emerge poderosamente um ambiente satírico que inclui abundantes referências ao quotidiano, e daí a importância da sua dimensão social e cultural. (CÂMARA, 2004, p. 113).

José Daniel parece ter aproveitado bem a acessibilidade do gênero folheto, para compor e vender seus escritos a larga escala. Além disso, podemos constatar em seus folhetos que compõem o *Almocreve de Petas*, as características apontadas por Câmara, isto é, personagens que fazem parte do universo quotidiano do leitor comum, com hábitos, costumes e vestimentas ridículas. Segundo BARBOSA (2012), a literatura divulgada em folhetos:

[...] não foi um fenômeno exclusivamente português, mas verificado em várias localizações da Europa. Conhecidos em França com o título de *Bibliothèque bleue*, na Inglaterra eram chamados de *chapbooks* (ou livros de venda ambulante), na Espanha os *pliegos de cordel* encontram a sua forma clássica no século XVIII. (BARBOSA, 2012, p.6).

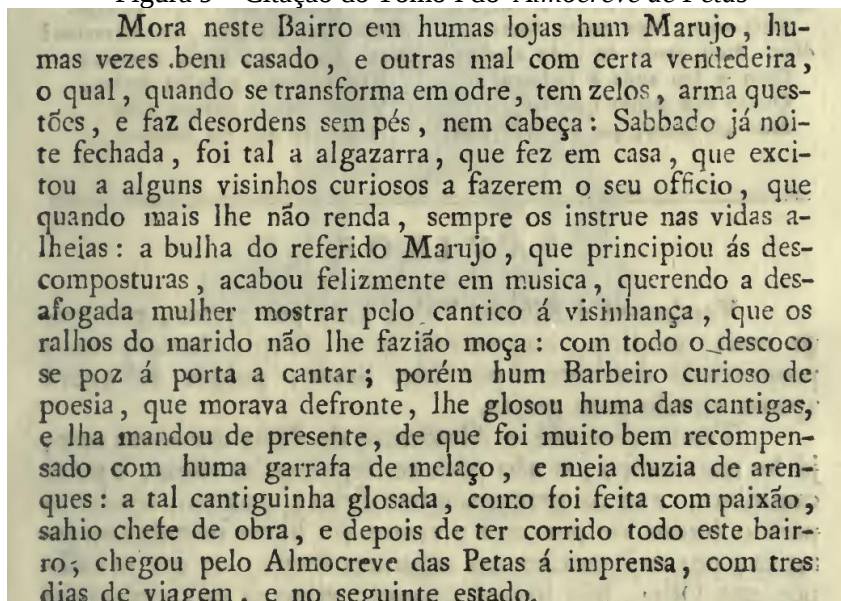
Considerados como uma literatura menos prestigiada, por seu caráter popular, os folhetos, que alcançaram seu apogeu nos Setecentos e atualmente estão esquecidos, pela

historiografia literária, são, de acordo com Luís Manuel Tarujo Ferreira (2012), “muitas vezes, os únicos documentos capazes de comprovar costumes e ideologias típicos de um determinado período” (p.7). Ou seja, através desses pequenos livrinhos, o leitor atual pode conhecer e compreender as práticas culturais e sociais de um povo, pois acreditamos que, por serem escritos por poetas populares, que conheciam a realidade dos vários setores da sociedade, conseguiam transpor para seus versos, os costumes desses povos de forma mais realística do que aquela forma romantizada dos autores clássicos. Sendo assim, o *Almocreve de Petas* (1798-1799), folheto periódico de José Daniel Rodrigues da Costa, se caracteriza como uma fonte vasta de folhetos que, retratam não só os costumes da sociedade portuguesa do século XVIII, como também a esse formato de escrita da época. Segundo BARBOSA (2012), ao se referir aos folhetos de José Daniel, afirma que:

Os folhetos periódicos deste autor e chamar a atenção para essa forma de imprensa, bastante popular nos fins do século XVIII e início do XIX, que ora é apagada pela historiografia da imprensa, ora é por ela desdenhada e nem mesmo chega a fazer parte da chamada literatura da época. (BARBOSA, 2012, p. 2).

Isto é, o *Almocreve de Petas* e o *Novo Almocreve das Petas*, que primeiramente circulou no formato de folheto, para só posteriormente ser transformado em livro (BARBOSA, 2012), é um exemplo de representação da memória do povo lusitano da última metade do Setecentos e do Oitocentos. Podemos observar isso em vários folhetos que o compunham, a exemplo do escrito abaixo:

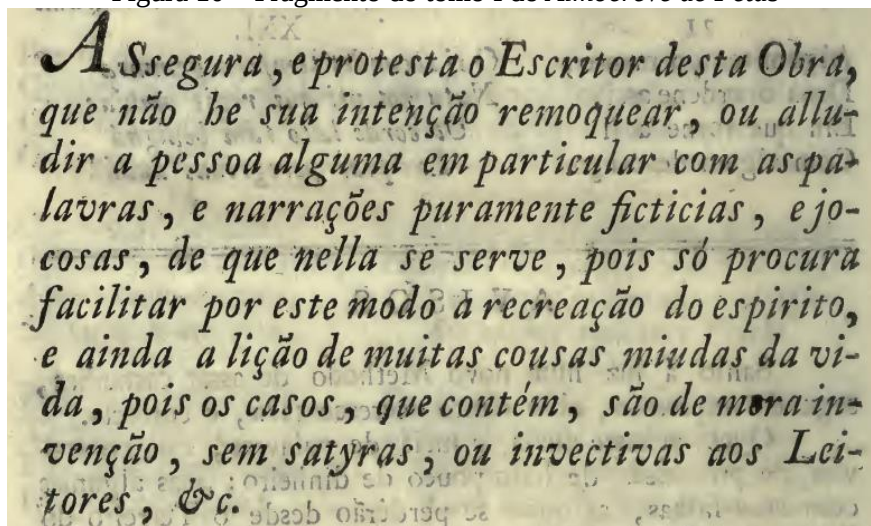
Figura 9 – Citação do Tomo I do *Almocreve de Petas*



Mora neste Bairro em humas lojas hum Marujo, humas vezes bení casado, e outras mal com certa vendedeira, o qual, quando se transforma em odre, tem zelos, arma questões, e faz desordens sem pés, nem cabeça: Sabbado já noite fechada, foi tal a algazarra, que fez em casa, que excitou a alguns vizinhos curiosos a fazerem o seu officio, que quando mais lhe não renda, sempre os instrue nas vidas alheias: a bulha do referido Marujo, que principiou ás descomposturas, acabou felizmente em musica, querendo a desafogada mulher mostrar pelo cantico á vizinhança, que os ralhos do marido não lhe fazião moça: com todo o descoco se poz á porta a cantar; porém hum Barbeiro curioso de poesia, que morava defronte, lhe glosou humas das cantigas, e lha mandou de presente, de que foi muito bem recompensado com hum garrafa de melaço, e meia duzia de arenques: a tal cantiguinha glosada, como foi feita com paixão, sahio chefe de obra, e depois de ter corrido todo este bairro, chegou pelo Almocreve das Petas á imprensa, com tres dias de viagem, e no seguinte estado.

A maioria dos escritos de José Daniel presentes em seu periódico *Almocreve de Petas*, ocupa-se em retratar, sempre de forma jocosa, os costumes do povo comum. A maior parte, se não todos os folhetos de caráter noticioso, isto é, que se propunha a noticiar fatos da Lisboa do século XVIII, retratavam os cidadãos das classes menos favorecidas sempre como sendo mal educados. Os homens são constantemente representados como críticos mordazes das mulheres, ou possuidor de vícios como: jogos e bebidas; as mulheres, tidas como: barraqueiras, birrentas e fúteis. Ou seja, José Daniel se propõe, de certa forma, a demonstrar o modo de vida dos lisboetas de seu tempo, através de seus folhetos. No entanto, é possível perceber, pelo modo jocoso com que os escreve, que os conteúdos desses folhetos (principalmente os em forma de notícia), são mera invenção do redator, como se recriasse uma outra Lisboa, inventada por ele para cumprir seu aparente propósito de causar o humor por meio da satirização aos povos mais populares. Dessa forma, as notícias inventadas pelo autor, tornam-se, de certa forma, uma grande obra narrativa, que tem como palco, a cidade de Lisboa. Como o próprio José Daniel faz questão de ressaltar, seus escritos são fictícios e sem nenhuma obrigação com a verdade dos fatos por ele noticiados:

Figura 10 – Fragmento do tomo I do *Almocreve de Petas*



Fonte: ALMOCREVE DE PETAS (1819, tomo I, parte I, p. 8).

Sendo assim, o redator se isenta da responsabilidade de seus folhetos, evitando assim, a censura e a crítica que a eles pudessem ser feitas. Vale ressaltar que as notícias que eram publicadas no *Almocreve de Petas* (1798-1799) possuíam, por sua natureza

jocosa e pelo fato de abordarem assuntos ridículos e sem nenhuma serventia para os leitores em relação a sua informatividade, características do que conhecemos hoje por crônica. Esse aspecto talvez se deva ao fato de que a crônica era um tipo de escrito que estava começando a surgir e que, sendo assim, não tinha ainda todas as suas características normatizadas, isto é, fica evidente que o nascimento de alguns gêneros literários, a exemplo da crônica, se apoiavam em outros já existentes, para só posteriormente adquirir seu próprio perfil. Por esse motivo é que encontramos em jornais e periódicos dos séculos XVIII e XIX, determinados gêneros que conhecemos, atualmente, com suas características bem consolidadas, mesclados a outros, quando do momento de sua criação. Sendo assim, podemos perceber que os gêneros não surgiam do nada (PÉCORA, 1991), e que, nos séculos nos quais a imitação era algo corriqueiro no mundo das letras (BARBOSA, 2007), a ideia de originalidade não era preponderante como é na atualidade.

Além das notícias jocosas, há ainda no periódico o *Almocreve de Petas*, outros gêneros jocosos como as máximas²⁰, “opiniões, estilo, uso, costume que não tínhamos e tomamos de outrem” (SILVA, 1789, p. 29), que assim como a *Carta, que o Cavalheiro de Bragas costumado a pesadelos escreveu ao seu Amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta Variedade e gosto*, atribuída a um certo D. Sonho Sonhé, a qual era constante no periódico de José Daniel e publicada em partes, as “Máximas do Velho de Romulares” também eram recorrentes.

Em algumas introduções dessas máximas, o autor as intitulava “*Máximas do velho de Romulares continuadas na maior parte destes folhetos*”, o que demonstra a periodicidade regular com que esses escritos circulavam. Entretanto, mesmo tão constantes no periódico de José Daniel, essas máximas estão ausentes no de Bordalo e Araújo. Pela breve introdução que antecede a transcrição da primeira parte das máximas, podemos perceber o caráter jocoso que elas terão:

Figura 11 – Trecho do tomo I do *Almocreve de Petas*

²⁰ Sentença que expressa conceito ou moral como orientação de vida; axioma. Sua origem vem do latim *maxima*, que significa “de extremo valor”. Na literatura, a máxima é um recurso muitas vezes usado por autores na introdução de capítulos ou em prólogos e epílogos, a fim de estabelecer analogia entre o texto e uma frase citada anteriormente por algum outro. CEIA, Carlos. *Máxima: E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <http://www.edtl.com.pt>, Consultado em 30/01/2017.

He para admirar a robustez, e esperteza, com que neste bairro morreo hum homem, que contava de idade cento e quatorze annos, sabendo-se com toda a certeza, que já mais bebeo outra agoa, que não fosse a da fonte da pipa; tinha este bom velho cousas exquisitas na sua vivenda, elle já mais provou fruto, que nascesse deitado, como abobora, pepino, melão, melancia, &c.... elle conservava todos os seus dentes, poupando-se muito a que lhos tirassem por esmóla; para o que inda na sua mocidade ninguem se lembra de o ver de noite na rua, pois dizia com muita graça, que de noite só andava homeni de capote curto: na ultima hora da sua vida chamou ao pé de si hum neto, que tinha, e depois de alguns dictames de razão, com que o instruiu de palavra, lhe entregou hum papel de maximas, que escrevêra nos serões, a fim de que seu neto se soubesse livrar das iniharias deste mundo, cujas maximas aqui se copiarão fielmente, e se dividem pelas partes seguintes desta Obra.

Fonte: ALMOCREVE DE PETAS (1819. tomo I, parte III, p. 4.).

Ou seja, o senhor, que quando da escrita das máximas já contava 114 anos e que, apesar da idade, conservava todos os dentes, é apresentado como excêntrico e supersticioso (não provar fruto que nasce deitado, melão, melancia etc.). A partir da introdução citada acima, o autor desses escritos possibilitava ao leitor da época o conhecimento do conteúdo desta composição. O “Velho de Romulares” é um personagem jocoso, que lança seus ditados de forma humorística. Em outra parte (continuação) dessas máximas, tomamos conhecimento da figura do neto do Velho de Romulares:

Figura 12 – Fragmento do tomo I do *Almocreve de Petas*

Por muita felicidade nos continuão a vir á mão as máximas do Velho de Romulares, que por sua morte deixou a seu Neto, como já fica annunciado na 3.^a Parte desta Obra; e inda que o rapaz dellas faz pouco caso, não deixarão de utilizar a outros, que comprarem, e lerem este papel, se não forem, com perdão de VV. mm., tão descuriosos como elle; e são as seguintes, que em Portuguez he o mesmo que dizer, que são as que se seguem.

Fonte: ALMOCREVE DE PETAS (1819, tomo I, parte V, p. 4.).

O narrador do escrito afirma que o neto do personagem protagonista faz pouco caso dos conselhos do Velho, no entanto, tal afirmativa é descrita apenas na ótica do narrador, pois em nenhuma das partes fica comprovado o descaso ou a não aceitação das

advertências do avô do jovem, que mesmo aparentando não dar importância, segundo o apresentador da história, os leitores não deixarão de comprá-la. Isto é, mais uma vez, percebemos a tática de José Daniel em convencer seus leitores a consumirem os números do seu periódico.

Como pudemos observar, os folhetos jocosos do século XVIII circulavam em gêneros diversos e obtiveram sucesso de venda, consumidos pelo leitor popular da época.

2 A APROPRIAÇÃO DO NOME DE JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA

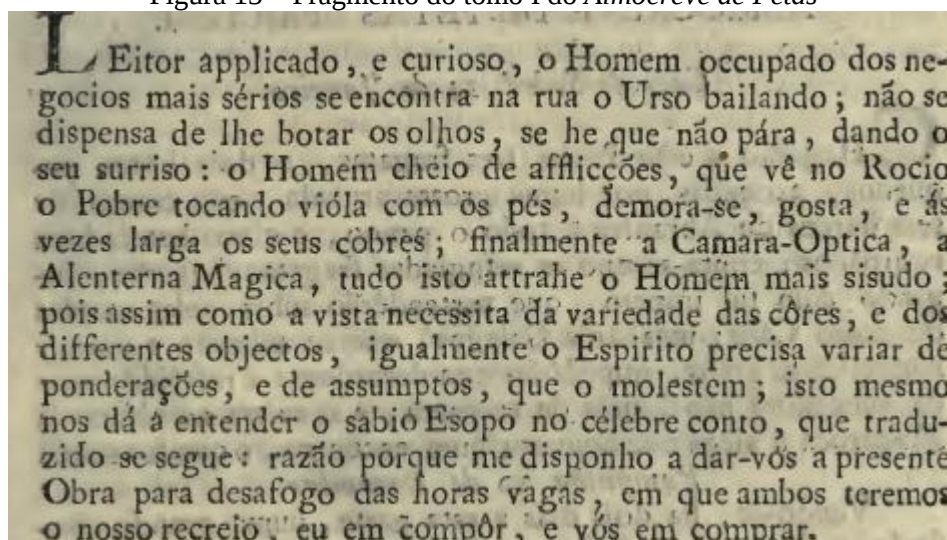
« Como a pilula amargosa
« Se doura ao triste doente,
« Para ser menos tediosa ;
« Assim á moral pungente,
« Doura uma phrase jocoza :
« E a mocidade imprudente,
« Vendo-a dourada e vistoza,
« A toma insensivelmente.

J. DANIEL RODRIGUES DA COSTA.
Almocreve de Petas.

2.1 Almocreve de Petas e O Novo Almocreve de Petas: aproximações e distanciamentos

José Daniel Rodrigues da Costa se utilizou de artifícios para conseguir manter o número de assinantes de seu periódico, *O Almocreve de Petas* (1798-1799), como por exemplo, a prática de não só traduzir textos, que para ele seriam o gosto de seu público leitor, mas também tentar persuadi-lo de que o periódico seria uma boa aquisição para os diferentes públicos da época como podemos constatar no enxerto abaixo:

Figura 13 – Fragmento do tomo I do *Almocreve de Petas*



Fonte: ALMCOREVE DE PETAS (1819, Parte I, tomo I, p. 1).

Para cumprir seu intento, o autor lança mão do prazer de leituras de textos de outros países por parte de seus leitores, para manter seus assinantes, ao mesmo tempo convence-os de que a leitura de seu periódico além de dar-lhes prazer também seria de

grande utilidade “Assim como a vista necessita da variedade das cores, e dos diferentes objetos, igualmente o Espirito precisa variar de ponderações, e de assumptos, que o molestem”. (ALMOCREVE DE PETAS, 1819).

Joaquim José Bordalo e Luiz de Araújo, redatores do *Novo Almocreve das Petas* (1871), também utilizam esses recursos para chamar a atenção de seus leitores e são ainda mais atrevidos, pois emulam²¹ o modo de escrita de José Daniel. A hipótese mais plausível em relação ao objetivo desses redatores em copiar o estilo de José Daniel seria a mesma do autor Setecentista, isto é, conseguir assinaturas para seu periódico, só que dessa vez, utiliza-se do reconhecimento e prestígio do nome de José Daniel. Os emuladores afirmam o desejo de que seu livro deva ser bem aceito, pois têm esperança que os de espirito mais “preocupado dignar-se-hão desdobrar-lhe um sorriso”:

Figura 14 – Prólogo do *Novo Almocreve das Petas*

Homem de serios negocios
Que este mundo triste encara,
Se vê na rua um macaco,
Contemplando-o a sorrir, pára!

²¹ Dicionário da língua brasileira. Pinto, Luiz Maria da Silva, 1775-1869. **Emulação**, s. f. ã >s no plur. Desejo de igualar se, ou avantajarse a outrem em coisa louvável. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 02 jun. 2017. *sf (lat aemulatione)* 1. Sentimento que incita a imitar ou a exceder outrem. 2 Estímulo. 3 Rivalidade (geralmente no bom sentido, isto é, rivalidade sadia, imbuída de espírito esportivo). 4 Dir. Rivalidade que leva alguém a recorrer à justiça, sem fundamento, visando maldosamente a prejudicar a outrem. Dicionário de Português Online. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=emula%E7%E3o>>. Acesso em: 15/03/2016.> Acesso em: 13 jun. 2016.

Homem viuvo e de luto,
 Se ouve os cegos da guitarra,
 Pára também; ouve o fado;
 E mais a sua algazarra.
 Parteira que vae com pressa,
 Assistir a um menino,
 Se passa a guarda — parou,
 Depois segue o seu destino.
 Amanuense janota,
 Que vae p'ra repartição,
 Se vê em dias de chuva
 Com um menino p'la mão
 Um dama arregaçada;
 Com verdade esta lhes conto,
 Segue a nympha salpicada,
Não faz nada — e perde o *ponto*.
 É condão da natureza,
 Amar a variedade,
 E é uma grande verdade,
 Ter por fim a nossa empresa,
 A velhos, meninas, vegetas,
 Variar e deleitar
O Novo Almocreve das Petas.

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS (1871, pp. 3-4).

Como podemos perceber o escrito acima é a cópia do folheto de José Daniel, presente na parte I, página 1 do tomo I do *Almocreve de Petas*. Os redatores do Novo Almocreve apenas mudam a estrutura (de prosa para verso), mas mantêm o caráter jocoso dele. Assim, podemos observar que Bordalo e Araújo deixam evidente, assim como José Daniel Rodrigues da Costa, a preocupação em agradar a variados tipos de leitores, o que era uma tática recorrente nos dois jornais em análise e oferecerem seus periódicos para “variar e deleitar” os leitores de seu tempo. Os redatores do *Novo Almocreve das Petas* (1871) pareciam compreender o gosto dos leitores de seu tempo, isso justifica o fato de retomarem o periódico de José Daniel Rodrigues da Costa, pois a forma como cada leitor se apropria de um determinado texto depende da época, contexto e suporte, atribui a ele o sentido que lhe aprouver. “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado” CHARTIER (1999). Assim como também era comum à imitação de periódicos na época. Isto é, o *Novo Almocreve das Petas* não é o único jornal a ser parodiado no século XIX, isso era uma prática recorrente à época (BARBOSA, 2007).

Pudemos constatar que, além de José Daniel, outros autores portugueses gostavam bastante de utilizar a palavra “Almocreve”, homem que conduz besta de carga (SILVA, 1789) em suas obras, como é o caso de Gil Vicente (1465-1536), considerado o maior dramaturgo popular português, que escreveu a peça *Farsa dos Almocreves* (1527).

Observemos o enxerto abaixo do livro *Gil Vicente- O autor e a obra* (1982), do pesquisador Paul Teyssier:

Esta farsa foi composta em Coimbra durante o Verão de 1527. Nesse ano, de facto, a corte estanciou em Coimbra de Junho a Dezembro. Trata-se mais uma vez duma farsa com «sketches» desprovidos de enredo. A cena decorre naquela cidade, em casa de um Fidalgo pretensioso e famélico que arma em grande senhor mas não tem com que retribuir o pessoal. O Capelão tenta em vão obrigá-lo a pagar-lhe os seus honorários. Chega a vez de um Ourives que lhe apresenta, também sem êxito, a sua factura. O jovem camponês «ratinho» que lhe serve de pagem espera, contra todas as evidências, que esse emprego lhe abra as portas da fortuna. Dois Almocreves que entregam bagagens são também despedidos sem pagamento. O que confere maior interesse a esta pequena farsa é a descrição satírica do Fidalgo pobre, devorado pela ambição e pelas pretensões. Através dele, Gil Vicente satiriza todo o sistema social de Portugal. Toda a gente quer «medrar», desde os fidalgos até aos mais humildes «ratinhos». Viver na corte é a ambição suprema e os campos despovoam-se. Mas, para além da sátira, um fascínio muito especial desprende-se desta peça, a que Gil Vicente imprimiu uma pitoresca e poética cor local. É no Verão. O vale do Mondego sufoca sob o calor. Os almocreves conduzem os animais de carga pelos caminhos de montanha. (TEYSSIER, 1982, p. 74).

Observemos um trecho da obra a *Farsa dos Almocreves* e que se encontra no texto de Ernestina Carrilho (1993), no qual a pesquisadora analisa a obra:

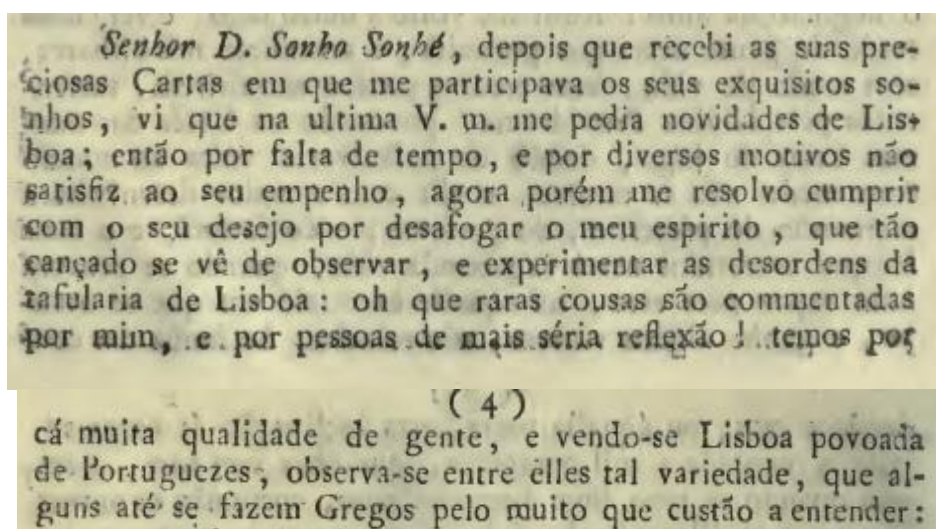
Sam capelão dum fidalgo
Que nam tem renda nem nada
Quer ter muitos aparatos
E a casa anda esfaimada.
Toma ratinhos por pagens
Anda já a cousa danana
Quero-lhe pedir licença
Pague-me minha soldada.
(GIL VICENTE *Apud*. CARRILHO, 2005, p. 08).

No diálogo entre o Capelão e o Fidalgo, esse último encontra-se endividado, ele na farsa, luta para manter as aparências, mesmo não tendo o que pôr à mesa. Ele tem a seu serviço o capelão que de acordo com Carrilho, confiando na promessa do fidalgo que lhe prometeu a “aderência do paço”, sujeita-se a todo tipo de humilhação para ajudar ajudá-lo.

Fica evidente que, além de ambos utilizarem a palavra “almocreve”, o propósito de José Daniel Rodrigues da Costa ao escrever seus folhetos jocosos que integram o

periódico *Almocreve de petas* (1798-1799) é muito próximo, se não, o mesmo, de Gil Vicente na *Farsa dos Almocreves* (1527). Ou seja, os dois autores, cada um em seu tempo (séculos XVI e XVIII), tecem sátiras à sociedade portuguesa. A diferença entre eles é que enquanto Gil Vicente atacando figuras ilustres da corte portuguesa, como fidalgos e capelães, o autor Setecentista, além de satirizar os cidadãos importantes de sua sociedade do século XVIII, seu alvo principal são as pessoas das camadas mais populares, não poupando ninguém de suas petas jocosas, o que é um fato curioso, já que eles eram seu principal público leitor. Vejamos:

Figura 15 – Fragmento do tomo II do *Almocreve de Petas*



[...]

o negocio da alma! Aqui me volto a outro lado, e vejo hum turno de gente desta que pornoita, e amanhece nos bilhares, sem modo de vida, sem credito para o adquirirem, sustentados pela Divina Providencia, povoando os Cafés das mesmas casas de jogo, dando de palanfrorio volta ao mundo com medo não se esturre, e alli com a maior desenvoltura mermurão do preterito, do presente, e do futuro, e o mais he que entretidos nesta vagabunda vida, quando se procura hum rapaz para este, ou aquelle exercicio em que se occupe, e ganhe algum vintem, não se acha: he huma das cou-

Fonte: ALMOCREVE DE PETAS (1819, tomo II, parte XCII, pp. 3-4).

O fragmento acima é uma carta atribuída a Caracol Dias de Abreu, que atende ao pedido “D. Sonho Sonhé”, que durante os dois tomos do *Almocreve de Petas*, conta-lhe um sonho que teve na “Ilha dos tafuis”, intitulada *Carta, que o Cavalheiro de Bragas costumado a pesadelos escreveu ao seu Amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho*

que teve de tanta Variedade e gosto. Nesse sonho, Sonhé, desmascara, por meio desse suposto sonho, às mazelas acometidas por pessoas de diferentes setores da sociedade lisboeta e “encontrava-se com as várias camadas da sociedade, como mulheres pobres, vaidosas, namoradeiras; homens “tafuis”, preguiçosos, viciados em jogos, ex chefes da tafularia (alegoria de ex governantes da cidade de Lisboa) entre outros” (SANTOS, 2014). Na citação acima, Caracol Dias noticia ao amigo sonhador as coisas negativas que, para ele, estão ocorrendo realmente na Lisboa do século XVIII.

Nesse sentido, podemos perceber que há uma retomada, por parte, de José Daniel Rodrigues da Costa em relação a temática presente na *Farsa dos Almocreves* de Gil Vicente. Sendo assim, destacamos mais uma vez a importância da obra de José Daniel para a reconstituição do modo como se fazia literatura naquela época.

2.2 Dois periódicos, três redatores, as mesmas mulheres

O *Novo Almocreve das Petas* (1871) além de imitar o conteúdo do *Almocreve de Petas* (1798-1799), também copia a sua estrutura, composto por partes e com divisões e subdivisões. No entanto, o periódico de Bordalo e Araújo faz acréscimos, isto é, ao passo que no de José Daniel predominava o gênero literário, carta prevalecendo a temática da sátira à mulher e do taful como foi demonstrado no Trabalho de Conclusão de Curso de Santos 2014. No jornal oitocentista, essas temáticas também são abordadas, entretanto o tema é encontrado em gêneros literários diferentes. Ou seja, no *Novo Almocreve das Petas* a satirização da mulher se dá predominantemente através das poesias e dos artigos e não em forma epistolar como no de José Daniel. Podemos notar isso no texto de abertura do jornal intitulado “Artigo para as senhoras”:

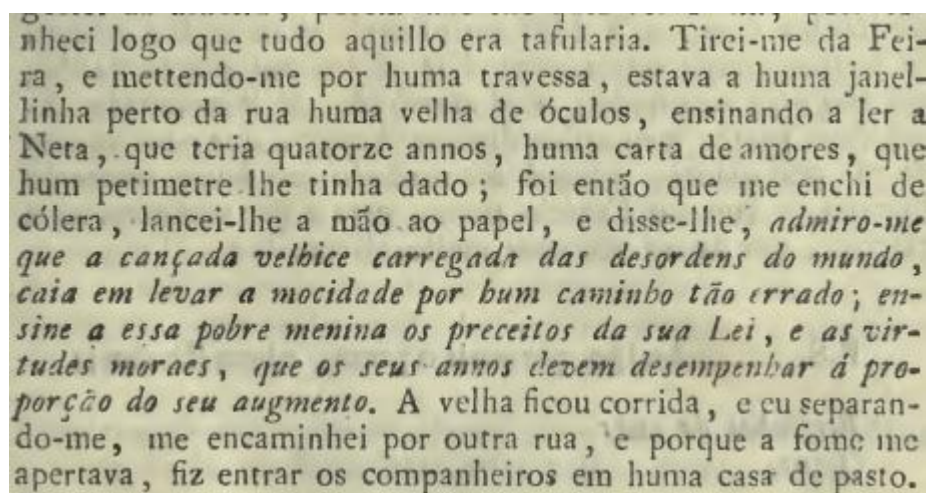
Figura 16 – Fragmento do *Novo Almocreve das Petas*

Toilette de passeio. — Fato estapafúrdio, folhos por toda a parte. Chapéu de palha em forma de cuvilhete com flores de campo espetadas. Botas de picareta, com salto de pião, deixando ver joanete enorme... ou ferro de engommar disforme! (Ao serio.) Toilette de passeio: — Vestido de *crépon* da China azulado, saia com tres largos *biais de foulard* branco. Coirpete degotado, casaquinho curto, mangas largas. — Mas o que está e esteve sempre mais em moda, é cada qual usar o que muito bem lhe parece; porque isto de attender ás innumeradas regras da moda, é a ruina dos chefes de familia, e philosophicamente fallando, o permanente ridiculo das filhas. Pode-se ser elegante sem ser pretenciosa, e sempre a formosura brilha mais casada á simplicidade; mas assim como os chinós e as cabelleiras se inventaram para os senhores de *peneira*, tambem as variedades estultas da moda, se fizeram para... *as meninas de juizo*.

Era lugar comum à época satirizar a mulher através da vaidade, da fealdade e de suas vestimentas extravagantes, esta última característica é visível na citação acima. No periódico de José Daniel Rodrigues da Costa essa satirização também acontecia, e as tópicas, isto é, os lugares comuns que eram a fonte geral de onde os oradores antigos tiravam os argumentos e provas para abordar qualquer assunto, (Dicionário online de Português) utilizadas para isso eram as mesmas como demonstra o enxerto abaixo:

Figura 17 – Fragmento do periódico *Almocreve de Petas*

[...]



Fonte: ALMOCREVE DE PETAS (1819, Tomo II, parte I, p.3).

Podemos observar que há, no trecho acima, uma crítica às mulheres namoradeiras, prática recorrente no século XIX. (BARBOSA 2007). É importante ressaltar que a literatura nesse momento histórico possuía uma dupla função que era a de deleitar, ou seja, proporcionar o prazer da leitura, e instruir que objetivava passar uma instrução. Essa última função consistia em, através de um escrito literário corrigir algumas práticas inaceitáveis acometidas pela sociedade da época, que não se restringia apenas à feminina.

Em outra missiva jocosa do “remetente”, “Victorino Aniceto Zagal de Souza” que tinha por título *Carta que do Porto escreveu um sujeito a um seu Amigo de Lisboa, dando-lhe parte do mal que se dava com sua mulher*, percebemos que o sexo feminino mais uma vez é retratado de forma negativa:

Figura 18 – Trecho do periódico *O Almocreve de Petas*

Amigo, que muito préso, dou parte a V. m. que estou convencido de que nada ha que ensine melhor o homem, que a experiencia, e de que a paixão arrebatada he o precipicio certo do mesmo homem: Infelizmente me acho casado, porque invejando o Matrimonio de alguns Amigos meus, me apaixonei por huma mulher, sem me lembrar da desigualdade

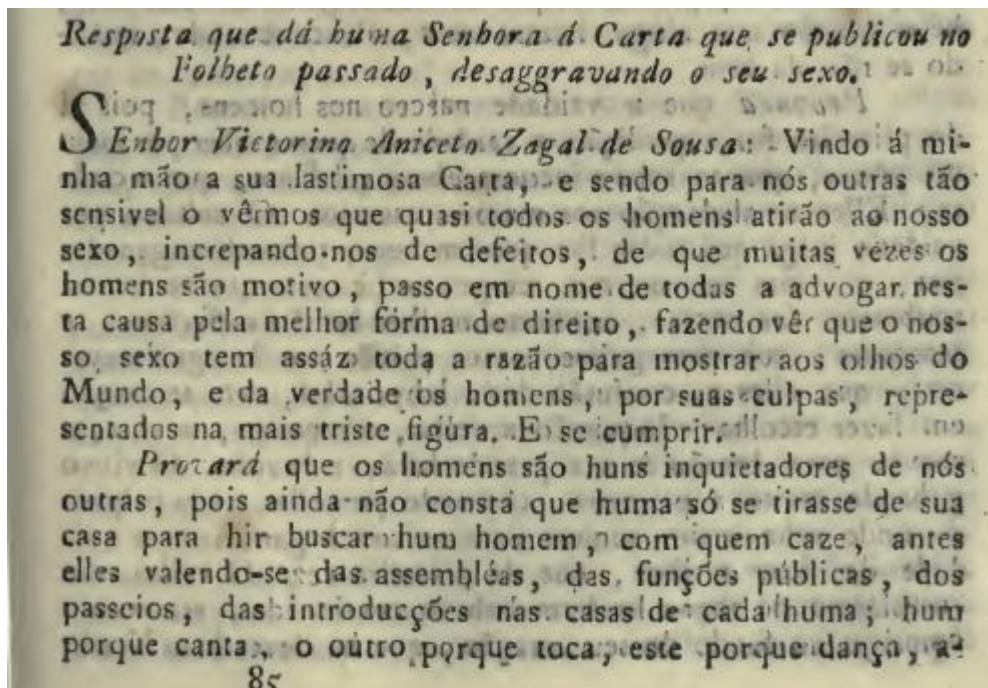
(3)

de genios, de que se compõe este sexo. Agora vejo bem a meu pesar, que ha mulheres que formão hum composto de labyrintho, onde o homem se não sabe entender, nem entendêlas. Questionarão certos Filósofos, em que tempo a mulher era boa, melhor, e optima, e assentarão que era boa, quando morria, melhor quando morria logo, e optima se deixava o marido rico. Tambem questionarão quando era má, pêor, e pessima; e igualmente assentarão, que era má sempre, pêor quando a tratavão bem, e pessima quando a tratavão mal. Vistos estes pareceres, e analysando o que passo, concluo, que poucas merecerão a excepção desta regra. Se lhes

Fonte: *ALMOCREVE DE PETAS*, 1819, Tomo II, parte LXXXIV. pp. 2-5).

Em defesa do seu sexo, observamos que uma suposta leitora mulher escreve ao *Almocreve* em carta intitulada: *Resposta que dá huma Senhora à Carta que se publicou no Folheto passado, desaggravando o seu sexo*:

Figura 19 – Resposta à carta de Victorino Aniceto Zagal de Souza no tomo II do *Almocreve de Petas*



quelle porque faz versos, e muitos porque são d'aquem e d'além, Morgados disto, e d'aquillo, até, com bem magoa minha o digo, se valem dos lugares mais sagrados, somente para o fim de inquietar-nos.

Provard que elles são hunos soberbos, que se levantão com o santo, e com a esmola, pois destroindo quanto a favorecida mulher trouxe, deixão-se a si, e a toda a familia pedindo huma esmola, e conservando apenas os fumos da abundancia, que já tiverão; fazem da mulher huma escrava, onde a necessidade augmenta o odio, e fulmina o seu máo comportamento, pensando que isto de receber huma mulher, he o mesmo que alugar humas casas, d'onde se muda, quando se não dá bem.

Fonte: *ALMOCREVE DE PETAS*, (1819, Tomo II, parte LXXXV. pp.1-4).

Ou seja, a remetente da carta acima que ao contrário de Victorino Aniceto, não se identifica, no entanto, é reconhecida como sua esposa, como é possível identificarmos ao final da carta de Victorino presente na página 5 do tomo II, parte LXXXIV:

Figura 20 – Trecho do periódico *O Almocreve de Petas*

A resposta desta Carta foi escrita por huma senhora Esposa do correspondente acima, que pilhando-a ás mãos intentou despigar valorosamente o seu sexo, pondo nas boxinhas dos homens o feito, e o por fazer: fica-se copiando no Folheto da semana que vem para igualmente chegar á noticia de todos.

Fonte: *ALMOCREVE DE PETAS*, (1819, tomo II, parte LXXXIV, p. 5).

A remetente da resposta à Victorino ressalta bem sua posição em relação ao sexo oposto, ela não só se defende das críticas e acusações sofridas, como também afirma que os homens é quem perseguem o seu sexo, segundo ela, são eles quem as procuram, buscando nelas alguma qualidade que lhes agradem, para que assim, possam contrair matrimônio, e não o contrário como atesta Victorino. Vemos, portanto que essas duas missivas analisadas possuem um duplo caráter, demonstrar a insatisfação do feminino ante a misoginia que imperava na época e ao mesmo tempo, ressaltar o objetivo do editor, que é entre outros, satirizar aspectos importantes da sociedade portuguesa por meio do jocoso.

Embora os dois periódicos em análise tenham críticas às mulheres, pudemos constatar que no *Novo Almocreve* (1871) isso de dava de forma mais enfática mesmo porque, há uma passagem de tempo considerável (72 anos) de um jornal para o outro. Isto é, os costumes certamente eram outros. Vejamos a próxima citação retirada do poema cômico “Não quero mais namoros” em que essa característica é evidenciada:

Figura 21 – Trecho do periódico *O Novo Almocreve das Petas*

Sou um tigre tal e qual!
Sou um urso, sou um parvo,
Sou um imenso animal!
Deveras que estou zangado,
Com o sexo feminino,
Mulheres... bichas! pantheras
Mulheres... eu abomino!
Mulheres... bruxas fataes...
Eu já não namoro mais!

Todas ellas são o mesmo!
Todas ellas falsas são!
Quando nos piscam o olho,
Nós pescámos-lhe traição.
Não quero mais pescadelhas,
Não quero mais namoricos,
Hei de fazer em fanicos,
As cartas que tenho d'ellas.
Oíçam agora os solteiros,
Prestem-me toda a atenção,
E sirva-lhe o que lhe digo
Francamente de lição.

As *Marias*, são fingidas,
As *Luizas*, são finorias,
As *Bernardas*, revoltosas,
As *Franciscas*, simplorias.
As *Ritas*, sabem-na toda,
As *Emilias*, jesuitas,
Conegundes, e *Andrezas*,
Sempre horrendas, coitaditas.

Fonte: *NOVO ALMOCREVE DAS PETAS*, (1871, p. 24).

Na poesia, o eu lírico se apresenta de forma misógina ao se referir ao sexo feminino. Ele se utiliza de lugares comuns para satirizar o feminino, como por exemplo, a falsidade e o seu caráter traiçoeiro (versos 10 e 12), além de adjetivar as mulheres de fingidas e espertas. No entanto, o atributo que mais nos chama a atenção é o de “bruxas fatais” (verso 7), em que o eu poético se apropria de elementos míticos para respaldar sua tese de que o feminino é um perigo para o masculino, inclusive aconselhando aos jovens solteiros a não cometer o mesmo erro que ele ao confiar em uma mulher.

António Barbosa Bacelar, (1610-1663), poeta epigramático bastante consagrado do século XVII também se reportou a satirizar a mulher em algumas de suas poesias e a tópica escolhida por ele foi a fealdade:

És feia; mas de sorte que, horrorosa,

À tua vista é bela a fealdade.
Mas tens fortuna tal, que a enormidade
Te consegue os tributos de formosa.

Cara tão feia, coisa tão parmosa,
Todos observam, e move a raridade.
Não desperta o comum a curiosidade,
Ser rara é que te adulta vaidosa.

Ama-se o belo e cega o mesmo afeto.
O Feio, pois não liga o pensamento,
Deixa miudamente ver o objeto.

Isso faz que se observe esse portento.
Quanto estás obrigada a esse aspecto,
Se o enorme te dá merecimento!
(BACELAR, *Apud*, VERNEY, 1991, p.152).

Podemos perceber uma crítica contra a fealdade das mulheres que era um dos temas recorrentes nos epigramas²² não só nos de Bacelar, como de outros poetas epigramáticos, como, Marcial e Bocage. Como afirmado anteriormente, esse atributo feminino (a fealdade) é constantemente evidenciada no periódico *Almocreve de Petas* (1798-1799), de José Daniel Rodrigues da Costa.

²² O epigrama, originalmente, era uma inscrição gravada das oblações aos deuses nos monumentos e em outros objetos, contendo uma simples indicação do seu destino. E, como estas inscrições ou títulos se faziam de ordinário em verso, veio a denominar-se epigrama qualquer poema breve, maiormente o que constava d'um conceito agudo e luminoso. Finalmente os autores de antologias, que coligiam pequenos poemas de diversos gêneros, e com estes misturavam epigramas, deram a todas estas poesias o nome comum d'epigramas. (FIGUEIREDO, 1862, p. 55).

3 OS GÊNEROS LITERÁRIOS E SUAS TRANSFORMAÇÕES NOS PERIÓDICOS *ALMOCREVE DE PETAS* E NO *NOVO ALMOCREVE DAS PETAS*

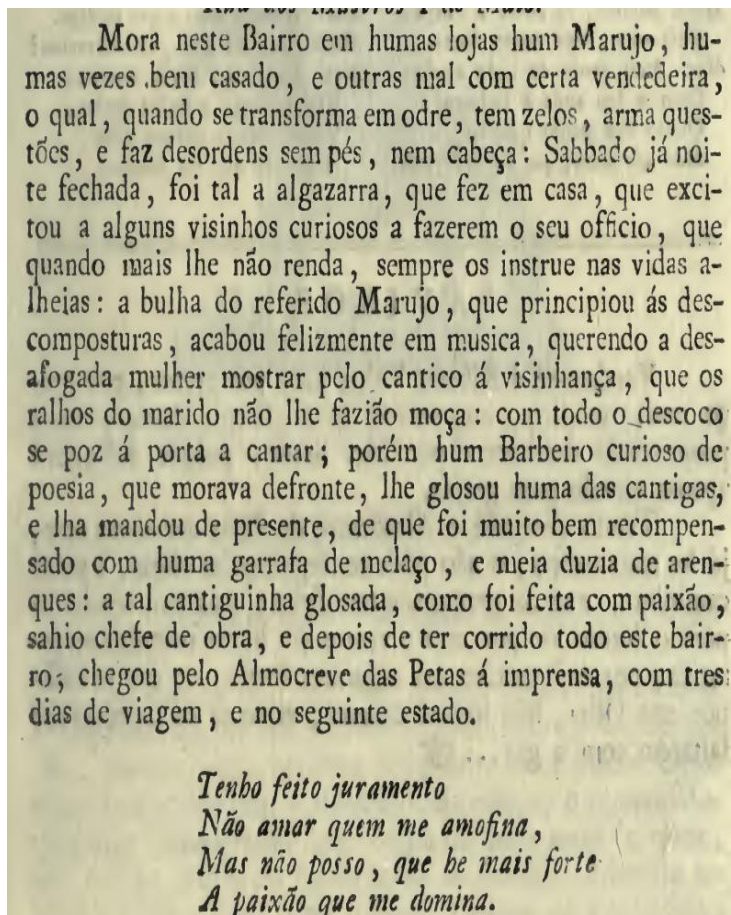
A literatura não é esgotável pela simples e suficiente razão de que um único livro não é. O livro não é um ente incomunicado: é uma relação, é um eixo de inumeráveis relações. Uma literatura difere de outra, ulterior o anterior, menos pelo texto que pela maneira de ser lida (BORGES, 1951).

De acordo com Pécora (2001, p. 12), um gênero literário não precisa ser puro ou “inalterável em suas disposições, assim como o objeto não é idêntico à aplicação de um conjunto de prescrições encontradas em determinada preceptiva do período”. Com base nisso entende-se que não há uma pureza nos gêneros e que é preciso analisar os escritos dos séculos XVIII e XIX, levando-se em consideração não apenas os textos, mas também o suporte e o seu contexto de produção, para que dessa forma se confira visibilidade a esses escritos enquanto produtores de sentido sem se desvincular dos três eixos elencados. De acordo com o autor:

Reconhecer nos objetos literários o estatuto irreversível de signo, figura ou convenção, que se define no interior de um gênero particular, praticado com nuances e variações em diferentes épocas e lugares, implica admitir que interpretá-los como referência a uma subjetividade particular ou a um grupo social é apenas uma escolha, historicamente explicável e eventualmente interessante, mas não natural, nem óbvia. [...]. Antes, querem localizar os meios discursivos disponíveis na tradição de composição dos textos examinados, cuja eficácia de persuasão necessariamente varia segundo o ajuste da aplicação de tais meios às diferentes circunstâncias de pessoa, tempo, modo e lugar relevantes em cada caso. (PÉCORA, 2001, p. 12).

José Daniel parecia entender bem essa escolha do: o que falar, para quem falar e como falar, pois seus escritos tinham um público restrito, isto é, o autor direcionava seus folhetos jocosos a um público leitor específico que era o das classes populares (TINHORÃO, 2004) conseguindo, com isso, que os leitores apreciassem e compreendessem os conteúdos veiculados em seus escritos. O escrito abaixo, que por suas características pode ser inserida no gênero crônica, é apenas mais um dos diversos escritos do autor que retrata os costumes da população pobre lisboeta do século XVIII:

Figura 22 - Fragmento do Tomo II do *Almocreve de Petas*



Fonte: *ALMOCREVE DE PETAS*, (1819, Tomo I, parte II, p.7).

O escritor português, mais uma vez, reafirma a forma como vê seus conterrâneos e não hesita em representa-los como inapropriados, para usar um adjetivo sutil. Além disso, no trecho acima também podemos observar uma sátira aos poetas da época, pois afirma que recebiam como pagamento por suas cantigas apenas uma garrafa de melaço. Ou talvez estivesse apenas querendo ressaltar os escritores populares que estava se tornando uma prática tão corrente, naquele contexto histórico, escritores esses do qual ele próprio, José Daniel, fazia parte.

3.1 O que não tem no *Almocreve de Petas*, ou moral disfarçada para correção das miudezas da vida: o caso do teatro

Os periódicos, *Almocreve de Petas* (1798-1799) e *O Novo Almocreve das Petas* (1871), apesar de possuírem diversas semelhanças, também apresentam diferenças significativas. No periódico de Bordalo e Araújo, há algumas peças teatrais, gênero que não aparece no de José Daniel Rodrigues da Costa. A segunda metade do século XIX é

marcada por uma mudança relevante em relação ao teatro português, pois de acordo com SILVA (2008, p.183), Almeida Garrett, de certa forma, revolucionou o teatro em Portugal, principalmente após a criação de seu drama “Um Auto de Gil Vicente” (1838). Segundo o autor, através dessa obra de Garret, “nascerá a estética romântica nas artes cênicas portuguesas”. Conforme SILVA (2008):

A situação do teatro em Portugal antes do Setembrismo²³ era esta: enquanto o povo inculto se divertia com os entremezes e as farsas de cordel, a corte se encantava com as montagens faustosas da ópera italiana, responsáveis pela desnacionalização do teatro luso. A burguesia letrada, por sua vez, aplaudia tragédias imitadas do francês. Recorde-se também que o exercício da profissão de ator fora reabilitada apenas em 17 de julho de 1779. Acrescente-se estes dados a penúria das casas de espetáculos em Portugal, no século XIX. Com exceção do teatro de São Carlos, em Lisboa, e o São José, no Porto, havia espaços menores que levavam um espetáculo de qualidade duvidosa, como o teatro do Bairro Alto, o Teatro do Salitre e o Teatro da Rua dos Condes. (SILVA, 2008, p. 184).

Para Silva, as informações citadas acima, são as condições do teatro português anteriormente a 1836. No ano de 1871, no periódico *O Novo Almocreve de Petas*, de Bordalo e Araújo, começam a circular alguns textos teatrais, os quais eram denominados de *Scena cômica para teatro e sala*. A primeira dessas cenas é “O marido da lavadeira”, cujo único personagem era, o “Tio Gerolimo, saloio velho”. Vejamos um trecho da obra em análise:

Figura 23 – Peça que circulou no periódico *O Novo Almocreve das Petas* (1871)

²³ Revolução que ocorreu no mês de Setembro de 1836, em Lisboa, “apoiada por elementos da pequena e média burguesia urbana e populares reagia contra a miséria provocada pela guerra civil e contra a actuação do regime cartista defendido pela alta burguesia. Propunham o regresso à Constituição de 1822, reduzir a intervenção e poderes reais e valorizar a soberania nacional. A rainha D. Maria entregou-lhes o governo” As Principais figuras envolvidas na revolução foram: Visconde Sá da Bandeira, Manuel Passos e José Estevão. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223399841L1wJL6ju9Gz49IS2.pdf>>. Acesso em 02/03/ 2017.

O sinhoris, vuncés façam-me o *favori* de me deixar descansar aqui um tudo nada, porque a trouxa da minha *companhéra* pesa que *ni* barras de chumbo! Eu d'esta *viage nan truve* a burra da minha irmã *Vitoira*, e fui um tolo! E *logo agora nan* tenho aqui ninguem que me ajude a arriar a trouxa! Sim, agora é que *nan agréga* a passar por *hi* nenhum diab'alma, que me dêsse uma ajuda. (*Deitando zangado a trouxa para o chão.*) Cae para ahi assim á vontade, *tanto monta, bén* se me dá a mim cá d'isso.

Oh! *sinhoris!* eu hoje sempre estou mais moido dos *rinzes*, e sinto a cabeça a modos a remecher-me cá dentro, e aqui pelo *districto do péto*, de pedaço a pedaço dá-me cada *estrallo*, que parece coisa de osso do tamanho de batata grada, que cae de riba p'ra baixo do baixo ventre. *Zi* então pranta-se aqui como flatos d'ar... *vuncés* perdõe, é *mêmo* vento dentro das tripas, salvo seja á bulha, que só me deixa se bebo *despropositamente* 10 réis de hortelã pementa.

Mas eu d'esta *viage nan truve* a burra da minha irmã *Vitoira*, e fui um tolo! Que s'eu soubera qu'a vida m'havera de calhar, como calhou... trazia o *cavallo do regidori*, que é, com perdão de quem m'ouve, um *alimal fíche*, e qu'anda arriáta só bem! *Tá bom!*

(*Senta-se algures.*)

Mas escutem lá (*Pucha de uma caixa*). *Vuncés* simonte, *nan* gastam... (*Funga uma pitada.*) Pois eu *chéro* d'isto, porque foi *recêta* do *boticaíro*, por via de me aclarar a vista dos olhos, porque sou *affêto* a crear assim como *neves* brancas; que *brelindas* já eu tenho tido, e *antão frapões* e *trapólhos*... isso é um fado, que é raro o mez que *nan* trago os bogalhos vermelhos que *ni apostêmas* de sangue (*pausa*).

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte II p. 25).

Escrito anônimo, contendo apenas três páginas e uma única aparição no periódico, a estrutura do texto acima é confusa, pois ao introduzir partes em forma de poema, mescla a passagem final com outro gênero, a charada, não deixando claro se esta faz parte da peça, que vem ao longo das poucas páginas subintitulada. O objetivo do escrito, que tem como personagem um homem comum, marido de uma lavadeira é brincar com o vocábulo “burra”, citado diversas vezes, no texto, de forma ambígua para estabelecer o humor da narrativa, já que o personagem utiliza bastante a expressão “a burra da minha irmã”. Assim como na maioria dos escritos de José Daniel Rodrigues da Costa, que debocha das classes populares lisboetas, o objetivo do escritor da peça citada, provavelmente, seja o de demonstrar que seus leitores “incultos” só atribuiriam o sentido de seus textos se apenas abordassem temas e personagens corriqueiros.

Outros títulos de escritos dramáticos que circularam no *Novo Almocreve das Petas* são: *Aos portugueses, Muito gosto eu do Porto! Scena cômica original* (p. 67, parte IV); *Coisas que sucedem a Antônio Joaquim: quadro familiar Original português em um ato* (p. 115, parte XVIII), vale ressaltar que esta é mais longa que as demais, contendo nove páginas, um ato único e dez cenas; *Um toleirão: poesia cômica recitada pelo ator Antônio Pedro no Teatro de D.Maria II com geral aplauso*; este escrito está incompleto,

no periódico, propositalmente, pois como afirma o redator “quem quiser saber o resto compre o papel” (p. 215, parte XIV).

Uma dessas obras, “Scena cômica original” era anunciada em outras partes do próprio periódico como é possível observar abaixo, juntamente com outras obras:

Figura 24 – Anúncios de peças teatrais presente no *Novo Almocreve das Petas*

ANNUNCIOS DO NOVO ALMOCREVE	
OS PICADORES DE PORTAS Intervallo comico POR LUIZ DE ARAUJO Representado pela 1. ^a vez com muitos applausos no theatro do Principe Real Preço 50 réis Na livraria de Bordalo, rua Augusta, 24 e 26	DOIS VELHACOS DE BOM GOSTO Entre-acto comico POR A. J. ALVES Representado no theatro do Gymnasio, no qual entram só duas pessoas Preço 100 réis Na rua Augusta, 24 e 26
UM CONTRIBUINTE EM PANCAS! Scena comica original SOBRE OS IMPOSTOS POR LUIZ DE ARAUJO Representada no theatro da rua dos Condes Preço 60 réis Na rua Augusta, 24 e 26	JÁ MORRUIII Lamentação comica POR A. J. ALVES Preço 60 réis Na rua Augusta, 24 e 26
POR CAUSA DE UMA MULHER Comedia em um acto em que entram sómente dois actores Preço 150 réis Na rua Augusta, 24 e 26	ALMANACH RATICES DA TIA GENOVEVA Almanach chistoso para o anno de 1872 Preço 80 réis Na rua Augusta, 24 e 26
MEMORIAS DE UM CAIXEIRO -ou- UM DRAMA DA VIDA COMMERCIAL Traducção DE G. DE S. (1871—1 vol.) Preço 600 réis — Rua Augusta, 24 e 26	MANUAL DE DANÇA METHODO DE APRENDER A DANÇAR SEM AUXILIO DE MESTRE Preço 100 réis Na rua Augusta, 24 e 26

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte X, p. 160).

Ou seja, no *Novo Almocreve de Petas* (1871), periódico de Bordalo e Araújo, circularam algumas peças que eram dramatizadas nos principais teatros locais da época, como é possível observar nos anúncios feitos no próprio periódico, como o teatro do Salitre, por exemplo. Sendo assim, é notório que, a partir deste momento histórico, a leitura, assim como também a dramatização das peças consistia, certamente, em uma das principais formas de entretenimento dos portugueses do século XIX. Já que, como afirma (FERREIRA, 2014), o teatro juntamente com a música são destacados nos grandes salões aristocráticos da época.

Outra peça que circulou no *Novo Almocreve das Petas*, intitulada “Muito gosto eu do Porto: scena cômica original”, que está presente na página 69 da parte V do periódico. Vejamos um fragmento do escrito mencionado:

Figura 25 - Peça teatral que circulou no *Novo Almocreve das Petas*

Ah! Ah! Ah! Ah!
Peço perdão de rir... sim, peço-lhes perdão de rir... (*Rindo ainda com mais força.*) Ah! Ah! Ah! Ah! (*Rindo e fallando.*) Mas qual perdão nem meio perdão, para estas coisas escusa-se de pedir perdão... tristezas não pagam dividas. (*Ri.*) Ah! ah! ah! ah! (*Com destaque muito dramatico.*) Então como passaram, passaram bem? Ninguém faz idéa do grande prazer que eu tenho em vel-os a todos com saude, rijos, valentes, fortes, alegres, prasenteiros, e são como uns peros! (*Pausa.*) Pois senhores... eu cá estou : *Muito gosto eu do Porto!*... E gosto muito do Porto, porque gosto do que é bom! Nunca puz o pé em Inglaterra; porém aposto... mas qual aposto nem meio aposto, para estas coisas não são precisas apostas. — Não ha inglez nenhum que não goste tambem muito do Porto! Uh! se gosta! pellam-se por elle!... E esta predilecção observa-se desde os grandes *beefts* que teem cinco contos de réis por dia, até ao mais reles marinheiro!... E dou-lhes a minha palavra de honra que eu, eu, que me prezo de não ser aldrubio, para lhes evidenciar que os inglezes tomaram elles empalmar todo o Porto... Em summa a respeito do *Porto* é *bico*.

Fonte: NOVO ALMCOREVE DAS PETAS, (1871, parte V, p. 69).

É de se notar que o drama citado acima, assim como a maioria dos escritos publicados no periódico de Bordalo e Araújo, é destinado ao público popular da sociedade portuguesa da época. Em uma linguagem simplória e estereotipada das gentes das classes baixas, a peça é recheada de marcas de oralidade que demonstravam o modo de ser desse povo. Isso é perceptível, entre outras, na forma de rir do personagem “AH,AH,AH,A,!” , isto, é de forma escandalosa, tal qual essa comunidade era vista não apenas na época- final do século XIX, mas também na atualidade. De acordo com MARTINS em História de Portugal:

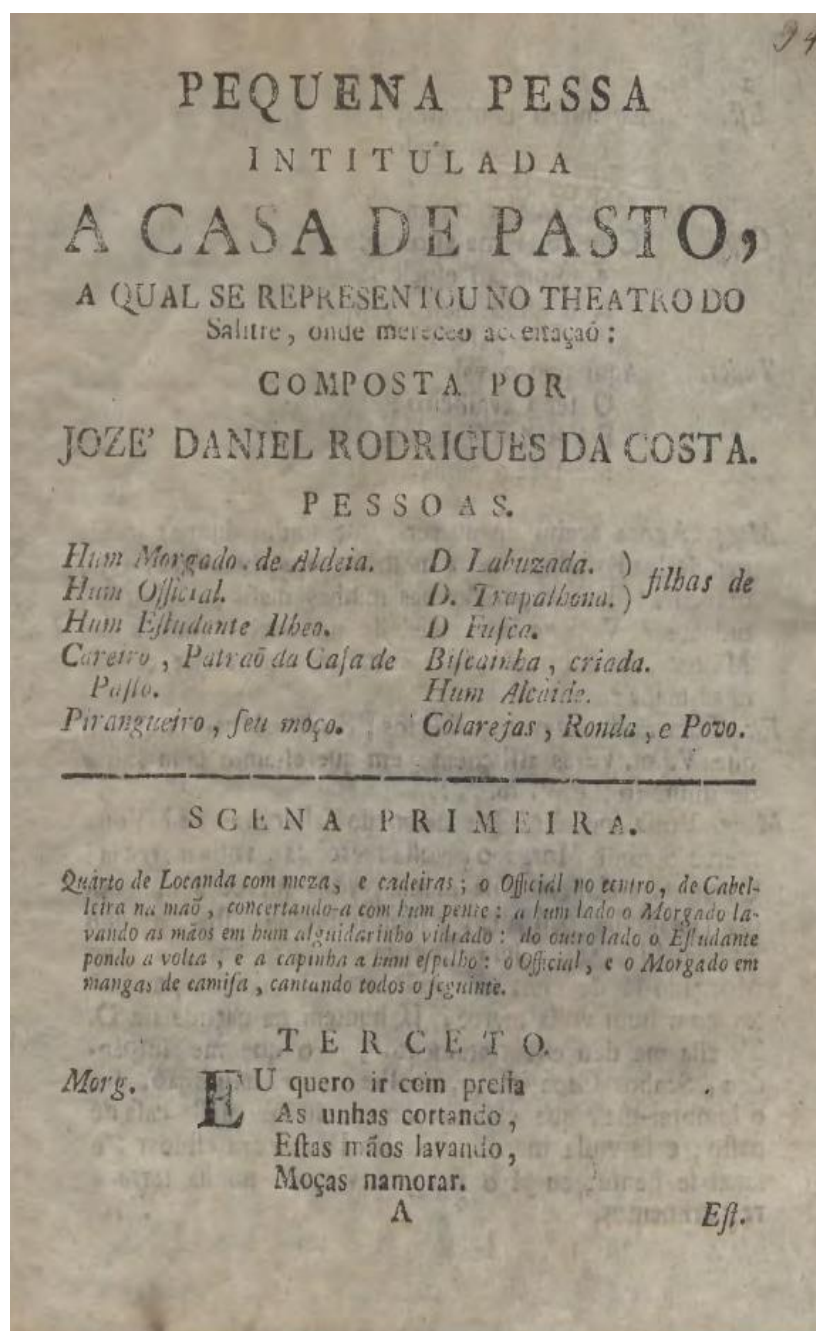
A plebe dos criados e parasitas formigava no pátio: o marquês (**de Pombal**) distribuía trezentas rações de arroz. A turba dos cortesãos chegava de tarde para passar a noite. Na sociedade dos fidalgos não havia demasiada escolha, porque a grosseria nos costumes não deixava excluir os plebeus. A mistura nas classes correspondia ao disparate nos usos, e o nome que melhor define o conjunto de coisas e pessoas, é o de grotesco. [...] Enquanto na varanda a sociedade contava anedotas grosseiras e partidas de toureio, de caça e de comezanas, do fundo da estrebaria vinham os sons de viola e canto: um fadinho batido como arrieiros pelo filho segundo, mendigo em casa, embaraço constante, madraço e mariola. (MARTINS, 1882, pp. 215-216. Acréscimo nosso).

A sociedade retratada pelo autor refere-se ao período de 1777 a 1834, que, segundo ele, corresponde à época da dinastia de Bragança. É nesse contexto que os escritos que circularam no periódico *O Novo Almocreve das Petas* (1871) estão inseridos,

pois mesmo com um espaço de 37 anos após esses eventos sociais, as publicações ainda representavam a sociedade portuguesa do período mencionado, tal qual o fez, José Daniel Rodrigues da Costa no Periódico *Almocreve de Petas: ou moral disfarçada para a correção das miudezas da vida* (1798-1799).

Apesar de José Daniel não ter publicado textos teatrais em seu *Almocreve de Petas* (1798-1799), ele os escreveu em forma de folhetos avulsos, confirmamos abaixo:

Figura 26 – Peça de José Daniel Rodrigues da Costa



Fonte: COSTA (s/d).

Como é nítido, no frontispício da peça, ela não apenas foi escrita pelo autor como também foi representada em um dos maiores teatros da época, O Salitre, o que indica a aceitação que essa obra teve em fins do século XVIII, mesmo que não seja reconhecida atualmente. Contendo um total de 20 páginas e dividida em duas cenas, *A casa de pasto*²⁴, de José Daniel narra um diálogo entre os personagens: o Morgado, o Estudante e o Capitão acerca de trivialidades como, a moda da época, fofocas da vizinhança, estudos de latim e mulheres. O morgado é representado como um homem envaidecido esnobe por causa de sua condição social, não aceitando o tratamento de Vossa Mercê a que todos insistem em chama-lo. Ele quer ser tratado como “Vossa Senhoria”:

Figura 27 – Fragmento da peça *A casa de pasto*, de José Daniel Rodrigues da Costa

Morg. Vossê de tudo se afflige; dez moedas em dinheiro, assentes n'um papel, ou em divida, tudo são dez moedas: nada de amolinaçoens, respirar livre, respirar livre: basta nestas casas a palavra *Morgado* para tudo andar a trez de fundo: o que eu quero he, que vossê diante de gente me dê o meu tratamento.

Cap. Que tratamento? Que tratamento? Ainda que somos companheiros, não posso deixar de perder a paciencia com as affectadas fidalguias de alforge: homem, que quer Senhoria, não come em huma tenda fardinhas fritas, como vossê hontem comeo.

Morg. Vossê, que me vio, estaria da outra parte comendo outras tantas.

Cap. A V. m., ou a V. S., fim, Senhor, estou enjoado de soffrer despropósitos; e se foubra, que era tão villão, não me metia nesta casa de pasto com tal sociedade.

Morg. Oh caô, que o esgano; a mim villaão? *gritando.* Se quer saber quem eu sou, procure na minha terra a fama, que tem este Morgado: lá verá o meu Palacio, lá verá a minha cavalharice; repare lá nas minhas beistas, veja as armas da minha Sege, as Librés dos meus Lacaios, lá nunca faltou este Morgado nas melhores funcões; jantares, e mais jantares.

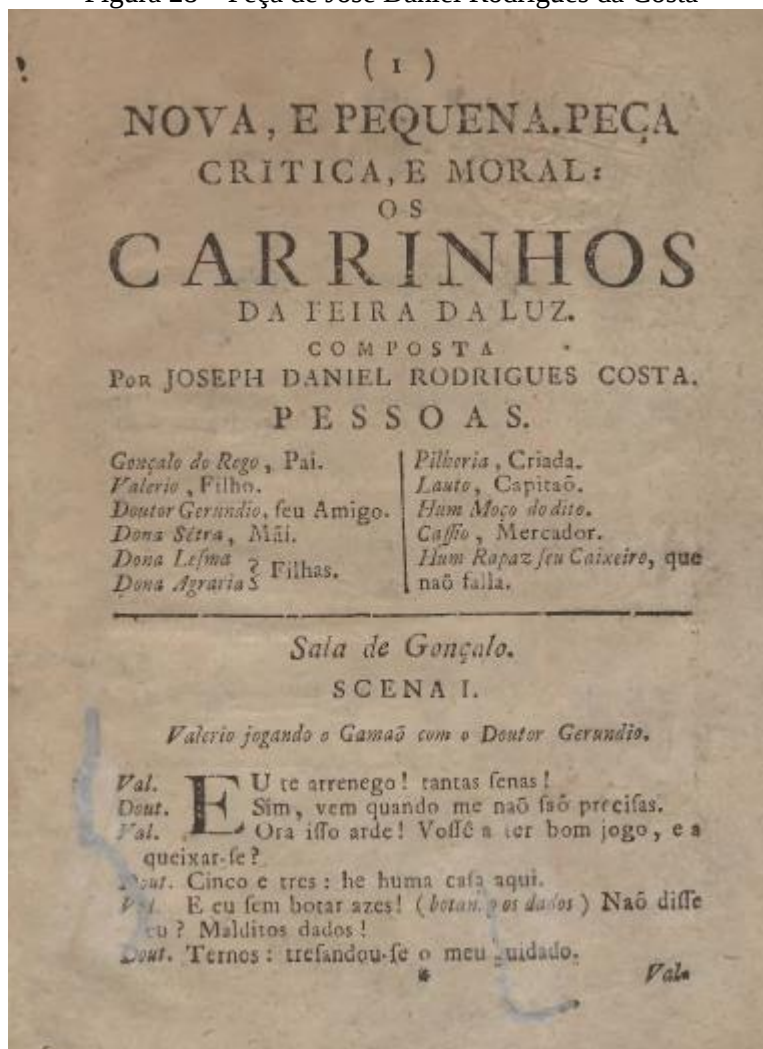
Fonte: COSTA (s/d. pp. 4-5).

²⁴ **Casa de Pasto** é uma denominação muito comum até o final do século XIX, em Portugal e no Brasil, referente aos estabelecimentos que serviam almoços e jantares. O termo - **pasto** - é arcaísmo da língua portuguesa, derivado de repas (francês) e do latim pastus, que se referia a qualquer tipo de alimento. Estabelecimento modesto onde se servem comidas.

Casa de pasto. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/casa%20de%20pasto>>. Acesso em 15/04/ 2017.

Outra peça atribuída a José Daniel é a *Nova e Pequena Peça Crítica e Moral: os Carrinhos da feira da luz*:

Figura 28 – Peça de José Daniel Rodrigues da Costa



Fonte: COSTA (s/d).

Diferentemente da primeira obra teatral citada, (*A casa de Pasto*), esta não aparece com indicação, no frontispício, de que foi representada em teatro, e não conseguimos encontrar informação alguma, em pesquisas feitas, que comprovem sua encenação em teatros da época. Sendo assim, supomos que ela não foi dramatizada, e, se foi, seus registros foram perdidos.

Além dessas, José Daniel compôs outros textos teatrais como: *A Arte de tourear*, ou o filho cavaleiro e *A casa desordenada*, ou o barbeiro Bandurra. Como podemos observar, José Daniel Rodrigues da Costa, assim como fez com os outros gêneros literários que publicou no *O Almocreve de Petas*, em que tinha como destinatários de seus

escritos os leitores populares, suas peças também seguem o mesmo propósito. Sendo assim, o autor embora mantenha a estrutura do gênero dramático, como ausência do narrador, estrutura do texto dividida em atos e cenas e a presença da rubrica, o Josino Leiriense distancia-se dos dramas gregos clássicos que retratavam narrativas acerca de indivíduos de caracteres sérios, para narrar ações da plebe. Aristóteles divide o drama em tragédia e comédia, sendo que, os de caráter elevado pertenciam a primeira, e os inferiores eram representados na segunda. Segundo o filósofo grego:

Como a imitação se aplica aos atos das personagens e estas não podem ser senão boas ou ruins (pois os caracteres dispõem-se quase nestas duas categorias apenas, diferindo só pela prática do vício ou da virtude), daí resulta que as personagens são representadas melhores, piores ou iguais a todos nós. (ARISTÓTELES, s/p).

Para José Daniel os que importam são justamente os de caráter simples, ou seja, que não eram levados a sério, já que o autor escrevia a um público popular. De acordo com FREITAS (2011):

Nos séculos seguintes esta divisão dos gêneros dramáticos concebida por Aristóteles perdurou e foi motivo da busca de um ideal dramático. Todavia, no século XVIII, Denis Diderot apresentou sua proposta de um teatro sério, que representasse a burguesia. Era a proposta de um gênero localizado entre a tragédia e a comédia clássicas, que não era apenas a justaposição de gêneros opostos, mas o meio pelo qual se pretendia mostrar ao espectador uma gama de emoções verdadeiras que ele viria a conhecer, seja, por meio da “comédia séria” ou da “tragédia doméstica”. Diderot pinta o homem moderno em sua sociedade de modo a que a representação se aproxime da realidade representada, para que assim, o sentimento de identificação com as situações e a virtude retratadas, seja capaz de melhorar o homem e prepará-lo para a convivência. (FREITAS, 2011, p. 2).

Isto é, nas peças de José Daniel Rodrigues da Costa e nas que circularam no *Novo Almocreve das Petas*, escritas possivelmente pelos redatores do periódico, seus personagens são comuns, pois era muito mais convincente para o leitor leigo o qual não estava acostumado com os textos canônicos, compreender e atribuir sentido a essas histórias banais do que àquelas clássicas, já que, desta forma, o autor português conseguia aproximar o leitor ao texto, porque os temas e personagens de seus escritos condiziam com a realidade destes leitores. Sendo assim, se acordo com Pascolati (2009):

As sociedades têm atribuído papel diferenciado ao teatro. Na Grécia antiga, ele tem função cívica, fundamental para a organização da *polis*; na Idade Média, a igreja recorre ao teatro como auxiliar no processo de difusão da fé católica; a corte elisabetana o elege como um de seus principais divertimentos; não raras as vezes o teatro é utilizado como arma panfletária e de crítica social, sofrendo censuras em muitos países e épocas. Isso só vem reforçar a importância do teatro no contexto de produção cultural humana. (PASCOLATI, 2009, pp. 109-110).

Comungando do pensamento de Pascolati, constatamos que da mesma forma que as sociedades e culturas citadas pela autora, as peças de José Daniel Rodrigues da Costa e as que circularam no periódico *O Novo Almoço de Petas* (1871) de Bordalo e Araújo também tinham um propósito comunicativo. Ou seja, os redatores almejavam “consertar” os vícios da sociedade portuguesa da época através de seus escritos teatrais.

3.2 O Epigrama: de inscrição à poesia

Teóricos e críticos literários ainda não determinaram precisamente a data exata de surgimento do gênero poético, epigrama. Através das pesquisas que fizemos, para a elaboração deste trabalho, pudemos observar registros datados a partir do ano V antes de Cristo. Do latim, o termo epigrama significa “inscrição” e no grego, “eu inscrevo”. De acordo com Jacinto do Prado Coelho no Dicionário de Literatura (1984) o gênero epigramático é:

Uma das raras formas poéticas gregas que tem nas literaturas românicas, incluída a portuguesa, imitações válidas. Foi originalmente uma legenda lapidar que, sob forma mnemônica, lembrava um feito, uma vida, ou até uma simples oferta votiva. Encontram-se as mais antigas inscrições deste gênero, que eram anônimas, no século VII a.C., constituídas por um só verso ou por uma parelha. Na época Alexandrina, o epigrama tornou-se um verdadeiro gênero poético; passaram a receber esta designação quaisquer composições muito curtas, de ritmo bem marcado e trabalhadas com virtuosidade. Não havia limitações de assunto, além das que tais características formais implicavam. Foram os Romanos que, de harmonia com um traço saliente do seu temperamento, imprimiram caráter mordaz ao epigrama, vazando nesta forma, de preferência, ao lado dos temas eróticos, os seus versos satíricos. (DICIONÁRIO DE LITERATURA, 1984, pp. 294-295).

Pelas palavras do autor podemos perceber que o epigrama passou por diversas mudanças, principalmente estruturais, no decorrer dos séculos. De uma curta inscrição,

podendo ser escrita até mesmo em uma moeda, o gênero foi se alargando até chegar a ter o formato de um texto lírico literário que poderia ser recitado publicamente. Ou seja, o epigrama, a partir desse momento, passou a ser um tipo específico de poesia, deixando de ser restrito apenas aos suportes materiais que serviam de inscrições como: pedra, moeda, lápides etc, e se alargando a outros suportes manuscritos, como pergaminhos ou papiros. Também sofreu uma mudança em relação ao número de versos que eram essencialmente curtos, pois após se tornar gênero lírico, o número desses versos foi ampliado, assim como também os temas.

Em “Bosquejo Histórico da literatura Clássica, Grega, Latina e Portuguesa para uso da escolas” o crítico oitocentista, Antônio Carlos Borges Figueiredo (1846), cita o que para ele seriam os epigramatistas mais ilustres:

Os antigos poetas, e nomeadamente Archilochos, Sapho, Erinne, Alceu, Anacreonte, Simonides, etc., tinham já cultivado a poesia epigramática; mas particularmente se distinguem entre os epigramatistas mais celebres os alexandrinos Philetas e Theocrito, o tarentino Leonidas, e outros. O primeiro porém, que compôs uma coleção de breves poemas desta espécie com o título d'antologia ou coroa poética, foi Meleagro de Gadara na Syria (100. ant. de Chr.). (FIGUEIREDO, 1846, p.42).

Já Luís António Verney, filósofo, teólogo, padre, professor e escritor português classifica o epigrama como uma inscrição que deve “concluir com algum conceito que agrade e arrebate com a novidade, e deixe entender mais do que diz” (p.158). O autor escreveu *O Verdadeiro método de estudar* (1746), livro que foi publicado anonimamente e que se configurou como uma severa crítica as ideias jesuíticas do século XVIII, e sendo assim, em defesa do Iluminismo que até então ainda não havia chegado à Portugal. Composta por 16 cartas que o “padre barbadinho”, pseudônimo de Verney, escreveu a um certo V.P (Vossa Paternidade), um doutor da Universidade de Coimbra. A obra é uma proposta pedagógica composta por temas variados²⁵. Nesta pesquisa nos deteremos a analisar apenas a carta VII que versa sobre os defeitos da poesia setecentista. Nela, o escritor ressalta que:

²⁵ A obra constitui-se por dezesseis cartas que obedecem a seguinte ordem de temas: I- Língua Portuguesa; II- Gramática Latina; III- Latinidade; IV- Grego e Hebraico; V- Retórica; VI- Filosofia; VII –Poesia; VIII- Lógica; IX- Metafísica; X- Física; XI- Ética; XII Medicina; XIII- Direito Civil; XIV- Teologia; XV- Direito Canônico; XVI- Regulamentação geral dos estudos.

Os epigramas dos gregos eram naturais, ainda que com graça; este estilo seguiu Catulo. Porém Marcial, no tempo dos vespasianos,²⁶ principalmente de Domiciano²⁷ (que era a declinação da eloquência latina, e quase o princípio da idade de bronze, segundo os que entendem melhor), foi o que começou a introduzir ou refinar as agudezas e equívocos nos epigramas, o que agradou então, porque se começava na corte a perder o bom gosto da eloquência. (VERNEY, 1991. p.160).

Como podemos perceber, Verney defende o retorno da poesia natural, entendendo natural como uma poesia livre dos excessos e sendo assim era um exercício treinado, e não, baseado na imaginação como faziam os autores ditos “barrocos”. De acordo com o autor o poeta latino, Marco Valério Marcial (aprox. 38-104) que se dedicou inteiramente a um só tipo de poesia: o epigrama, escreveu cerca de mil e quinhentos poemas, sobre os mais diversos assuntos e que nos deixam relatos da vida romana da época (RODRIGUES, 2013, p. 189) foi o responsável pelo declínio do bom epigrama. Não apenas, na citação acima, mas também em toda a carta VII, Verney critica veementemente os poetas portugueses do século XVIII, pois segundo ele, os defeitos dos poetas de seu tempo “sucedem porque lhes faltam os dois principais requisitos: critério e retórica.” Ainda conforme o autor:

A poesia é uma viva descrição das coisas que nela se tratam; outros lhe chamam pintura que fala e imita o mesmo que faria a natureza, e com que agrada aos homens. O artifício da poesia tem por fim agradar, e por isso só se emprega em dar regras com que possa ocupar gostosamente um engenho.” (VERNEY, 1991, p.141).

Ou seja, a escrita dos gêneros literários, até o século XIX, seguia regras pré-estabelecidas. Os autores imitavam e ou copiavam textos de outros e isso, diferentemente do que acontece atualmente, não ocasionava danos nem por parte do imitador nem por parte do imitado.

²⁶ Tito Flávio Sabino Vespasiano (em latim: *Titus Flavius Vespasianus*; perto de Rieti, 17 de novembro de 9 — Água Cutília, 23 de junho 79), foi um imperador romano, o primeiro da dinastia flaviana, que ocupou o poder em 69, logo após o suicídio de Nero (68) e o conturbado ano dos quatro imperadores (69). Foi proclamado imperador pelos seus próprios soldados em Alexandria. Sucederam-lhe sucessivamente dois dos seus filhos, Tito e Domiciano. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vespasiano>>. Acesso em 02 jun. 2017.

²⁷ Tito Flávio Domiciano (em latim: *Titus Flavius Domitianus*; 24 de outubro de 51 — 18 de setembro de 96), habitualmente conhecido como **Domiciano**, foi imperador romano de 14 de setembro de 81 até a sua morte a 18 de setembro de 96. Tito Flávio Domiciano era filho de Tito Flávio Sabino Vespasiano com sua mulher Domitila e irmão de Tito Flávio, a quem ele sucedeu. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Domiciano>>. Acesso em 05/04/ 2017.

Outro poeta a quem Verney tece severas críticas é ao Frei Antônio da Chagas, segundo o autor, o poeta “barroco”, assim como seus demais contemporâneos, só escreviam “ridicularias”.

Como exemplo da poesia do Frei Antônio das Chagas, citamos o soneto abaixo, com caráter de epigrama, *Conta e tempo*:

*O tempo já de si me pede conta,
He necessario dar-se á conta tempo,
Que quem gastou sem conta tanto tempo,
Como dará sem tempo tanta conta?
Não quer levar o tempo, tempo em conta,
Porque conta não fez de dal-a em tempo,
Onde só para a conta havia tempo,
Se na conta do tempo houvesse conta.
Mas que conta dará quem não tem tempo,
Em que tempo a dará quem não tem conta,
Que quem a conta falta, falta o tempo?
Vejo-me sem ter tempo, e com ruim conta,
Sabendo que hei de dar conta do tempo,
E que se chega o tempo de dar conta.*
(CHAGAS,1867. s/p.).

De acordo com Verney, o soneto deve ter caráter de epigrama. No soneto acima, o autor o julga como “uma embrulhada terrível”, pois em todos os versos há a palavra tempo. De acordo com o crítico, “assim são os autores que destas poesias: tem os bons livros; podiam neles observar o que devem; e desprezam tudo isto para seguirem fantásticas imaginações”. Assim, mais uma vez, vemos a defesa dos autores, desse momento cultural, em relação à imitação dos clássicos.

Ainda em relação ao gênero poético acima, Verney assegura que essa e outras composições estavam sendo produzidas, naquele momento, porque os poetas do tempo não entendiam os princípios da poesia e tampouco sabiam o que era o engenho, que segundo ele, “consiste em saber unir ideias semelhantes, com prontidão e graça, para formar pinturas agradáveis”. Há de acordo com o autor: o engenho verdadeiro, o falso e o misto:

O verdadeiro engenho é uma semelhança de ideias que diverte e eleva [...] o falso engenho consiste na semelhança de algumas letras, sílabas, palavras, como também de composições inteiras [...] o engenho misto consiste parte na semelhança das ideias e parte das palavras.
(VERNEY, 1991, p. 127).

Verney criticou veementemente, na carta VII que compunha *O Verdadeiro Método de Estudar*, os excessos da poesia conhecida por “barroca”, ele acreditava que os poetas de sua época, XVIII, deveriam compor imitando os modelos da antiguidade e inspirando-se nos Renascentistas. O autor também dar instruções em como deve ser o soneto Setecentista, ele exemplifica com o soneto abaixo (já citado anteriormente) do poeta António Barbosa Bacelar:

És feia; mas de sorte que, horrorosa,
À tua vista é bela a fealdade.
Mas tens fortuna tal, que a enormidade
Te consegue os tributos de formosa.

Cara tão feia, coisa tão parmosa,
Todos observam, e move a raridade.
Não desperta o comum a cur'sidade,
Ser rara é que te adulta vaidosa.

Ama-se o belo e cega o mesmo afecto.
O Feio, pois não liga o pensamento,
Deixa miudamente ver o objecto.

Isso faz que se observe esse portento.
Quanto estás obrigada a esse aspecto,
Se o enorme te dá merecimento!
(BACELAR, *Apud*, VERNEY, 1991, p.152).

De acordo com Verney, o soneto tem a obrigação de propor na 1ª quadra o assunto; na 2ª explicá-lo “com algum conceito de que se tire o argumento para os tercetos”. Para ele, os poetas que são mais qualificados expõem o assunto nos primeiros dois versos e nos dois segundos começam a discorrer. E é por isso que o autor afirma que o soneto deve ter carácter de epigrama.

No escrito acima, além de observarmos a estrutura, podemos perceber uma crítica contra a fealdade das mulheres que era um dos temas recorrentes nos epigramas não só nos de Bacelar, como de outros poetas epigramatistas, como, Marcial e Bocage. Segundo Verney o texto citado se enquadra no que, para ele seria um bom soneto, pois Bacelar inseriu o conceito dos dois últimos versos da primeira quadra de forma a se provar na segunda e a se confirmar nos tercetos. Diferentemente, a maioria dos poetas do século XVIII comete, com frequência, inverosimilhanças, e frialdades.

Observamos que, nos sonetos em forma de epigrama, que para Verney seriam os naturais e de qualidade para a época, são justamente os que satirizam a mulher ou

qualquer outro tipo social já que, para ele, o soneto deve apresentar menos meiguice e mais elevação e possuir caráter de epigrama, este último elemento, se justifica pelo fato de ser o epigrama essencialmente satírico. Ainda em relação à sátira, vejamos o epigrama abaixo de Bocage no qual ele ataca um outro tipo social do século XVIII, os avaros:

Levando um velho avarento
Uma pedrada num olho,
Pôs-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.
Certo doutor, não das dúzias,
Mas sim médico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.
“Dez moedas! (diz o avaro)
Meu sangue não desperdiço:
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso.”
(BOCAGE, 1968, p. 1160).

Como já foi afirmado, nesse trabalho, o epigrama possui temática livre, no entanto, é sempre de caráter satírico ou festivo. É importante ressaltar que, aqui, não estamos pensando a sátira como a concebe o senso comum, ou seja, como zombaria gratuita, e sim, como uma forma de ridicularização para a repreensão dos vícios de cunho social, de forma a manter a ordem, “fere para curar” (HANSEN, 1989, p.28). Sendo assim, o tipo poético de Bocage, acima possui as características do epigrama, pois nele, há a presença da sátira. Além disso, logo no início é apresentado o nó que tem o objetivo de prender e aguçar a curiosidade do leitor e também é onde se encontra o assunto a ser tratado (a avareza). Nos últimos quatro versos: *Dez moedas! (diz o avaro)/ Meu sangue não desperdiço:/Dez moedas por um olho!/ O outro dou eu por isso*, percebemos o desfecho, o que ratifica o conceito de epigrama defendido por Luís António Verney citado anteriormente.

Outro fator a ser observado é em relação à estrutura, podemos perceber que o gênero não é mais composto apenas por uma quadra como quando de seu surgimento. Nesse sentido, constatamos mais uma vez as mudanças estruturais e temáticas por qual passou o epigrama no decorrer dos séculos.

3.2.1 O epigrama no periódico *O Novo Almocreve das Petas* (1871)

No periódico *O Novo Almocreve das Petas* (1871), podemos observar tanto epigramas mais curtos como mais longos. Observemos, como exemplo, um epigrama atribuído a José Daniel Rodrigues da Costa que circulou no periódico de Bordalo e Araújo e que tem por título “Epigrama de José Daniel aplicado aos que são parlapatões”.²⁸

Andas com honras e cargos,
« Onde has de caber não sabes;
« E apenas deixas o mundo,
« Em tão pouca coisa cabes (parte IV, p .63).

Percebemos claramente que José Daniel tece críticas a alguém, mas o contexto do texto não nos propicia descobrir o receptor de tal censura. Logo em seguida (na parte VI) do periódico de Bordalo e Araújo se segue outro epigrama, porém de autoria desconhecida e que veio antecedido pelo seguinte comentário “Recebemos de um nosso amigo o seguinte epigrama, que inquestionavelmente tem uma certa rescendência Bocagiana”:

Quem é aquele esqueleto
De focinho amacacado,
Que anda ali, de braço dado.
Com um par do reino Preto?
É um galeno ordinário,
De habilidade tão rara.
Que o mundo inteiro matara
Se não fora o boticário.
(NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, 1871, parte VI, p.86)

Esse epigrama (de estrutura maior que o anterior) também tece sátira a um alguém desconhecido, pois o leitor da época certamente saberia a quem era atribuída tal crítica, já ao contemporâneo não é permitido tal inferência. Isto é, os escritos estão inseridos no seu contexto de enunciação, e, sendo assim, são endereçados ao leitor daquele momento histórico de quando foi produzido, pois acreditamos que é impossível dissociar o texto seu contexto de produção, do suporte e do leitor. (BARBOSA, 2007).

²⁸ Que ou quem engana os outros com as suas conversas intrujonas e mentiras. Fanfarrão, impostor, pantomimeiro, paparrotão. *Parpalatão*. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/parlapat%C3%A3o>>. Acesso em 25/05/ 2017.

Observemos mais um epigrama presente na página 173 do *Novo Almocreve das Petas*. O escrito intitula-se *Epigrama a um certo doutor médico, que tem trem seu, talento transcendental, senhor d'isto e tal e tal*.

Figura 29 – Epigrama que circulou no *Novo Almocreve das Petas* (1871)

Este doutor a que alludo,
Deveras tem seu vintem;
É homem muito sisudo,
E possue soffrivel trem.
Tem clinica muito grande,
É mesmo immensa, de sorte,
Que elle só em cada dia,
Origina tanta morte,
Que ha lojinha de papel,
(Eu cá não minto nem erro)
Que não faz senão vender
Os taes *bilhetes d'enterro*.

O trem do senhor doutor,
Tem dois cavallos sendeiros,
Magrisellas... transparentes...
Uns tysicsos verdadeiros!
Doutor bem sei que não tens
Nem um instante de teu,
Que tens d'ir ver os doentes;
Mas houve um conselho meu:
Não deves desamparal-os,
Mas tira cinco minutos,
Para os teus pobres cavallos,
Porque todos olha são... brutos.

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte XI, pp. 173-174).

De acordo com Marcos Fábio Quintiliano- retórico e crítico literário- (2015, p. 475), ao tratar sobre o gênero jocoso, afirma que “Por vezes, junta-se ao fato para provocar o riso alguma seriedade”. Essa característica é perceptível no epigrama jocoso acima. Isto é, o epigramático, aparentemente, disserta acerca de um tema sério (sobre um médico sisudo e competente). No entanto, mesmo este personagem sendo supostamente caracterizado como tal, é notório o tom jocoso com o qual o autor anônimo imprime a este personagem, como é possível perceber nos versos: *Tem clínica muito grande/É mesmo imensa, de sorte/Que ele só em cada dia/Origina tanta morte*. Ou seja, o médico que anteriormente é descrito entre outras características como sisudo e abastado, ao invés de curar, causa, em um só dia, diversas mortes. *Que ele só em cada dia, Origina tanta*

morte. Sendo assim, podemos observar o jogo retórico em mesclar dois estilos, o sério e o satírico para deles extrair o riso. Ainda segundo Quintiliano:

Os risos são provocados ou pelo físico daquele contra quem nos pronunciamos, ou pela disposição de seu espírito, que se descobre por meio de seus feitos ou de suas palavras, ou ainda daquelas circunstâncias que lhe são externas. Pois no entremeio disso tudo está a origem de toda censura: se for colocada de modo mais duro, torna-se severa, se com mais leveza, adquire o aspecto de algo risível. Esses aspectos do dito jocoso são demonstrados ou descritos ou sintetizados por uma palavra. (QUINTILIANO, (2015). p. 481).

Isto é, no epigrama citado, o riso é percebido através das marcas linguísticas “médico/morte”, pois essas palavras adversas, demonstram a real intenção do autor: satirizar a figura do personagem médico, que ao invés de estar salvando vidas, está tirando. Sendo assim, podemos constatar que os redatores do periódico *O Novo Almocreve das Petas* se utilizaram do gênero literário epigrama (atualmente pouco utilizado pelos poetas contemporâneos) para descrever e satirizar de forma jocosa os cidadãos portugueses do século XIX.

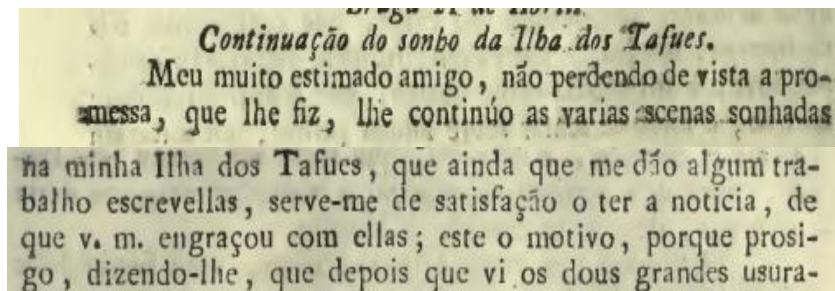
3.3 A interferência dos leitores para a circulação e a modificação de textos que circularam no *Almocreve de Petas* (1798-1799) e no *Novo Almocreve das Petas* (1871)

Os escritos que circularam tanto no periódico de José Daniel, *Almocreve de Petas: ou moral disfarçada para a correção das miudezas da vida* (1798-1799) quanto no de Bordalo e Araújo, *Novo Almocreve das Petas* (1871) eram destinados a um leitor capaz de perceber o jogo satírico presente nos folhetos de ambos os periódicos. Um exemplo disso é a insistência de José Daniel em dar continuidade à publicação de uma: *Carta que o cavalheiro de Bragas costumado a pesadelos escreveu ao seu amigo de Lisboa;*²⁹ *participando-lhe outro sonho que teve de tanta variedade e gosto*, atribuída a D. Sonho Sonhé que narrava, a um amigo seu, um sonho que teve o qual se passava na ilha dos tafuis. Nesta epístola o autor/remetente tece todo um jogo retórico para conseguir chamar a atenção de seu leitor, que no texto é dirigida a um remetente específico (“Caracol

²⁹ A carta citada possui os elementos principais de um texto narrativo literário, como a presença de um narrador em primeira pessoa, personagens, espaço narrativo, tempo, enredo e desfecho. Por esse motivo, esta carta foi analisada no artigo de BARBOSA & SANTOS (2015), como um romance epistolar jocoso, mesmo que, no periódico *O Almocreve de Petas*, o escrito esteja classificado com carta.

Dias”), “mas que por circular em um suporte em que uma grande parcela da sociedade tinha acesso, devido ao baixo preço do jornal, acaba sendo lido por muitos”. (BARBOSA, SANTOS, 2015, p. 79). Abaixo, segue uma passagem da obra citada:

Figura 30 – Fragmento da *Carta que o cavalheiro de Bragas costumado a pesadelos escreveu ao seu amigo de Lisboa; participando-lhe outro sonho que teve de tanta variedade e gosto*



Fonte: ALMOCREVE DE PETAS, (1819, Tomo II, parte LIII, pp. 3-4).

Podemos constatar a necessidade que José Daniel Rodrigues da Costa aparenta ter em agradar o seu público leitor da época, o que era uma prática constante dos jornais, naquele contexto histórico. Por meio do remetente/narrador, o redator do periódico consegue demonstrar aos leitores, deste suporte, seu empenho em escrever seus escritos. Além disso, uma das características importantes do autor era o diálogo constante que mantinha com seu destinatário, “Caracol Dias”. De acordo com BARBOSA (2012):

É preciso salientar que José Daniel não inaugurou esta relação de diálogo com o leitor, índice de modernidade para Ferreira (2011, p.61), mas que se tratava de prática presente em vários folhetos do século XVIII. Cito como exemplo, o prólogo de *Anatômico jocoso, que em diversas operações manifesta a ruindade do corpo humano para emenda do vicioso* (1752), de A. Pinto Vieira, no qual seu autor estabelece essa conversa com o leitor, desde esse tempo considerado como curioso: “*Curioso leitor*, chamo-te assim porque sei, que se o não fosses não andarias a estas horas revolvendo-me as folhas, para conheceres as boas, ou más intenções das minhas obras: as que te ofereço, posso te assegurar, que há mais de meia dúzia de anos que me fazem companhia, nas horas de tristeza”. Pode-se afirmar, com relação à obra de José Daniel Rodrigues da Costa, que o novo, ou o moderno nestes prólogos, como os considera Ferreira (2011), é esta representação do leitor como um consumidor, um comprador dos seus escritos. (BARBOSA, 2012, p. 18).

Ou seja, da mesma forma que grandes escritores do período romântico brasileiro do século XIX mundialmente conhecidos na atualidade como: Machado de Assis, José de Alencar e tantos outros, Sonhé (ou o próprio redator) “justifica o fato de escrever sobre as

tafularias ocorridas na Ilha pelo fato de não ter algo mais útil para fazer. Também faz um jogo retórico para convencer os assinantes a continuarem acompanhando seus escritos”. (BARBOSA, SANTOS, 2015, p. 79). Segundo Chartier, (2000), ao abordar o tema da história da escrita afirma que:

Daí o elo, extremamente paradoxal, estabelecido entre a terceira revolução do livro, que transforma as modalidades de inscrição e de transmissão dos textos como o haviam feito antes a invenção do códex, depois a da imprensa, e a temática obsidante da morte do leitor. Compreender essa contradição supõe olhar para trás e medir os efeitos das precedentes revoluções que afetaram os suportes da cultura escrita. (CHARTIER, 2000, p. 106).

Nesse sentido, podemos perceber a revolução que ocorria na imprensa periódica dos séculos XVIII e XIX em relação a leitura e a escrita, isto é, os redatores aproveitaram muito bem esse caráter de constante transformação da escrita para, a partir de um novo público leitor- os populares- saber como moldar e oferecer-lhes uma leitura que os agradassem. De acordo com TINHORÃO (2004), em relação a José Daniel Rodrigues da Costa:

Essa decisão de explorar profissionalmente, com caráter de continuidade, um tipo de literatura destinada a um público de gente das camadas populares, foi tomada em definitivo por José Daniel em 1797- quando a edição do terceiro volume das *Rimas* completa a publicação de suas poesias e “pequenas peças”, iniciada em 1795- com o lançamento do que viria constituir a mais longa série de folhetos jornalísticos de crítica de costumes: *O Almocreve de Petas, ou moral disfarçada para a correção das miudezas da vida*. (TINHORÃO, 2004, p. 93).

Sendo assim, mais uma vez, é ratificada a tese de que o autor português escrevia de acordo com o gosto literário de seu público leitor, assim como também fizeram, algumas décadas depois, os redatores Bordalo e Araújo, no periódico *O Novo Almocreve de Petas* (1871). Dentre os diversos diálogos que os redatores travam com os leitores, citamos o seguinte:

Figura 31 – Fragmento do periódico *O Novo Almocreve das Petas*

Descrever a variedade e a vida de um arraial, (seja-me admittida a presumpção), não me seria difficil; mas o que era, era tarefa que se tornaria altamente enfadonha para o leitor.

Mas porque tenho eu tocado n'estes pontos todos ?...

Já sei! é para lhes contar a chistosa anedota da *Ave Maria pelas necessidades da egreja*.

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte XIV, p. 212).

Além do diálogo com o leitor, no escrito do qual a citação acima faz parte, os redatores também abordam a questão religiosa de forma jocosa, desrespeitosa até. Ou seja, criticam as rezas da época e as demasiadas quantias que os pregadores solicitavam aos fiéis para “as necessidades da igreja”. O escrito é finalizado com o narrador afirmando que “esta foi um fato, não é... peta”... (p. 212). Além disso, na parte seguinte do periódico (XV), os redatores voltam a questionar os costumes da igreja católica e dos religiosos da época, principalmente as freiras. Dessa forma, eles apresentam um escrito intitulado, *Padre nosso que rezaram as freiras do convento de Odivelas, a el-rei nosso senhor D. José I, as que ali se recolheram por ordem do seu prelado, vindo de outros conventos, isto no mês de agosto do ano de 1776*. Essa súplica consistia em um pedido de supostas freiras a D. José I para que não deixasse por líder o abade o qual estava designado para assumir o convento de Odivelas³⁰. Segue um fragmento da prece:

Figura 32 – Escrito que circulou no periódico *O Novo Almocreve das Petas*

³⁰ O Mosteiro de São Dinis ou Mosteiro de Odivelas como é mais conhecido foi fundado no final do século XIII, foi alvo de diversos escândalos. “D. João V, homem muito mulherengo, galanteador, apaixonado e extremamente guloso, era frequentador assíduo do Mosteiro de Odivelas, para habitualmente estar com suas monásticas preferidas, que o disputavam com toda sua doçura.” Sua amante mais conhecida era madre Paula. Disponível em: <http://www.mosteirodeodivelas.org/escandalos-do-mosteiro-de-odivelas/>.

“Este mosteiro, da ordem de Cister, foi fundado em 1295 por D. Dinis. Reza a lenda que a obra nasceu graças à intervenção divina que salvou o rei de um urso, durante uma caçada no Alentejo. Mas é provável que este local de retiro, construído para albergar freiras bernardas, tenha servido para o rei garantir o futuro da sua filha ilegítima D. Maria Afonso, cujo túmulo ainda se encontra na capela-mor. D. Dinis também se encontra sepultado neste conjunto original gótico, que mistura influências e estilos coincidentes com a época dos restauros feitos. Assim, encontra marcas evidentes de estilo manuelino no claustro, enquanto a fonte é renascentista, e as capelas, alpendradas e azulejos são barrocos” Disponível em: <<https://www.visitlisboa.com/pt-pt/ver-fazer/visitas-atividades/museus-monumentos/mosteiro-de-odivelas-convento-de-s-dinis>>. Acesso em 02/05/ 2017.

A vós augusto monarcha,
 Pedimos com humildade
 Não nos deixeis por abbade
 O PADRE NOSSO.
 Valha-nos o poder vosso,
 Pois bem afflictas nos vemos !
 Pelo que todas diremos :
 QUE ESTAES NOS CEOS.
 Rogaremos sempre a Deus,
 Se o tal padre castigaes,
 Que desde logo sejaes
 SANTIFICADO.
 Seja logo exterminado,
 Por insolente e atrevido,
 Sem que nunca mais ouvido,
 SEJA.
 Se vêmos da nossa egreja,
 Os frades bernardos fóra
 Louvaremos toda a hora
 O VOSSO NOME.
 [...]
 Applacae-nos esta guerra,
 Apagae-nos este fogo,
 Assim ficaremos logo...
 COMO NOS CEOS.
 Lograremos os tropheos,
 Se elle não for attendido,
 Porque bem nos *tem comido*
 O PÃO NOSSO.
 Ai, tão grande é o destroço,
 Que elle faz n'este convento,
 Que para nós é tormento
 DE CADA DIA.
 Nenhuma de nós podia,
 Com tanta calma em agosto,
 Mas se não for vosso gosto
 PERDOAE-NOS.
 Como bom rei despachae-nos
 Como todas pretendemos,
 Que assim melhor pagaremos,
 NOSSAS DIVINAS.

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte XV, pp. 227-229).

No entanto, o redator, que provavelmente era o verdadeiro autor do escrito, afirma que as acusações das freiras eram, na verdade, injúrias, pois declara que ele próprio teve

relações sexuais com diversas religiosas, como nos é possível observar no enxerto seguinte:

Figura 33 – Trecho do periódico *O Novo Almocreve das Petas*

Queridos assignantes : eu não creio n'este *padre nosso* : e não creio porque as velhas tradições e as novas ácerca de todas as freiras de Odivellas... dizem-me que não houve nunca nem uma, que desengraçasse com os *bernardos*.

O *padre nosso* foi portanto uma ironia pungentissima, e uma *pêta* que ellas queriam fazer engulir ao senhor D. José I.

Eu morei uns poucos de annos a fio em Odivellas..., tive relações com varias religiosas, ou com quasi todas... conheci-lhe lá uns poucos de padres confes-sores... e todos os via muito e muito adorados por aquellas santas filhas do Senhor.

Mas fique o *padre nosso* archivado no *Novo Almocreve das Petas*, porque archivado fica no seu competente logar.

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte XV, p. 229).

O historiador Oliveira Martins (1987) também aborda, em seu livro *História de Portugal*, o amor freirático no século XVIII. Segundo o pesquisador, as religiosas namoravam nas grades dos conventos, e esse tipo de amor (o freirático) era “o mais apetecido e o mais picante [...] para os capelães e confessores as freiras eram uma tentação constante” (MARTINS, 1987. pp. 382-383). Ou seja, a sátira feita pelo redator do periódico *O Novo Almocreve das Petas* é confirmada pelo historiador. Entretanto, percebemos que ambos os autores retratam a temática de forma fictícia, isto é, não condizentes com a verdade, deixando evidente que as “petas” que se referiam a representação da mulher e que eram publicadas tanto no *O Almocreve* de José Daniel, quanto às do *Novo Almocreve* são mentirosas, embora seus redatores tentem camuflar, isto é, não expressam seu real propósito de forma objetiva. Essas abordagens de temas religiosos ao que tudo indica eram temas de interesse dos leitores principalmente os do século XIX, o que justifica o fato de Bordalo e Araújo publicarem tantos escritos que retratem os costumes do clero.

Bordalo e Araújo, tal qual José Daniel Rodrigues da Costa em seu *Almocreve de Petas*, faziam a propaganda de seus escritos constantemente no próprio periódico, como é possível observar no excerto abaixo:

Figura 34 – Fragmento do *Novo Almocreve das Petas*

A peta dos annuncios

Para o *Novo Almocreve das Petas* gracejar sem offender os seus leitores, metteu-lhe a peta de consagrar a ultima pagina de todas as partes a annuncios.

Foi pôis um brinquedo.

Um brinquedo de novo gosto ; pois não sigamos á risca a graça e o ramerrão do *velho almocreve*.

D'ora ávante cessam as *graças*... menos as que saem ás carradas da secretaria do reino.



Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte XI, p. 176).

É perceptível a crítica e também uma certa tentativa de Bordalo e Araújo em tentar superar o periódico de José Daniel Rodrigues da Costa. Os redatores afirmam que seus anúncios são um brinquedo de novo gosto, denominando, assim, o periódico do autor setecentista de “ramerrão”, isto é, enfadonho e cansativo.

Em outra parte do *Novo Almocreve das Petas* (1871) os redatores agradecem aos assinantes por já terem comprado o próximo tomo do periódico que seria publicado no ano seguinte, 1872:

Figura 35 – Fragmento do *Novo Almocreve das Petas*

Agradecimento geral

O *Novo Almocreve das Petas*, agradece em extremo a todos os seus assignantes que teem comprado o *Almanach de Luiz de Araujo para o anno de 1872*.

Estou tão costumado a finezas, que não me canço a admirar-as ; canço-me mas é a... agradecel-as.

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte XII, p. 188).

Mais a frente, a partir da página 190, os redatores transcrevem duas cartas de leitores que demonstram o interesse em adquirir o periódico que é denominado de “Almanaques”. Seguem:

Figura 36 - Fragmento do *Novo Almocreve das Petas*

Carta de Cintra

Sr. Luiz de Araujo. — Você não é homem ! Você é um magico ! Você nasceu para ter muito dinheiro, e desgraçadamente vive n'um paiz em que os tolos é que são remunerados, e os que teem intelligencia... andam, para viver, a precisar escrever almanachs.

Mande-me o seu *Almanach de Luiz de Araujo para 1872*. Quero-o, e quero tambem o de 1871, pois desejo a colleccção. O *Almocreve* faz-me rir a bom rir, e eu para chorar é que não estou : e se o estivesse ia-me sentar para as galerias da camara dos deputados, e lá lamentaria em pranto banhado as publicas tristezas da administração publica.

Creia-me, sem o conhecer pessoalmente, seu amigo. — *João Salustiano*.

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte. XII, pp. 190-191).

Nas palavras do leitor, percebemos o tom repreensivo em afirmar que mora num país onde os tolos são remunerados e os que são dotados de inteligência precisam escrever almanaques para sobreviver.

Figura 37 - Trecho do *Novo Almocreve das Petas*

Carta do sr. Manuel Gavinho da Cruz, de Villa do Conde

Ill.^{mo} Sr. — Respondo ao requerimento do redactor do *Novo Almocreve das Petas* na parte x do mesmo.

Como assignante do *Almocreve*, tambem quero o *Almanach de Luiz de Araujo para 1872*. Isto em linguagem da rabulice, era o mesmo que dizer — *deferido*.

É um maganão de bom gosto, e como custa menos que um fogareiro, e traz o *diabo*, venha e quanto antes ; porém como isto não é chalaça, e manda que puchem pelos cordões á bolsa... a carne está cara, etc., mando incluso duas estampilhas : uma de 60 réis e outra de vintem para a franquia. Se houver differença avise, que eu cá estou. E nada mais ; sou apezar de dar *excellencia* aos assignantes

De v. s.^a attento venerador

Manuel Gavinho da Cruz.

Villa do Conde, 12 de setembro de 1871.

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte XII, p. 191).

Ao que muito agradece José Luís Bordalo:

Figura 38 - Fragmento do *Novo Almocreve das Petas*

Amigo Manuel Gavinho da Cruz. — Um aperto de mão bem forte, e saiba que se dou *excellencia* a *vossas senhorias* assignantes, é porque para mim e para o meu socio Bordalo, todos *vossas senhorias* assignantes, são... *excellentes e excellentissimos*. — *Luiz de Aranjó*.

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte XII, p. 191).

No trecho seguinte, que se encontra no final da décima nona parte do periódico *O Novo Almocreve de Petas*, observamos que os redatores parecem desesperados por assinaturas:

Figura 39 - Trecho do *Novo Almocreve das Petas*

304

NOVO ALMOCREVE DAS PETAS

EXPEDIENTE

COUPLET FINAL

Fim de 1.º acto

Está a concluir o primeiro volume do *Novo Almocreve das Petas*.
Aos meus assignantes, ao publico, a toda a imprensa os meus mais intimos e sinceros agradecimentos pela maneira porque o festejaram.
Vae sair o segundo volume:
Digne-se receber-me a seguinte carta cada um dos meus queridos assignantes :

Ex.^{mo} Sr.

Acha-se a concluir a publicação do primeiro volume do *Novo Almocreve das Petas*, de que v. ex.^a é assignante e pelo qual lhe tributamos a maior gratidão. Com a parte xx se distribue a capa, findando assim o primeiro volume nitidamente impresso, com uma chistosa gravura do insigne caricaturista o sr. Raphael Bordalo Pinheiro, e com 320 paginas.

Pedimos a v. ex.^a a fineza de assignar para o segundo volume. Faremos todas as diligencias para mais agradar, e contámos que nos fará este favor, o qual agradecemos do coração. O preço da assignatura do segundo volume, é o mesmo do primeiro, constando tambem de vinte partes.

V. ex.^a tem a vantagem de não ficar com a obra truncada, e nós a de possuirmos em cada assignante um amigo e protector.

1871.

De v. ex.^a

Criados muito gratos e obrigadissimos,

Luiz de Araujo & J. J. Bordalo.

P. S.

Pede-me o distribuidor,
Que para este natal,
Se lembrem os assignantes
De lhe dar algum real.

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871. Parte XIX, p. 304).

Apesar de bastante anunciado, da promessa de inserir caricaturas e de já contar com um grande número de assinaturas já pagas, o tomo de 1872, até o final de nossa

pesquisa, não se encontra disponível em nenhum suporte. Não sabemos ao certo se o periódico não chegou a ter esse II tomo ou se apenas circulou manualmente, pois não conseguimos encontrar nenhum registro do número que foi tão divulgado e solicitado no primeiro tomo do ano de 1871.

A partir da página 206 da parte XIV do *Novo Almocreve das Petas*, podemos perceber que os redatores utilizam como artifício para prender a atenção dos leitores um recurso semelhante ao dos folhetinistas, que utilizavam-se da estratégia de publicar o texto em fatias (MEYER, 2006), para despertar o interesse do público leitor. Isto é, Bordalo e Araújo publicam histórias narrativas e gêneros poéticos com a omissão de seu final, para que, assim, os assinantes comprem o próximo número do periódico. O excerto abaixo é a explicação dada para a poesia jocosa na qual o eu lírico, que é um marido que lamenta o fato de ser subordinado à esposa:

Figura 40 - Trecho do *Novo Almocreve das Petas*

Um toleirão

**POESIA COMICA, RECITADA PELO ACTOR ANTONIO PEDRO NO THEATRO DE D. MARIA II
COM GERAL APPLAUSO**

O sr. Joaquim José Bordalo na rua Augusta em Lisboa n.º 24 e 26 vende esta poesia comica do *Novo Almocreve das Petas*, por 60 réis.

Devem compral-a os mancebos que teem a prenda de bem recitar poesias alegres pelas salas e theatros particulares. Para que os nossos leitores façam uma idea do escripto, dir-lhe-hemos que elle symbolisa as lamentações de um pobre marido que se vê nas condições de *Varunca*.

**Isto é, governa ella,
E elle nunca.**

Figura 41 - Excerto do *Novo Almocreve das Petas*

Entre muita lamuria, exclama com extremo sentimentalismo comico :

Por tudo... tudo ciume!!!

.....
Pois eu é que accendo o lume,
Ponho a agua para o chá,
Lavo a loiça, porque lá
Laval-a ella... pois *nana!*
Faço o jantar mal ou bem,
Trabalhinho nenhum tem.
Eu lavo as calças, camisas,
Engomo as roupas das lizas,
Quando chega a lavadeira,
Vou-me logo á brincadeira,
De cozer apontoados :
Todos são por mim contados :
Cozo as meias e casacos,
Dou passagens em buracos,
Engraixo as botas tambem :
Serviços sim, não allego,
Mas eu as casas esfrego,
Eu vou comprar o carvão...
(Eu vou compral-o, e vou sim,)
Eu vou comprar *petrolim*,
Á tenda mercar o não :

[...]
Levando o barril do lixo!!!
Eu vou comprar hortaliça,
Eu é que a acompanho á missa...
Vou á ribeira do peixe,
De mandar-me a toda a parte,
E nunca quer que eu me queixe?!
Se me zango, porque zango,
Se chalaço, porque mango,
Se mecho, sou mexilhão,
Se fallo, sou tagarella,
Ora escutem, como é ella...
Vão ouvindo. vão... vão... vão...

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte XIV, p. 216).

Ou seja, os redatores além de utilizarem a omissão do desfecho como o chamariz do próximo número, como é possível observar ao final da página que contém o texto citado, em que os redatores afirmam que quem quiser descobrir o desfecho “que compre a folhinha”, também tentam escrever sobre temáticas que despertassem o interesse dos leitores. No caso do escrito em análise, observamos que o texto aborda de forma jocosa a insatisfação de um marido que se diz dominado por sua mulher. Embora mantenha um

teor cômico, o escrito acaba por colocar em discussão, mesmo que de forma involuntária, a discussão acerca das questões femininas da época, como o fato de serem escravas do lar, isto é, sobrecarregadas com todo o serviço doméstico. Os redatores dão continuidade à discussão a respeito das mulheres em outras passagens do periódico *O Novo Almocreve das Petas*, como é possível observar no trecho seguinte:

Figura 42 – Escrito que circulou no *Novo Almocreve* acerca do caráter da mulher

Character da mulher

AO MEU AMIGO D. LUIZ LOBO DA SILVEIRA

Meu caro Luiz. — Eu até certo ponto não estou de accordo com tudo mau que se tem dito da mulher em geral.

Eu por mim, francamente, eu deffendo a mulher.
A mulher que ame, que sinta, sincera, meiga, typo!
Deffendo o ideal?

Não sei.

Todos os dias recebo cartas cheias de milhões de conceitos feitos a milhões de coisas.

Acabo do receber os que seguem.

CARACTER DA MULHER

Conheces a mulher?

Eis o seu caracter:

Chora e ri.

Nega e dá.

Pede e tira.

Odeia e ama.

Deixo á apreciação do teu talento estas opiniões.

Fonte: NOVO ALMOCREVE DAS PETAS, (1871, parte XIV, p. 219).

Como é possível constatar, os redatores do periódico tinham a preocupação em abordar temas que supunham ser do interesse do leitor daquele contexto histórico (século XIX). Enfocamos as temáticas: religiosa e feminina pelo fato de serem mais recorrentes nesse suporte. Além disso, naquele momento, eram questões censuradas e, portanto, eram de interesse tanto dos redatores quanto dos leitores pôr em evidência tais questionamentos, e Bordalo e Araújo fizeram isso com maestria através do jocoso.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho de dissertação teve como objetivo principal analisar os gêneros literários: epigrama, máxima e peça teatral presentes nos periódicos setecentista e oitocentista, respectivamente, *Almocreve de Petas: ou moral disfarçada para a correção das miudezas da vida* (1798-1799), de José Daniel Rodrigues da Costa, e *O Novo Almocreve das Petas, livro alegre e folgazão no gosto do antigo Almocreve de petas do célebre José Daniel Rodrigues da Costa*, (1871) dos proprietários e editores Joaquim José Bordalo e Luís de Araújo.

Isto é, nosso propósito foi “resgatar” esses escritos, presentes nos periódicos citados acima, do esquecimento do qual se encontram atualmente, almejando com isso, demonstrar sua importância para a sociedade leitora portuguesa dos séculos XVIII e XIX, que começava a englobar leitores pertencentes às classes populares (TINHORÃO, 2004). Após a análise do corpus, chegamos a algumas considerações que estão abaixo elencados.

José Joaquim Bordalo e Luís de Araújo fizeram uma apropriação (CHARTIER, 1991) do estilo jocoso de José Daniel Rodrigues da Costa, ou seja, o fato deste autor já ser consagrado à época por leitores populares, que eram seu grande público, proporcionou aos proprietários do *Novo Almocreve de Petas* desfrutarem do sucesso que José Daniel ao imitarem seu modo de escrita e copiarem textos inteiros que foram anteriormente publicados no periódico do autor oitocentista.

Nem todos os leitores dos séculos XVIII e XIX tinham acesso a leitura livresca, sendo assim, encontraram, nos jornais e periódicos da época, uma forma de ter acesso a esse bem cultural. Isso foi possível graças ao baixo custo do jornal, que era mais econômico que os livros, até então privilégio dos economicamente favorecidos. (BARBOSA, 2007).

O corpus de nossa pesquisa foi composto dos escritos jocosos que circularam nos periódicos: *O Almocreve de Petas* (1798-1799) e no *Novo Almocreve de Petas*, com ênfase nos gêneros: máxima, peça teatral e epigrama. Embora ambos os periódicos contivessem outros gêneros como, por exemplo, charadas, gêneros poéticos, cartas, piadas, notícias, crônicas e contos, optamos por trabalhar os três acima citados, por entendermos que, em relação à máxima e ao epigrama, terem sido, de certa forma, esquecidos pela história da literatura. Quanto ao texto teatral, decidimos analisá-lo não pelo fato de ter sido apagado, muito pelo contrário, continua muito presente na

atualidade, mas sim, porque quando de sua circulação no periódico *O Novo Almocreve das Petas*, estar inserido no contexto português da censura desse gênero. Outro motivo para o seu estudo, se justifica por não ter circulado no de José Daniel Rodrigues da Costa, no qual prevalecia a circulação das cartas. Ou seja, enquanto o *Almocreve de Petas* se deteve no gênero epistolar, que no século XVIII era a principal fonte de entretenimento (BARBOSA, 2007), o *Novo Almocreve*, no século seguinte, opta pela predominância do teatro.

Neste trabalho procuramos também ressaltar a importância de José Daniel para a historiografia literária portuguesa, pois embora não muito conhecido na contemporaneidade, o autor popular conseguiu, em seu tempo, deixar seus escritos em evidência durante muito tempo. Tal afirmativa é baseada no fato de Bordalo e Araújo copiarem, mais de um século depois (1871), um periódico inteiro desse escritor como já mencionado. Além disso, como analisado nesta pesquisa, Machado de Assis, o maior autor da nossa literatura brasileira criticou na revista “O Espelho” (1859) o estilo literário do *Josino Leiriense*, pois segundo ele, José Daniel era um simples “Adélo ambulante da inteligência, ia farto como um ovo, de feira, em feira, trocar pela azinhavrada moeda, o frutinho enfezado de suas lucubrações literárias [...] o folheto esperava sempre os incautos” (ASSIS, 1859, p.1). Isto é, o fato do escritor vender seus escritos de porta em porta. (BARBOSA, 2012) e, além disso, escrever a uma sociedade leitora popular ocasionou a José Daniel ser tão desprestigiado por Machado e também por Bocage, como analisado no primeiro capítulo desta pesquisa.

Sendo assim, acreditamos que o estudo de escritos e de alguns gêneros literários que ficaram à margem da história da literatura os quais pertencem ao século XVIII e XIX tem sua relevância pelo fato de resgatar os autores desses textos, proporcionando aos leitores da atualidade conhecê-los. E, além disso, possibilita a restauração de práticas culturais e leitoras de um público que também não é levado em consideração nos estudos culturais, os leitores de autores populares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. *Letras, Belas-Letras, Boas Letras*. In: BOLOGNINI, C. Z. (org.). *História da Literatura: o discurso fundador*. Campinas-SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003 (Coleção Histórias de Leitura).

Almocreve de Petas ou moral disfarçada, para a correção das miudezas da vida, por José Daniel Rodrigues da Costa, entre os pastores do Tejo Josino Leirense. Oficina de J. M. F de Campos. Tomos, I e II, 2. Ed. Lisboa, 1819. Disponível em: <<http://booksnow1.scholarsportal.info/ebooks/oca5/6/almocrevedepetas02costuoft/almocrevedepetas02costuoft.pdf>> Acesso em 02 jun. 2017.

ARAÚJO, Luiz de, BORDALO, Joaquim José. *O Novo Almocreve das Petas, livro alegre e folgasão no gosto do antigo Almocreve das Petas*. Tipografia Universal. De Thomaz Quintino Antunes, impressora na Casa Real. Lisboa, 1871.

Arquivo Digital7CV. Disponível em: <https://books.google.pt/books?id=TVUeAQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbg_summary_r#v=onepage&q&f=true>. Acesso em 02 jun. 2017.

ARISTÓTELES. *Arte poética*. Disponível em: <https://docviewer.yandex.com/view/0/?*=9I2HevvCml%2FPoq9CDvLkieCWc%2Bd7InVybCI6InlhLWRpc2stcHVibGljOi8vSVV1aW9vaHFVTEt1RmVWNFNHL01WUXBDamJHVjZmWmJaQjlyZWxaWHpSaz0iLCJ0aXRzZSI6IkFydGUgUG%2FDqXRpY2EgLSBBcmlzdMOzdGVsZXMuGRmliwidWlkIjoiMCIsInl1IjoiODI4OTU3MzQ5MTQ5NDQ2ODkzMCIIm5vaWZyYW1lIjpmYWxzZSwidHMiOjE0OTQ0NjkwNDc4MDZ9>. Acesso em 02 jun. 2017.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *O espelho*. 1859. Edição 00002. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700037&PagFis=15&Pesq=machado>. Acesso em: 02 jun. 2017.

BARBOSA, S. F. P. *A espada das palavras: a escrita epistolar nos periódicos luso-brasileiros do século XIX*. In: Anais do 5º Colóquio do Pólo de Pesquisa sobre as Relações Luso-brasileiras. Disponível em <<http://rgplgead.bibliopolis.info/GeADOPAC/>>. Acesso em 02 jun. 2017.

_____. *Literatura e periódicos no século XIX: perspectivas históricas e teóricas*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

_____. Imprensa periódica em folhetos de cordel.. 2012. (Aceito para publicação).

_____. *Romance e Dissimulação na escrita dos periódicos luso-brasileiros do século XIX: Adelaide de Sargans, Asarce e Ismênia e Cartas de uma peruviana*. Miscelânea, Assis, v.18. pp. 59-79, jul.-dez. 2015.

BELO, A. *A gazeta de Lisboa e o terremoto de 1755: a margem do não escrito*. Universidade Nova de Lisboa. *Análise social*. Vol. XXXIV (151-152), 1999. pp. 615-633.

BORRALHO, Maria Luísa Malato. *De cabeça na lua*. Introdução da obra *O Balão aos Habitantes da Lua*. 2006. Faculdade de letras da Universidade do Porto.

BOCAGE, M. M. *Sonetos completos*. 2ª ed. São Paulo. Editora Núcleo, 1995.

_____. *Obras de Bocage*. Introdução de Teófilo Braga. Lello e Irmão Editores, Porto, 1968.

CÂMARA, M. A. T. G. “*Mundanidade*” e *quotidiano na cultura portuguesa de Setecentos: escritas codificadas de comportamento social*. Atlas do colóquio internacional Literatura e História, Porto, 2004. V.1, pp, 107-118.

CAMARGO, K. A. F. *A revista como fonte de pesquisa*. In: *Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX*. 2014, p. 149.

CARRILHO, E. *Almocreves*. Coleção dirigida por Osório Mateus, Quimera, Lisboa, 1993, p. 11. Disponível em: <file:///C:/Users/mara/Downloads/cadernosvicente_Almocreves%20(3).pdf.> Acesso em 02 jun. 2017.

CEIA, C. *Dicionário de termos literários*. Disponível em <<http://www.edtl.com.pt/business-directory/6882/epigrama/>>. Acesso em 02 jun. 2017.

CHAGAS, Fr. António da In: ANDRADE, M. L. *Miscellanea*. Lisboa: 1867.

CHARTIER, R. *Comunidade de Leitores*. In: *A Ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução: Mary Del Priori-Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. *Figuras do autor*, in *A Ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução: Mary Del Priori-Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1999.

COELHO, J. P. *Dicionário de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, estilística literária*. 1984. 3º. edição. Volume 1. Porto: Figueirinhas. pp. 294-295.

COSTA, José Daniel Rodrigues da. *Pequena peça intitulada A casa de pasto*. Disponível em: http://biblioteca.teatro-dmaria.pt/catalogo/pub_pdf/TNDM_FG_016364_0000_capa-capat24-C-R0150.pdf

COSTA, José Daniel Rodrigues da. *Nova e Pequena Peça Crítica e Moral: os Carrinhos da feira da luz*. Disponível em: http://biblioteca.teatro-dmaria.pt/catalogo/pub_pdf/TNDM_FG_016294_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARIAS, V. L. C. *Machado de Assis na Imprensa do Século XIX: Práticas, Leitores e Leituras*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

FERREIRA, J. P. R. *Humor impresso: cultura e política em O Espreitador do Mundo Novo*. Lisbon Graduate Conference 2nd edition – September 13 and 16, 2013. Disponível em:

<<http://run.unl.pt/bitstream/10362/13650/1/Humor%20impresso%20cultura%20e%20pol%C3%ADtica%20em%20O%20Espreitador%20do%20Mundo%20Novo.pdf>>. Acesso em 02 jun. 2017.

FERREIRA, L. M. T. *Vai o diabo a casa do Alfacinha (des) amores e outras desordens nos entremezes de cordel de setecentos*. Dissertação de doutoramento em Literaturas e Culturas Românticas. 2012. Universidade do Porto. Disponível em: <file:///C:/Users/mara/Downloads/28040.1.pdf>. Acesso em: 03/09/2017.

FIGUEIREDO, A. C. B. *Bosquejo Histórico da Literatura Clássica, Grega e Portuguesa para uso das Escolas*. 5 edição, 1862. Coimbra, na Livraria de J. Augusto Orcel. Disponível em: <<https://books.google.ae/books?id=zDAqAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 02 jun. 2017.

FREITAS, Jussara Gomes da Silva de. *Sobre a teoria dos gêneros dramáticos, segundo Diderot, e sua aproximação da Poética de Aristóteles*. Vol. 4, nº 2, 2011. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/JussaraGomesdaSilvadeFreitas.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

GAY, P. As duas correntes do amor, In: *A paixão terna*. São Paulo; Companhia das Letras, 1990.

HANSEN, J. A. *A Sátira e o engenho*. São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura; Companhia das Letras, 1989.

JACA, C. *Bocage*. Bicentenário da morte do Poeta. (1805 – 2005). Diário do Minho 30 de Novembro e 7e 14 de Dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.esas.pt/jaca/docs/Bocage.pdf>. Acesso em 02 jun. 2017.

LAJOLO, M. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

LISBOA, J. L. *Papéis de larga circulação no século XVIII*. Revista de história das ideias. Vol. 20.1999. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/ihiti/rhi/vol20/pdfs/05_jlisboa.pdf>. Acesso em 02 jun. 2017.

LUCA, T. R. *Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla B. *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTINS, J.P. O. A Anarquia espontânea. In: *História de Portugal*. 3 edição aumentada, tomo II. Porto, typ. de A.F Vasconcellos, Moinho de vento, 20. 1882.

_____. A Anarquia espontânea. In: *História de Portugal História de Portugal*. Guimarães editores. Lisboa. 1987.

MARTINS, António Coimbra (1984), Costa, José Daniel Rodrigues da, in Dicionário de Literatura, org. J. do Prado Coelho, Porto, Figueirinhas, vol. 1, p. 226.

MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PASCOLATI, S. A. V. Operadores de leitura do texto dramático. In: *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Organização Thomas Bonici, Lúcia Osana Zolin. 3. ed. Ver. E ampl. Maringá: Eduem, 2009.

PÉCORA, Alcir: *À Guisa de Manifesto*. In. Máquina de Gêneros. São Paulo. EDUSP. 2001.

PEREIRA, Carolina Henriques. *ARS MEMORIAE: Um ilustre conterrâneo*: José Daniel Rodrigues da Costa, o *Josino Leiriense*. Cadernos de Estudos Leirienses-6. Dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.academia.edu/19304503/ARS_MEMORIAE._Um_ilustre_conterr%C3%A2neo_Jos%C3%A9_Daniel_Rodrigues_da_Costa_o_Josino_Leiriense>. Acesso em 02 jun. 2017.

PESAVENTO, S. J. *História & história cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

QUINTILIANO, M. F. *Instituição Oratória*. Tradução, apresentação e notas de Bruno Fregni Basseto. Tomo II. Livros IV, V e VI. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2015.

RAFAEL, G. G. *Jornais, romance-folhetim e a leitura feminina no século XIX: influências transatlânticas?* Recife. V.1 n.1. p.32-42. Jul/dez.2012.

REIS, R. Canon. In: JOBIN. J.L. (org). *Palavras da crítica*. Tendências e conceitos no estudo da Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992. pp. 65-92.

RODRIGUES, F. C. *Tradução do epigrama XXXVII, do livro V de Marcial*. Rónai: Revista De Estudos Clássicos E Tradutórios – 2013 v. 1. n. 2 pp. 189-194.

RODRIGUES, G. A. *Breve história da censura literária em Portugal*. Livraria Bertrand, Venda Nova - Amadora. Lisboa- Portugal, 1980.

SALES, G. M. A. Rastros da Memória Cultural no Período Oitocentista. In: *Livros e periódicos nos Séculos XVIII e XIX*. 2014, pp. 43-61.

SANTOS, M. J. M. *O folheto de cordel: mulher, família e sociedade no Portugal do século XVIII (1750 -1800)*. Porto: 1987 (Dissertação de mestrado).

SANTOS, M. C. *A sátira e as técnicas retóricas nas cartas jocosas de o Almocreve de Petas (1798-1799)*.) / Maria do Carmo dos Santos. - João Pessoa, 2014. 62f. : il. Monografia (Graduação em Letras / Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

SILVA, I. F. José Daniel Rodrigues da Costa. In: *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

SILVA, A. M. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa, 1789, tomos I e II.

SILVA, E. S. *A dramaturgia Portuguesa nos palcos paulistanos: 1864 a 1898*. São Paulo, 2008. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.

TEYSSIER, P. *Gil Vicente - O autor e a obra*. Tradução de Álvaro Salema. Biblioteca Breve, volume 67. 1º edição, Portugal, 1982. Disponível em: <http://fernandomaues.com/noigandres/textos/lpclassica/TEYSSIER_GilVicente.pdf>. Acesso em 02 jun. 2017.

TIN, E. *A arte de escrever cartas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

TINHORÃO, J. R. *Domingos Caldas Barbosa: o poeta da viola, da modinha e do lundu (1740-1800)*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

VERNEY, L. A. Carta sétima. In: *Verdadeiro método de estudar*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

_____. *Verdadeiro metodo de estudar, para ser útil à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal*. Valença: Oficina de Antonio Balle, 1746. v. I. Disponível em: <<http://purl.pt/118>>. Acesso em 02 jun. 2017.

TÍTULOS DE OBRAS ATRIBUÍDAS A JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA ENCONTRADOS NO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

Disponível no site:
<<http://rgplopac.bibliopolis.info/opac/default.aspx?contentareacontrol=showsearchresults.ascx&searchno=6&pageno=1>>. Acesso em 02 jun. 2017.

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *A affliccao dos portuguezes desafogada em lagrimas pela sentida falta da sua soberana a sempre...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . Lisboa : Impressao regia, 1816.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Descricao resumida do prazer, com que forao recebidas as tropas portuguezes na sua entrada,...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Impressao regia, 1813;
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Testamento, que fez o d. quixote da franca, antes de partir para a sonhada conquista da russia* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . Lisboa : Impressao regia, 1813.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *O encontro na eternidade do general marmont, com o general bonet - dialogo entre os dois* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . Lisboa : Impressao regia, 1812.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Carta de parabens, que da a ciudad de rodrigo a praca de badajoz e dialogo entre filipon,...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Impressao regia, 1812
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *No fausto dias dos annos do serenissimo senhor infante d. pedro carlos em 18 de junho de 1806* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira,1806.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Surriada a massena em portugal, e encontro das duas rivaes no palacio imperial de franca* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira,1811.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Tizoura da critica ou carta, que ao seu amigo da cidade do porto o senhor joze luiz guerner escreve* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Typografia lacerdina, 1821.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Preceitos para tourear e ser toureado, ou licoes para sahir hum cavalleiro perfeito, e hum touro...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina filhas lino da silva godinho, 1822.
Artigos

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Carta interessante, seria, e jocosa, escripta ao r.mo sr. fr. tecla branco da cruz, com golpes...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira,1822.

Artigos

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Hospital do mundo* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de j. f. m. de campos, 1824.

Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Novidades de lisboa, dadas por bento aniceto, lavrador, ao seu compadre, cura da sua freguezia na...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao de joao nunes esteves, 1823.

Poesia

Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Conversacao das senhoras na salla das visitas antes do cha* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao de joao nunes esteves, 1830.

Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Os engeitados da fortuna expostos na roda do tempo* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao de joao nunes esteves, 1837.

Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Conversacao das senhoras na salla das visitas antes do cha* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao de joao nunes esteves, 1835.

Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *O encontro na eternidade do general marmont, com o general bonet* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao regia, 1812.

Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *A verdade exposta a sua magestade fidelissima o senhor d. joao vi* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao regia, 1820.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Papeis contra papeis, ou queixas de apollo para acoute de maos poetas* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1820.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *O prazer dos lusitanos na regeneracao da sua patria* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa: Impressao regia, 1820.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Memoria do folheto intitulado "memorias para as cortes de 1821" em que sao desagravados...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Imprensa nacional, 1821.

Artigos

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Epistola, dedicada ao serenissimo senhor infante d. miguel* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao de joao nunes esteves, 1823.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Pimenta para as mas linguas em huma epistola ao illustrissimo senhor jose luiz guerner*/ Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina de lino da silva godinho, 1822.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Tizoura da critica ou carta, que ao seu amigo da cidade do porto o senhor joze luiz guerner escreve* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Typografia lacerdina, 1821.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Rimas offerecidas ao illustrissimo senhor theotonio gomes de carvalho* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1797.

Poesia

Obra rara

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Continuacao do portugal enfermo por vicios, e abusos de ambos os sexos* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao regia, 1820

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *O balao aos habitantes da lua* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa ; Ilustracoes De Delia Silva, Introducao De M. Luisa Malato Borrvalho. - ED. IL. . - Porto: Faculdade de letras universidade porto, 2006.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *O balao, aos habitantes da lua* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao de joao nunes esteves, 1822.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Noute de inverno divertida e jocoza* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa :Tipografia de nunes, [S.D.]

Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Em applauso da desejada, e conseguida paz - anno de 1801* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, [S.D.]

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *O desengano do mundo ou morte de buonaparte, encontrando este na eternidade hum rancho de...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, [S.D.]

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Ideas vagas sobre varios assumptos para recreio de todas as pessoas de ambos os sexos* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira,1822.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Novo divertimento, para meio quarto de hora* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa: Impressao de joao nunes esteves, 1825.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Cantigas patrioticas* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1810.

OBRA SEM PAGINA DE ROSTO

Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Carta interessante, seria, e jocosa, escripta ao r.mo sr. fr. tecla branco da cruz, com golpes...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1822.

Artigos

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Conversacao de senhoras em huma salla de visitas antes do cha, pilhada por hum tachigrafo...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Imprensa nacional, 1821.

Narrativa em prosa

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Conversacao das senhoras na salla das visitas antes do cha* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao de joao nunes esteves, 1835.

Narrativa em prosa

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Portugal convalescido pelo prazer que prezentemente disfruta na dezejada, e feliz vinda do seu...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Typografia lacerdina, 1821.

Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Carta de parabens, que da a ciudad de rodrigo a praca de badajoz* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao regia, [18--?].

Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Roda da fortuna, onde gira toda a qualidade de gente bem, ou mal segura: obra critica, moral,...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - [s.l.] : [s.n.], [18--?].
OBRA SEM PAGINA DE ROSTO

Narrativa em prosa

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Noute de inverno divertida e jocoza* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Tipografia de nunes, [S.D.]

Narrativa em prosa

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *O balao aos habitantes da lua* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa ; Organizacao De Alberto Pimenta . - Lisboa : Edicoes 70, 1978.

Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Almocreve de petas, ou moral disfarcada, para correccao das miudezas da vida* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa. - 2. ED. . -Lisboa : Officina de j. f. m. de campos, 1819.

OBRA COMPOSTA DE 3 VOLUMES

Poligrafias

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Partidista contra partidistas, e jacobinos praguejados* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1809.

Ensaaios

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da. *Rimas offerecidas ao illustrissimo senhor theotonio gomes de carvalho* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1795.

Poesia

Obra rara

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *O balao, aos habitantes da lua* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao de joao nunes esteves, 1822.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Conversacao das senhoras na sala das visitas antes do cha* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Imp. de j. n. esteves, e filho, 1835.

Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *O homem peixe ou as botas de cortica* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao de joao nunes esteves, 1824.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Resposta a defeza (por alcunha) das memorias para as cortes que como pilatos no credo se...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira,1821.

Artigos

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Portugal enfermo por vicios, e abusos de ambos os sexos* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao regia, 1819-20.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Preceitos para tourear e ser toureado, ou licoes para sahir hum cavalleiro perfeito, e hum touro...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina filhas lino da silva godinho, 1822.

Artigos

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Ideas vagas sobre varios assumptos para recreio de todas as pessoas de ambos os sexos* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira,1822.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Barco da carreira dos tolos: obra critica, moral, e divertida* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa. - 2. ED. . - Lisboa : Officina de j. f. m. de campos, 1820

Narrativa

em

prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Memoria do folheto intitulado "memorias para as cortes" de 1821 em que sao desagradados...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Imprensa nacional, 1821.

Artigos

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Jogo dos dotes para recreio das sociedades, em que se tirao lindas sortes em verso; e outro...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa. - 3. ED. . - Lisboa : Typografia rollandiana, 1818.

OBRA SEM PAGINA DE ROSTO

Jogos

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Almocreve de petas, ou moral disfarçada, para correccao das miudezas da vida* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa. - 2. ED. 2. ED. . -Lisboa : Officina de j. f. m. de campos, 1819.

OBRA COMPOSTA DE 3 VOLUMES

Poligrafias

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Portugal enfermo por vicios, e abusos de ambos os sexos* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao de joao nunes esteves, 1829.
Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Proteccao a franceza* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1808.
Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Conversacao nocturna das esquinas do rocio de Lisboa* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa. - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1812.
Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Carta de parabens que da a ciudad de rodrigo a praca de badajoz e dialogo entre filipon,...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Impressao regia, 1812.
Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues da. *Confissão geral de um marujo chamado Vicente por via das rogativas que fez sua mulher Joanna e sua apparição com o confessor* / Jose Daniel Rodrigues da Costa. - Ed. aum. . - Rio de janeiro : Typographia Popular de Azeredo Leite, 1862.
Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Jogo dos dotes para recreio das sociedades, em que se tirao lindas sortes em verso; e outro...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa. - 3. ED. 3. ED. . - Lisboa : Typografia rollandiana, 1818.
Jogos

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *O balao, aos habitantes da lua* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao regia, 1819.
Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *O espreitador do mundo novo: obra critica, moral, e divertida* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa. - 2. ED. . - Lisboa : Officina de j. f. m. de campos, 1819.
Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Almocreve de petas, ou moral disfarcada, para correccao das miudezas da vida* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa. - 2. ed. 2. ed. . -Lisboa : Officina de j. f. m. de campos, 1819.

OBRA COMPOSTA DE 3 VOLUMES

Poligrafias

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *A casa de pasto* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Typ. mathias jose marques da silva, 1843.
Teatro
Peça teatral

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *6 entremezes de cordel* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Editorial estampa, 1973.
Literatura de cordel
Teatro de cordel

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Resposta a proclamacao do general augerau desmascarado nesta analyse* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1809.

Ensaaios

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Segunda parte da surriada a massena e dialogo na franca* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de Simao Thaddeo Ferreira, 1811.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Testamento que fez o d. quixote da franca, antes de partir para a sonhdada conquista da russia* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Impressao regia, 1813.

Poesia

Conquista da russia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *O homem dos pezadelos ou tresvalios do somno que podem ser postos em ordem pelos acordados* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Impressao victorino rodrigues da silva, 1823.

Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *A affliccao dos portuguezes desafogada em lagrimas pela sentida falta da sua soberana a sempre...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Impressao regia, 1816.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Descricao resumida do prazer, com que forao recebidas as tropas portuguezas na sua entrada,...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Impressao regia, 1814.

Ensaaios

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *No fausto dia dos annos do serenissimo senhor infante d. Pedro Carlos* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1805.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da. *Proteccao a franceza* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa: Officina de simao thaddeo ferreira, 1808.

Poesia

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da: *Partidista contra partidistas, e jacobinos praguejados* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1809.

Ensaaios

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da: *O encontro na eternidade do general marmont, com o general bonet: dialogo entre os dois* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao regia, 1812.

Narrativa em prosa

COSTA , Jose Daniel Rodrigues Da: *Almocreve de petas, ou moral disfarcada, para correccao das miudezas da vida* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa. - 2. ED. 2. ED. . -Lisboa : Officina de j. f. m. de campos, 1819.

Poligrafias

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da: *Barco da carreira dos tolos: obra critica, moral, e divertida* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Typ. de elias jose da costa sanches, 1850.
Narrativa em prosa

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da: *Camara optica: onde as vistas as avessas mostram o mundo as direitas* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Typographia de j. f. m. de campos, 1824.
Narrativa em prosa

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da: *Em applauso da desejada, e conseguida paz* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa :Officina de simao thaddeo ferreira, 1801.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da: *Embarque dos apaixonados dos francezes para o hospital do mundo, ou segunda parte da proteccao...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1808.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da: *A verdade exposta a sua magestade fidelissima o senhor d. joao vi* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Rio de janeiro : Typographia real, 1821.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da: *Surriada a massena em portugal, e encontro das duas rivaes no palacio imperial de franca* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira,1811.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da: *Segunda parte da surriada a massena e dialogo na franca, de bonaparte enganado, massena corrido...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . -Lisboa : Officina de simao thaddeo ferreira, 1811.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da: *Portugal enfermo por vicios, e abusos de ambos os sexos* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa . - Lisboa : Impressao regia, 1820.
Poesia

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da: *Barco da carreira dos tolos: obra critica, moral, e divertida* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa. - 2. ED. . - Lisboa : Officina de j. f. m. de campos, 1820.
Narrativa em prosa

COSTA, Jose Daniel Rodrigues Da: *Confissao geral de hum marujo chamado vicente, por via das rogativas, que lhe fez sua mulher...* / Jose Daniel Rodrigues Da Costa. - 3. ED. CORR. AUM. . - Rio de janeiro :Typographia de j. j. barroso e c^a., 1837.
Narrativa em prosa